UMENTOS DE NOSSA EPOCA - 5
LEON DE
PONCINS
As
forças secretas
da Revolução
MAÇONARIA
JUDAISMO

Documentos de Nossa Epoca — Nº 5

LÉON DE PONCINS

AS FÔRÇAS SECRETAS DA REVOLUÇÃO

Maçonaria — Judaísmo

2.ª Edição

Traduzido por
Marina Guaspari

945

1937
EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria e Pelotas

"Les forces secrètes de la révolution"

DIREITOS EXCLUSIVOS DE
TRADUCÇAO PARA O
BRASIL E PORTUGAL
PROPRIEDADE LITERARIA DE
BARCELLOS, BERTASO & C[ia.]
LIVRARIA DO GLOBO
PORTO ALEGRE
RIO GRANDE DO SUL
BRASIL
1937

Oficinas gráficas da LIVRARIA DO GLOBO

PRECE

DE S. A. I. a GRAN-DUQUEZA OLGA, ASSASSINADA EM IEKATERINENBOURG, A 17 DE JULHO DE 1918.

Oração escrita em Tobolsk. Transmitida pela Condessa Hendrikoff, assassinada depois pelos bolchevistas. Traduzida pelo ex-ministro russo Botkine, irmão do Dr. Botkine, assassinado com o Tzar.

Inspira-nos, Senhor, paciência;
Nestes dias sombrios e atormentados,
Devemos suportar a populaça
E as torturas dos nossos algozes.

Dá-nos, Deus Justo, a fôrça
De perdoar as infâmias,
De ir, como tu, resignados,
Para a cruz pesada e cruenta.

E, na fúria da tormenta,
Roubados, vituperados pelo inimigo,
Ajuda-nos, Jesús Salvador,
A suportar tudo: injúrias e desprêzo.

Deus, Todo-Poderoso do universo,
Faze com que a prece nos dê fôrças
E acalme a nossa alma dolorida,
Na hora da angústia e do terror.

Diante da sepultura entreaberta,
Sentindo-lhe o hálito nos lábios,
Dá-nos a fôrça sobrehumana
De perdoar e de rogar por êles.

PREÂMBULO

Assistimos, atualmente, a um imenso movimento revolucionário cuja primeira manifestação exterior foi a Revolução Francesa de 1789.

Êsse movimento, que depois se alastrou por tôda a Terra, tem uma significação muito mais profunda do que geralmente se pensa e tende a destruir a civilização.

Dêle depende a sorte da humanidade. Temos, portanto, todo o interêsse em conhecer as causas do movimento e suas conseqüências, ou, por outra, em saber para onde vamos.

Ora, entre as fôrças revolucionárias, há duas que, embora mais ou menos ocultas e ignoradas do público, são primordiais:

A Maçonaria e o Judaísmo.

São estas as fôrças que nos propomos a tornar mais conhecidas. [1]

---

[1] O fim desta obra não é vulgarizar documentos inéditos mas expor e resumir o aspecto geral da questão para leitores que, na suposição do autor, ignorem completamente o assunto.

PREFÁCIO

A primeira edição de *Fôrças secretas da Revolução* apareceu em 1928. A publicação do livro facilitou o meu trabalho, proporcionando-me novas possibilidades; possuo, agora, fontes de informações que antes não tinha. Críticas e polêmicas da imprensa revelaram-me certos pontos inexatos, mas também precisaram e confirmaram muitos outros. Tive ensejo de manusear documentos e obras que, antes, não conseguiria obter. Aproveitei-os, para a verificação minuciosa de tudo o que escrevera, capítulo por capítulo. Por conseguinte, apresento hoje aos leitores uma nova edição de *Fôrças secretas da Revolução* que, sem sofrer modificações no seu plano geral nem nas suas conclusões, foi, contudo, tão transformada, que se pode considerar um livro novo.

Eis um breve resumo dos melhoramentos introduzidos na obra:

No que se refere às citações, substituí as de segunda mão por outras verificadas nos textos originais. O plano da segunda parte — Judaísmo — foi modificado e esclarecido; esta parte da obra baseia-se, agora, quasi exclusivamente nos textos hebraicos. Acrescentei um capítulo relativo às maçonarias irregulares e às associações secretas que não fazem parte da maçonaria pròpriamente dita.

No que concerne à Maçonaria, o sr. Alberto Lantoine, um dos membros mais autorizados da grande Loja da França, censurou-me, por ter citado trechos de discursos pronunciados em horas de luta e que, portanto, não representavam o verdadeiro aspecto da Maçonaria. Substituí, pois, os trechos incriminados por citações extraídas dos próprios escritos do sr. Lantoine. Apelei igualmente para as obras dos srs. Lebey e Plantagenet que

são os porta-vozes autorizados do Grande Oriente da França e da associação maçônica internacional (A. M. I.). Aproveitei o ensejo, para tratar minuciosamente do papel atual da Maçonaria na França. Relativamente à revolução de 1789, utilizei-me da importante série de documentos do maçon G. Martin. Fiz as observações necessárias concernentes à Alta Loja Romana. Tendo reconhecido que Wichtl cometeu erros de detalhes, acêrca do papel da Maçonaria na revolução húngara, substituí as suas citações por trechos dos textos maçônicos originais, cuja importância todos compreenderão.

Modifiquei o capítulo relativo à Maçonaria inglesa, porque a minha opinião, a-pesar-de exata, era demasiadamente absoluta.

Finalmente, graças aos textos maçônicos mais recentes, pude introduzir novas precisões sôbre o papel da influência judaica na Maçonaria e desenvolver mais as conclusões.

Na segunda parte — Judaísmo — suprimi o manifesto da aliança israelita universal, porque, de uma polêmica travada na Suíça, resultou quasi a certeza de que tal documento é apócrifo. Seja como fôr, a sua autenticidade é duvidosa. Por medida de precaução, suprimi o documento Zunder, cuja origem parece incerta. Substituí êste documento por um extrato do Sepher-Ha-Zohar.

Mas duvido que o Judaísmo tenha lucrado com a troca.

Redigí de novo e inteiramente os capítulos relativos à raça e à religião hebraicas, para os quais me utilizei, entre outras, da obra recente de Kadmi-Cohen. Modifiquei ligeiramente os capítulos da imprensa e da vida econômica.

Julgo ter feito o que é humanamente possível, para suprimir todo risco de êrro, e espero que os que ainda possa haver não passem de meros detalhes.

Especifiquemos, uma vez por tôdas, que, quando me refiro à religião católica, tenho em vista a doutrina espiritual e não necessàriamente o clero, uma parte do qual adere às idéias da esquerda mais avançada. [1]

Para terminar, acrescentemos que, quando *As fôrças secretas da Revolução* apareceram, tudo o que se passou fôra previsto. A obra encontrou uma obstrução geral. Mencionemos, sem insistir, que, com raras exceções, nenhum dos jornais ou das revistas de Paris que constituem a chamada imprensa conservadora lhe dedicou uma linha. A-pesar-disto, o livro espalhou-se pela Europa inteira e a edição esgotou-se ràpidamente. Ainda há pouco, foi traduzido para o inglês e para o alemão.

Isto prova que existe, na Europa, um sentimento geral de reação contra as fôrças revolucionárias, sentimento que se deve estender e unificar.

[1] Veja-se a êsse respeito a obra de A. Cavalier *Les rouges chrétiens*. Bossard, editor, Paris, 1929.

I

A MAÇONARIA

INTRODUÇÃO À QUESTÃO MAÇÔNICA

QUE E' A MAÇONARIA?

E' difícil responder, em poucas palavras, a esta pergunta, pelas seguintes razões:

1.º) A Maçonaria é uma associação secreta.

E julga dever ocultar os seus segredos, não só aos profanos, mas à maior parte dos seus adeptos. Só poucos iniciados conhecem os seus verdadeiros intuitos. Os adeptos colaboram, mais ou menos inconcientemente, para um fim que ignoram, dirigidos por chefes invisíveis de cuja existência, muitas vezes, nem suspeitam.

2.º) A Maçonaria não apresenta uma forma rígida e invariável.

A obra que se propõe a cumprir é tão vasta, que está dividida e cada parte da Maçonaria tem a sua atuação própria, variável conforme os países, as épocas, as circunstâncias; de modo que, se perguntarmos a vários maçons o que é a Maçonaria, podem, de boa fé, exprimir definições muito diversas.

3.º) A Maçonaria dissimula o seu verdadeiro intuito sob fórmulas vagas.

Nunca exprime, de um modo determinado, o que pretende e isto deliberadamente. Graças a essas fórmulas vagas, os seus dirigentes puderam, pouco a pouco e sem excessivas contradições, orientar a Maçonaria no sentido que lhes pareceu conveniente.

O conjunto destas razões torna a Maçonaria um problema complexo. Conseguiu-se conhecer uma parte da verdade pelos seguintes meios:

1.º) ESTUDANDO OS DOCUMENTOS MAÇÔNICOS
(Publicações, relatórios de sessões e correspondência maçônica).

Êste trabalho é, hoje, relativamente fácil em certos países, como na França em que a Maçonaria se julga bastante poderosa, para manifestar a sua atividade.

2.º) ESTUDANDO AS OBRAS DE ANTIGOS MAÇONS
(Como Copin Albancelli, Findel, Robinson, etc.).

Sucedeu algumas vezes que, chegando a entrever a verdade, alguns maçons consideraram um caso de consciência desligarem-se da associação e divulgarem os seus segredos e os seus perigos. Houve também raros exemplos de pessoas que conseguiram introduzir-se nas lojas, com o intuito de desvendar os segredos maçônicos. Mas foram casos excepcionais. A Maçonaria soube tomar as suas precauções, afim de evitar tôda indiscreção, e veremos, mais tarde, que não recua perante nenhuma dificuldade, para se desembaraçar dêsses membros infiéis ou comprometedores.

3.º) BASEANDO-SE EM DOCUMENTOS MAÇÔNICOS DA MAIS ALTA IMPORTÂNCIA, CAIDOS EM PODER DE CERTOS GOVERNOS E POR ESTES DIVULGADOS

Êste caso reproduziu-se, principalmente, três vezes:

1.º) Em 1785, Lanz, membro da seita maçônica dos *Iluminados da Baviera*, quando transportava alguns documentos secretos, foi fulminado por um raio, em Ratisbonne.

Recolhendo-lhe o corpo, a polícia encontrou sôbre êle papéis tão comprometedores, que o govêrno bávaro interveio imediatamente. Operou-se uma perseguição coroada de êxito nos papéis da seita, e o caso terminou por um célebre processo. O chefe Weishaupt conseguiu fugir. Todos os documentos apreendidos figuram no Arquivo de Munich. Foram comunicados a todos os governos europeus, que, aliás, não lhes deram a devida importância.

2.º) Em 1845, os documentos da associação secreta *A Alta Venda Romana* caíram em poder do Vaticano e foram publicados, em parte, por Crétineau-Joly no seu livro *A Igreja Romana perante a Revolução*. Ainda naquela ocasião, foram transmitidos a todos os governos europeus, mas sem obter maior sucesso.

3.º) Em 1919, após a queda de Bela Kun, chefe da revolução bolchevista da Húngria, o govêrno ordenou a apreensão dos arquivos maçônicos das lojas de Budapest. A ação revolucionária dos maçons era flagrante; tôdas as lojas da Húngria foram fechadas e a Maçonaria foi interdita.

4.º) VERIFICANDO A OBRA REVOLUCIONARIA MAÇÔNICA REALIZADA, NO MUNDO, DURANTE DOIS SECULOS

Esta obra de desagregação atinge todos os ramos: religião, política, costumes sociais, artes, literatura, etc. em todos os países. E' a prova mais sólida e mais tangível; porque, se é fácil refutar um argumento, não é possível negar os fatos e a quantidade dêste é tal, que, evidentemente, não se pode alimentar a mínima dúvida sôbre a verdadeira essência da Maçonaria.

Dêste estudo resultou, pouco a pouco, o conhecimento da ação desta seita universal.

Podemos defini-la concisamente, nestes termos:

A Maçonaria é um conjunto e uma superposição de associações secretas, espalhadas no mundo inteiro.

Seu fim é destruir a atual civilização de base cristã, substituindo-a por outra civilização racionalista e atéia que teria como religião a razão e a ciência, o que conduz, em linha reta, para o materialismo. Embora as aparências tenham variado muitas vezes, o fim conservou-se imutável.

A essência profunda da luta é, portanto, espiritual. E' o conflito entre o racionalismo e a idéia cristã, entre os direitos de Deus e os direitos do homem que seria promovido a homem-Deus, dirigido pelo Estado-Deus. Para chegar a êsse resultado final, foi necessário começar derribando as monarquias que representam os princípios da autoridade e da tradição, para substituí-las, lentamente, pela república maçônica atéia e universal.

O papel revolucionário da Maçonaria consiste mais em criar o estado de ânimo revolucionário do que em agir diretamente.

Poder-se-iam citar, como prova dêste breve resumo, numerosos textos maçónicos. Escolhamos, ao acaso, alguns:

"A República francesa, filha da Maçonaria francesa, à república universal do futuro, filha da Maçonaria universal..." [1]

"Quando consideramos o trabalho realizado, temos o direito de nos orgulharmos da nossa propaganda. Sabemos perfeitamente que a tarefa ainda está incompleta; mas que são dois séculos, na vida da humanidade?"

"Dois séculos depois do seu aparecimento, o próprio cristianismo não parecia ter correspondido à esperança dos seus profetas e, contudo, acabou dominando o mundo ocidental".

"Dar-se-á o mesmo com a Maçonaria, porque, com o progresso constante da instrução e da ciência que matam os Deuses e as superstições, ela aparecerá, cada vez mais, como a única religião digna dos homens".

"Não temos o direito de desanimar, porque o nosso segrêdo continua sendo o que revelava um curioso livrinho, hoje esgotado, publicado em Bruxelas em 1744, *A Maçonaria ou a revelação dos mistérios dos maçons* por Mme.***. Consiste em edificar, insensivelmente, uma república universal e democrática que terá como rainha a Razão e como supremo conselho, uma assembléia de sábios..." [2]

Estas citações são bastante claras; será inútil prolongá-las. Tendo exposto, em resumo, o problema, passemos agora a estudá-lo nos seus detalhes e a mostrar, com o apôio das provas:

1.° — A Maçonaria, na aparência.
2.° — Sua ação revolucionária no mundo.
3.° — A verdadeira Maçonaria.
4.° — A unidade da Maçonaria universal.
5.° — A influência judaica na Maçonaria.

(1) Brinde do presidente do Grande Oriente em 1923. Convenção do Grande Oriente, 1923, pág. 403.

(2) A. Lantoine — *Hiram no Jardim das Oliveiras*. Págs. 30-32. Livraria Maçônica Gloton. París, 1928.

PRIMEIRA PARTE

A MAÇONARIA, NA APARÊNCIA

DEFINIÇÃO DA MAÇONARIA

Já dissemos que a Maçonaria difere, na aparência, conforme as circunstâncias, as épocas e os países. Assim a Maçonaria dos países católicos é diferente da dos países protestantes. E a Maçonaria atual é diversa da que existia antes de 1789 e da que se manifestou nos meados do século XIX.

Sempre e em tôda parte, apresenta diferenças e contradições.

Em princípio e segundo os seus estatutos, é uma associação secreta com intuitos filantrópicos, humanitários e progressistas. Tende a enobrecer e aperfeiçoar a sociedade, orientando-a para um ideal de luz, de verdade e de progresso. Praticam-se, na Maçonaria, tôdas as virtudes, principalmente a da tolerância e da solidariedade fraterna entre maçons. E' uma instituição sublime, santa e sagrada, a perpétua iniciadora de tudo o que se pratica de bom, de belo e de sublime na humanidade. Esta associação pretende principalmente elevar-se acima das idéias de partido, de classe, de nacionalidade e de religião; todos os seus adeptos são iguais e irmãos. Nos estatutos originais, não se trata de política. Do ponto de vista religioso, cada qual pode crer no que lhe convier.

Estas declarações encontram-se ou encontraram-se nas constituições de tôdas as federações maçônicas; constituem, portanto, autoridade.

O que logo impressiona o profano é o indeterminado das fórmulas. Que é a luz? Que se entende por um ideal de progresso? Cada qual pode concebê-los de um modo diverso.

E' justamente o que a Maçonaria quer, para poder operar nos sentidos mais variados. Só duas afirmações são expostas claramente: não se deve tratar de política, respeitam-se tôdas as crenças.

Veremos que os fatos desmentem, sem cessar, estes dois dogmas. Na França, por exemplo, a Maçonaria já nem se oculta e desenvolve francamente uma guerra política e religiosa.

ORIGENS DA MAÇONARIA

São vagas e múltiplas, se nos basearmos nas versões contraditórias fornecidas pelos maçons. Parece indiscutível que a associação data de época remota. Na Inglaterra, provém das confrarias dos pedreiros construtores da Idade-Média.

Històricamente, pode-se afirmar que, sob a forma atual, a Maçonaria existe desde 1717. Nessa época, diversas lojas inglesas reüniram-se em Londres e fundaram a *Grande Loja da Inglaterra*, a mais antiga de tôdas as lojas do universo. James Anderson foi encarregado de reünir, corrigir e redigir, sob uma forma definitiva, os estatutos maçônicos. O seu trabalho apareceu em 1723 e serviu de base a tôdas as constituições maçônicas atuais. (1)

ORGANIZAÇÃO DA MAÇONARIA

E' dupla e simultânea; a organização administrativa visível e a organização oculta, desconhecida, às vezes, dos próprios maçons.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA APARENTE

A Maçonaria de todo o mundo divide-se em vários grupos, administrativamente independentes uns dos outros, correspondendo cada um dêles a um país. Têm denominações diferentes, tais como Federação da Grande Loja da Inglaterra, do

(1) Informações minuciosas nas obras seguintes: W. J. Hughan — *Constitutions of the Free — Masons of the premier grd. Lodge of England*. Londres 1899. W. Begemann — *Vorgeschichte und Anfange der Freimaurerei in England*. Berlin 1909.

Grande Oriente da França, etc. A organização administrativa de cada grupo é quasi a mesma em tôda parte.

Consideremos, por exemplo, a do Grande Oriente da França. Compreendia, antes da guerra, cêrca de 20.000 adeptos, repartidos em 400 lojas, tendo cada uma, em média, 50 membros. (1)

Cada loja é dirigida por cinco oficiais, eleitos anualmente: O Venerável, o primeiro e o segundo vigilantes, o orador e o secretário, que só têm autoridade nas suas lojas. A autoridade central do conjunto social também é eletiva. Cada loja elege um delegado; estes delegados reunem-se duas vezes por ano e a assembléia assim constituída é a convenção, ou o parlamento maçônico da Federação.

Esta convenção elege 33 membros, nomeados pelo espaço de 3 anos, para formar o Conselho da Ordem ou a comissão executiva da Federação inteira.

À frente do Conselho da Ordem, há um gabinete chefiado por um Presidente. (Em outras Federações, o Presidente denomina-se Grão-Mestre). Êste Presidente ou Grão-Mestre dirige, pois, uma administração maçônica federativa, mas não tem a importância que se lhe poderia atribuir.

A convenção examina os assuntos de interêsse geral da Maçonaria, fixa o orçamento, resolve as modificações dos estatutos, entra em relação com as outras federações e, na atualidade, ocupa-se principalmente de questões políticas e religiosas.

ORGANIZAÇÃO SECRETA DOS GRAUS

Explicámos a organização visível; porém, segundo um ex-maçon, Copin Albancelli, existe simultâneamente outra muito mais secreta: a dos graus.

Exponhamo-la brevemente, para mais tarde a desenvolver. Quando alguém se inscreve na Maçonaria, entra primeiro a fazer parte de uma loja denominada dos aprendizes: recebem-no como aprendiz. Depois de certo estágio, quando o seu espírito fôr julgado suficientemente preparado, para receber a luz maçônica, é promovido ao grau de companheiro, isto é, passa a

(1) Há, na França, cêrca de 50.000 maçons.

fazer parte de uma loja de companheiros. Após um novo período de observação, se fôr julgado apto, o companheiro será nomeado mestre e entrará para uma loja de mestres. Todo maçon pode visitar uma loja estranha, de categoria igual ou inferior à da sua. Cada grau tem catequismos, rituais e símbolos particulares.

Notemos aqui uma diferença: na organização administrativa aparente, os chefes são eleitos, no passo que, na organização dos graus, são nomeados por seleção. Os maçons de grau superior observam os seus irmãos do grau inferior, e só admitem entre êles os que julgam dignos de serem escolhidos.

Outra particularidade: a nomeação de um adepto para um grau qualquer é definitivo, enquanto, na organização administrativa, a eleição é sempre temporária.

Os graus de aprendiz, de companheiro e de mestre formam a Maçonaria inferior, ou Maçonaria azul, da qual é licito desligar-se. Acima dela, existe a Maçonaria dos Altos Graus, cuja existência muitos dos próprios mestres ignoram. O número dos altos graus varia segundo as Federações e os ritos. Outrora, no Grande Oriente da França, era de 33. Atualmente, há apenas 8. Os mais conhecidos são os da Rosa-Cruz, de Cavalheiro Kadosch, etc. O rito escocés praticado pela Grande Loja conservou os 33 graus.

Os Conselhos Supremos do rito escocés no mundo inteiro, são confederados e têm anualmente uma assembléia geral em que os graus 33 do Grande Oriente não são recebidos.

Acima dêstes, os graus continuam a ser outorgados por seleção; o seu número diminue proporcionalmente à elevação, e os altos graus tornam-se cada vez mais secretos.

Freqüentemente, um ou mais maçons de grau superior assistem às reüniões das lojas de qualquer categoria, sem que, muitas vezes, os membros ordinários tenham conhecimento da sua presença. Cada maçon ignora, pois, o que se diz ou se faz nas lojas de categoria superior à da sua, nas quais a entrada lhe é interdita. É, pelo contrário, um dever essencial, imposto aos superiores, a freqüência das lojas de grau inferior, às quais devem transmitir as inspirações que êles próprios receberam de outrem.

A Maçonaria é, por conseguinte, uma superposição de associações secretas. Enquanto na organização administrativa a direção provém das camadas inferiores, por eleição, a organi-

zação oculta dos graus sugere-nos a idéia da provável existência de um grupo misterioso e superior, que faz circular, de uma maneira invisível, a sua vontade por tôda a pirâmide maçônica. Compreende-se que os documentos provenientes dos grupos superiores, tais como os do Iluminismo da Baviera, da Alta Venda e das lojas húngaras, tenham esclarecido profundamente os intuitos e os métodos da Maçonaria. O homem que ocupa o vértice da pirâmide domina-a inteiramente.

Seja como fôr, esteja o segrêdo maçônico na organização dos graus ou alhures, é certo que, entre a Maçonaria aparente, isto é a associação secreta, humanitária e filantrópica, e a imensa ação revolucionária que ela exerceu no mundo, o contraste é flagrante.

A mesma desproporção existe entre a sua organização visível e os extraordinários resultados conseguidos. Ninguém admitirá, sem objeções, a necessidade do terrível juramento imposto a todos os maçons, juramento acompanhado de maldições e ameaças, no caso de algum dentre êles desvendar os segredos da seita. Uma simples associação de beneficência tomaria tão graves disposições e semelhantes medidas de precaução? Quem quer, embora discretamente, praticar o bem, não necessita ocultar-se tanto: além do frontispício, deve haver alguma cousa.

Estudemos, pois, o papel da Maçonaria na história e nos seus documentos de Munich, de Veneza e de Budapest, e ela aparecerá sob o seu verdadeiro aspecto: o de uma fôrça essencialmente destruidora e revolucionária.

Não me ocuparei com os ritos, os símbolos e as cerimônias necessárias para criar, no interior das lojas, o estado de ânimo exigido e para a propagação da doutrina maçônica. Cada grau tem as suas cerimônias, os seus rituais, os seus catequismos e os seus cânticos. Tudo isto não interessa aos profanos.

Diremos apenas algumas palavras sôbre o ponto mais importante: a religião do segrêdo, que é a essência da Maçonaria. A cada grau, repete-se o dever de o observar e lembram-se os castigos reservados ao maçon infiel.

Eis uma fórmula:

"Se eu trair minimamente o meu juramento, seja-me cortado o pescoço; meu coração, meus dentes e minhas entranhas

sejam arrancados e deitados ao fundo do mar; queime-se o meu corpo e dispersem-se as minhas cinzas no ar, para que nada reste de mim e dos meus pensamentos entre os homens e entre os meus irmãos maçons". (1)

Sob êste aspecto, a Maçonaria está tão bem organizada e sabe tornar seus adeptos tão herméticos, que não transpira uma única palavra, nem entre os graus inferiores que nada sabem de importante e formam a imensa maioria. Não há, que eu saiba, exemplo algum de iniciados superiores que tenham traído a seita — aliás, a morte lhes fecharia os lábios.

Mais uma palavra acêrca do emprêgo do tempo, nas lojas. Excetuando as cerimônias do culto, fazem-se e ouvem-se principalmente conferências destinadas a inculcar e a propagar a doutrina maçônica.

Depois dêste breve exame da organização da Maçonaria, passemos a estudar a sua ação revolucionária no mundo, desde 1789 até aos nossos dias. Os fatos, por si mesmos, demonstrarão o que é realmente a Maçonaria.

(1) Jornal maçônico Latomia 1869, pág. 46.

SEGUNDA PARTE

O PAPEL REVOLUCIONÁRIO DA MAÇONARIA NO MUNDO

A MAÇONARIA E A REVOLUÇÃO DE 1789

Nenhum dos grandes historiadores clássicos da Revolução menciona o papel que nela desempenhou a Maçonaria. Isto, na verdade, é incompreensível: essa revolução é o maior acontecimento da história, nos últimos 1800 anos, um acontecimento que alterou a face do mundo. Como pôde a fôrça oculta que nêle exerceu um papel primordial, imenso, ficar durante séculos, ignorada?

Alguns, muito raros, souberam a verdade e, por temor ou por interêsse, conservaram-na sob silêncio.

Outros, ainda mais raros, falaram: foram considerados visionários. Muitos dentre êles — refiro-me aos que eram sinceros — perceberam que as manifestações revolucionárias de 1789 não eram inteiramente espontâneas. Pressentiram um impulso secreto, sem lhe poder descobrir a origem.

Ora, na época atual, a Maçonaria reconhece abertamente a Revolução francesa como obra sua.

Na Câmara dos Deputados, na sessão de 1.º de julho de 1904, o Marquês de Rosanbo pronunciou as seguintes palavras:

"A Maçonaria trabalhou em surdina, mas de uma maneira constante, para preparar a Revolução".

Junel — "Efetivamente orgulhamo-nos disto".

Alexandre Zévaès — "E' o maior elogio que V. S. lhe pode fazer".

Henri Michel (Bôcas do Ródano) — "Eis a razão pela qual V. S. e os seus amigos a destestam".

M. de Rosanbo — "Estamos, pois, perfeitamente de acôrdo sôbre êste ponto: a Maçonaria foi a única autora da Revolução e os aplausos que recebo da esquerda e aos quais estou pouco habituado provam, senhores, que reconheceis comigo que ela fêz a Revolução francesa".

Junel — "Fazemos mais do que reconhecê-lo: proclamamo-lo". (1)

O plano maçônico foi o seguinte:

E' preciso destruir a civilização cristã no mundo. O ataque deve começar pela França que é a sua representante mais poderosa; é preciso aniquilar o que constitue a sua fôrça: a monarquia e o catolicismo. Privada destas bases, a ordem social ficará indefesa e será possível abolir a hierarquia, a disciplina, a família, a propriedade, a moral.

Como a Maçonaria não pode entrar em luta aberta com a Igreja, atacará os seus esteios naturais: a monarquia e a nobreza: portanto o seu sentido recôndito não é só político, mas essencialmente social e religioso, desde que a civilização ocidental tem por bases a doutrina e a disciplina cristã.

A abolição da monarquia por direito divino era a condição *sine qua non* do êxito do plano inteiro. A Revolução que asseveram ter sido feita pelo povo foi, na realidade, praticada contra êle. A monarquia e a nobreza não foram aniquiladas, porque oprimiam a França, mas, pelo contrário, porque a protegiam demais.

Plano excessivamente inverosímil, podereis objetar.

Entretanto foi traçado, minuciosamente e por escrito, pela mão de Weishaupt, chefe da seita maçônica dos *Iluminados*, muito antes de 1789. Êsses documentos indiscutíveis, apreen-

(1) Passagem citada na *Conjuração Anti-cristã*, de Monsenhor Henrique Delassus.

didos pelo govêrno bávaro na própria sede do *Iluminismo*, eram visíveis no Arquivo de Munich. (1)

Aliás, a aplicação prática que tiveram, em 1789, é uma garantia da sua autenticidade.

A IDÉIA, ARMA DE DESTRUIÇÃO

A extraordinária prova de habilidade do oculto poder maçônico foi ter feito a França trabalhar para a sua própria destruição e servir-se do povo, para derribar tudo o que, na realidade, o protegia.

A mentira e a hipocrisia tornam-se o caracteristico de todos os movimentos revolucionários do mundo, desde 1789 até à atualidade. Afirma-se uma cousa e opera-se, concientemente, em sentido contrário.

"E' preciso mentir como um demônio, escrevia Voltaire: não timidamente, nem só temporàriamente, mas sempre e com audácia". (Carta a Thériot).

Segundo Collot d'Herbois, o principio geral é: "Tudo é licito para a vitória da Revolução".

Essa fôrça misteriosa que dirigia o ataque espalhava algumas idéias belas e sublimes, na aparência, mas que eram, na realidade, uma arma terrivel de destruição. Além disto, teve a seu serviço o verdadeiro gênio da fórmula: o essencial é dizer às massas a frase exata, sonora e cheia de belas promessas; pode-se depois fazer o contrário do que se promete, que não terá mais nenhuma importância. Sirvam de exemplos as três palavras de origem maçônica: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, que serviram para destruir a França.

(1) Êsses documentos foram reproduzidos, em parte, pelo Abbade Barruel, no seu livro *Memórias para servirem à história do Jacobinismo*, 1798, e, mais recentemente, por Mons. Delassus, na sua obra *A conjuração anti-cristã*, 1910. Veja-se também: Le Forestier — *Les Illuminés de Bavière*, 1914 e N. H. Webster — *The World Revolution*, 1922.

Resumindo: a Revolução de 1789 não foi um movimento espontâneo de revolta contra a *tirania* do antigo regime, nem um impulso sincero e entusiástico a favor das idéias novas de liberdade, igualdade e fraternidade, como se quis fazer acreditar. A Maçonaria foi a inspiradora do movimento. Se não criou completamente a nova doutrina, cuja longínqua origem provém da Reforma, elaborou os princípios de 89, difundiu-os nas massas e contribuiu ativamente para a sua realização.

Provemos, agora, esta asserção.

A AÇÃO REVOLUCIONARIA DA MAÇONARIA DE 1789 A 1792

Todos conhecem a preparação revolucionária dos Enciclopedistas. O que se ignora é o papel preponderante que a Maçonaria desempenhou em tôda a Revolução. Leia-se o testemunho do maçon Bonnet, orador da convenção do Grande Oriente da França, em 1904:

"No século XVIII a gloriosa casta dos Enciclopedistas encontrou nos nossos templos um auditório fervoroso que, único naquela época, invocava a radiosa divisa, ainda desconhecida das multidões: "Liberdade, Igualdade e Fraternidade". A semente revolucionária germinou depressa nesse meio seleto. Os nossos ilustres irmãos d'Alembert, Diderot, Helvétius, d'Holbach, Voltaire, Condorcet remataram a evolução dos espíritos, prepararam a era nova. E, quando a Bastilha desmoronou, coube à Maçonaria a suprema honra de outorgar à humanidade a Carta que, com tanto carinho, elaborara.

"Foi o nosso irmão de La Fayette quem primeiro apresentou o "projeto de uma declaração dos direitos naturais do homem e do cidadão vivendo em sociedade", que forma o primeiro capítulo da Constituição.

"A 25 de agôsto de 1789, a Constituinte, que contava, entre seus membros, mais de trezentos maçons, adotou definitivamente e quasi palavra por palavra, tal como fôra longamente estudado nas lojas, o texto da imortal declaração dos Direitos do Homem. Naquela hora decisiva para a Civilização, a Maçonaria francesa representou a conciência universal e não cessou, depois, de contribuir com o resultado das lentas elabora-

ções das suas lojas para as improvisações e as iniciativas dos constituintes".

Esta afirmação é tão nítida e explícita, que torna supérfluo qualquer comentário.

Entre os documentos que attestam a ação revolucionária da Maçonaria, os mais completos são os dos *Iluminados*.

Vimos em que circunstâncias o govêrno da Baviera mandou apreender, em Munich, o arquivo da seita do *Iluminismo*, a 11 de outubro de 1786. O chefe Weishaupt, conseguiu fugir. Da perquisição operada resultou o descobrimento de um minucioso plano de revolução mundial. (Todos os documentos foram reünidos sob o título de *Escritos originais da ordem e da seita dos Iluminados* e publicados por A. François, tipografia da Côrte, em Munich, 1787. [1])

A alma da associação era o seu chefe, Weishaupt. Na sua *História da Revolução*, Luiz Blanc, revolucionário bastante puro para que não seja possível duvidar das suas palavras, assim lhe caracterizou a ação:

"Conseguir simplesmente pela atração do mistério, única fôrça da associação, submeter à mesma vontade e animar com a mesma idéia milhares de homens, em várias regiões do mundo e principalmente na Alemanha e na França, transformar êsses homens em seres inteiramente novos, por meio de uma educação lenta e gradual, torná-los obedientes até ao delírio e à morte a chefes invisíveis e ignorados, influir secretamente com o pêso de semelhante legião sôbre os corações, circundar os soberanos, dirigir, sem que o percebam, os governos e levar a Europa inteira ao ponto de aniquilar tôda superstição (leia-se religião) de derribar tôda monarquia, de declarar injusto qualquer privilégio de nascença e de abolir o próprio direito de propriedade: tal foi o plano gigantesco do *Iluminismo*.

Para passar da preparação à atividade, operou-se um trabalho de organização e de concentração maçônica. Para êste fim, instalou-se em Wilhelmsbad, perto de Francfort, em 1784,

(1) Os mesmos documentos foram publicados, na França, pelo Abbade Barruel, em seu livro *Memórias para a história do Jacobinismo*, em 1798.

um congresso maçônico europeu no qual os *Iluminados* tiveram um papel preponderante e em que foi posta em discussão a marcha da obra e, segundo alguns autores, a morte de Luiz XVI e de Gustavo III da Suécia.

Temos sôbre êste ponto os testemunhos particulares de Mirabeau, do conde de Haugwitz, do conde de Virieu, do Rev. Padre Abel, etc.

No Congresso de Verona, em 1822, o delegado da Prússia, conde Haugwitz, leu um relatório em que confessava ter sido maçon e encarregado das reüniões maçônicas em diversos países. [1]

Eis um trecho do seu relatório:

"Foi em 1777 que me incumbi da direção das Lojas da Prússia, da Polônia e da Rússia.

"Frequentando-as, adquiri a firme convicção de que tudo quanto aconteceu na França desde 1788, ou seja a Revolução francesa, inclusive o assassinato do Rei com todos seus horrores, não só fôra resolvido naquela época, mas fôra preparado com reüniões, instruções, juramentos e indícios que não permitem a mínima dúvida, acêrca da inteligência que tudo preparou e dirigiu".

O conde de Virieu fôra delegado em Wilhelmsbad, como representante da Loja Maçônica dos Cavalheiros benfeitores de Lyão. Depois do seu regresso a Paris, atemorizado pelo que soubera, declarou:

"Não vos direi os segredos de que sou portador, mas julgo poder-vos adiantar que se está tramando uma conjuração tão bem urdida e tão profunda, que dificilmente a religião e o govêrno deixarão de sucumbir".

O Rev. P. Abel, filho do ministro da Baviera, numa conferência em Viena, por ocasião da Quaresma de 1898, pronunciou estas palavras:

---

[1] O escrito dêsse Estadista foi publicado, pela primeira vez, em Berlim, no ano de 1840, na obra instituIada *Dorrev's Denkschriften und Briefe zur Charakteristik der Welt und Literatur*, (vol. IV, pág. 211-221).

"Em 1784, houve, em Francfort, uma reünião extraordinária da *Grande Loja Eclética*. Um dos membros propôs a votação da sentença de morte de Luiz XVI rei da França e de Gustavo III rei da Suécia. Êsse homem era meu avô".

Um jornal judeu, *A Nova Imprensa Livre*, censurou o orador por ter assim desconsiderado a sua família. Na conferência seguinte, o P. Abel declarou:

"Antes de morrer, meu pai determinou, como última vontade, que me aplicasse em reparar o mal que êle e os nossos parentes tinham praticado. Se não tivesse de executar essa prescrição do testamento de meu pai, datado de 31 de julho de 1870, não diria as palavras que pronunciei".

Tendo elaborado o seu plano de ação, a Maçonaria passou a agir ativamente, dirigindo de um modo invisível as eleições de 1789.

Num estudo publicado a 1.º e 16 de novembro de 1904, na *Revue d'Action française*, os srs. Cochin e Charpentier chegaram à conclusão, confirmada por tôdas as suas pesquisas, de que no estado de dissolução a que haviam chegado tôdas as antigas entidades independentes: provincias, ordens e corporações, era fácil que um partido organizado se apossasse da opinião, para a dirigir.

Copin Albancelli, na sua obra *O poder oculto contra a França*, analisa, nestes termos, o estudo de Cochin e Charpentier:

"Êsses dois escritores compulsaram os documentos dos arquivos municipais e nacionais de 1788 e 1789, nos quais encontraram inúmeros vestígios da ação maçônica. Para exemplificar, diremos que se aplicaram de maneira especial ao estudo eleitoral de 1789 na provincia de Borgonha, e aqui transcrevo o resultado dêsse estudo: Verificaram que as principais petições contidas nos cadernos dessa provincia não tinham sido redigidas pelos estados nem pelas corporações da região, mas por uma insignificante minoria, por um reduzido grupo composto de uma dúzia de membros, médicos, cirurgiões, procuradores e advogados. Êsse grupo não só redigia as proposições, mas manobrava, para que fôssem aceitas sucessivamente por

tôdas as corporações; usava astúcias e subterfúgios, para atingir os seus fins; e, quando não os alcançava, chegava ao ponto de falsificar os votos adotados.

"Não é tudo: verificaram mais que, nos documentos provenientes dêsse grupo em ação na Borgonha, era empregada uma gíria que agora conhecemos perfeitamente: a gíria maçônica. E, finalmente, para completarem a sua demonstração, os nossos dois autores, estendendo as suas pesquisas, encontraram processos análogos aplicados em outras províncias, as mesmas insignificantes minorias, formadas de elementos semelhantes, agindo em tôda parte do mesmo modo, obedecendo, portanto, à mesma ordem, empregando essa mesma gíria tão especial e tão fácil de reconhecer e provando, por conseguinte, que essa ordem emanava da Maçonaria. De modo que — concluem Cochin e Charpentier — de 1787 a 1795, nenhum movimento — exceto o da Vendéia — foi pròpriamente popular, mas todos foram decididos, organizados, determinados em todos os seus detalhes pelos chefes de uma organização secreta, agindo, em tôda parte, ao mesmo tempo e com os mesmos métodos e fazendo executar, em todos os lugares, a mesma ordem".

Ora, a obra recente, aliás notável, do maçon G. Martin fornece sôbre o papel preparatório da Revolução desempenhado pela Maçonaria uma série clara e copiosa de documentos. (1) Êste autor acusa de má fé todos os adversários da Maçonaria. Isto corta qualquer discussão. "A Maçonaria não é subversiva, afirma êle; respeita o rei, a religião e as leis. Todavia, convém acrescentar que êsse respeito não é passivo. As leis são respeitáveis, mas não são intangíveis". (Pág. 43). Como espíritos esclarecidos que se orgulham de ser, os maçons reservam-se o direito de alterar as leis e efetivamente propagam princípios que têm por objeto a sua destruição.

Tudo isto não passa de um jôgo de palavras; restam os fatos, sôbre os quais tôdas as opiniões coincidem.

A Maçonaria proclama e difunde um novo sistema de idéias políticas e religiosas que constituem uma civilização diferente e radicalmente oposta à antiga. Para a Maçonaria, ela é, por

(1) G. Martin — *A Maçonaria francesa e os preliminares da Revolução*. Paris — Imprensas universitárias da França, 1926.

definição, superior; portanto a Maçonaria é uma fôrça construtora.

Nós a julgamos, pelo contrário, perigosa e maléfica e como, para estabelecer essa nova civilização, é indispensável destruir primeiro a outra, temos o direito de afirmar que a Maçonaria é uma fôrça destrutora.

G. Martin estuda a ação da Maçonaria francesa no período preparatório da Revolução.

Êste período compreende três fases:

1.°) A elaboração da doutrina revolucionária.
2.°) A propagação da doutrina.
3.°) O papel ativo da Maçonaria.

1.°) A ELABORAÇÃO DA DOUTRINA REVOLUCIONÁRIA:

Conhecemos atualmente a união íntima da Maçonaria com os Enciclopedistas. Teria ela inspirado os filósofos ou lhes adotaria as doutrinas?

O maçon Amiable (citado por G. Martin) opta pela primeira hipótese, G. Martin, pela segunda. Êste ponto não foi, portanto, convenientemente esclarecido.

Os filósofos elaboraram uma doutrina abstrata. De 1773 a 1788, a Maçonaria sazonava-a e tornava possível a sua aplicação na prática, trabalho que G. Martin resume nestes termos:

"Assim se desprende lentamente a doutrina que será a dos Estados Gerais. Os maçons de Saint-Brieuc têm razão de dizer que ela se encontra inteira nos filósofos; os de Rennes também não se enganam, afirmando que, em tôda parte, a Maçonaria se incumbiu de a tornar o instrumento de emancipação política e social em que essa doutrina se está transformando". (pág. 97).

Duas condições eram necessárias, para que êsses princípios tivessem aplicação, na prática:

1.°) A adesão a êsses axiomas da maioria da nação.
2.°) Uma fôrça capaz de superar os obstáculos que, indubitàvelmente, lhes oporiam aqueles cujos interêsses êles haviam de lesar.

"A Maçonaria operou ùtilmente, para favorecer estas duas condições.

"Para provocar a adesão da maioria da Nação, organizou a sua propaganda; para conquistar a fôrça, interessou-se muito de perto pelas eleições, esforçando-se ao mesmo tempo por desarmar as hostilidades inevitáveis". (pág. 981).

A propaganda fêz-se, a princípio, nos meios maçônicos, com os resultados seguintes:

"Os princípios fundamentais da Maçonaria tornaram-se parte integrante da mentalidade de todos os maçons, não só como uma noção filosófica adquirida, mas como uma maneira de sentir e, muitas vêzes, até como uma maneira de ser". (pág. 120).

A fundação do Grande Oriente, em 1793, e a reorganização da Loja dos Nove Irmãos (à qual pertencia Voltaire) assinalam o início de uma nova orientação: a propaganda fora das lojas.

"Podemos dividir em três categorias os meios de propaganda utilizados pelos maçons, para difundir, no mundo profano, as verdades reformadoras que lhe queriam inculcar: a imprensa, a propaganda oral e o espírito didático e o clube". (pág. 126).

O balanço da ação maçônica, no domínio das idéias pròpriamente ditas, estabelece-se assim:

"1.º) A Maçonaria foi o mais útil instrumento de propaganda da difusão das idéias filosóficas.

2.º) Se não criou as idéias reformadoras, coube-lhe todavia, a missão de as elaborar.

3.º) Nessa transformação da sociedade por meio das idéias, a Maçonaria não se contentou com a adaptação dos princípios aos indivíduos. Passou ràpidamente a procurar os meios práticos de realizar as suas idéias... Sob êste aspecto, foi a verdadeira criadora, não dos princípios, mas da prática revolucionária.

4.º) Enfim, manifestou-se simultâneamente, como a grande propagandista do modernissimo evangelho".

Logo:

"A Maçonaria suportava, quasi a seu pesar, o pêso dessa revolução constituinte; efetivamente, não só pregára as doutrinas, mas preparara os chefes e, talvez imprudentemente, sustentara certas práticas, derivadas do antigo regime, cuja aplicação, excedendo ràpidamente as suas previsões, anunciava já os dias de agôsto e setembro de 1792". (pág. 145).

2.º) A PROPAGAÇÃO DA DOUTRINA:

A Maçonaria dirigiu as eleições de março-abril de 1789.

"Em muitos pontos, foram obra sua e convém agora examinar-lhes os detalhes".

A Maçonaria teve uma influência primordial na redação dos cadernos de 1789:

"A identidade das redações impressionou os espíritos menos críticos, sugerindo a idéia de pesquisar se êsses cadernos não haviam tido um modêlo que tivesse circulado, de bailiado em bailiado".

Dessa pesquisa resultou muito de-pressa a certeza de haverem sido espalhados, por tôda parte, instruções e modelos gerais de cadernos.

"Não pode deixar de nos impressionar o fato de serem tôdas essas instruções de origem maçônica".

O resultado foi que a metade dos deputados eleitos para os Estados Gerais eram maçons, e G. Martin relata a sua influência neste trecho:

"Formou-se, no terceiro estado, um bloco que a Maçonaria dirigia por meio de órgãos de que adiante nos ocuparemos; êsse grupo tinha a vantagem da coesão, de uma percepção nítida dos seus planos, do hábito dos debates parlamentares e, no princípio, uma disciplina quasi perfeita.

"Representava, em número, a metade da assembléia e a

grande maioria da ordem. Mas estaria destinado à impotência, se continuasse em vigor o antigo sistema do voto por ordem.

"O grupo atuava, por conseguinte, sôbre os deputados das outras ordens, impressionados pela sua coesão e pela sua vontade, e, graças aos elementos maçônicos espalhados entre êles, conseguia separá-los, entre cinco de maio e vinte e três de junho. Assegurava assim a capitulação do rei e a vitória da reforma. Em tais condições, é difícil encarecer os serviços prestados pela Maçonaria à Revolução nascente".

Os eleitos eram, efetivamente, submetidos a uma rigorosa vigilância, graças a uma organização denominada escritório de correspondência, cujos detalhes são descritos por G. Martin:

"Os maçons não cessam, com efeito, de dirigir a opinião parlamentar, e o escritório de correspondência é o ponto em que se opera a junção entre as lojas, o público e os eleitos".

Além disto:

"Não menos importante é o auxílio financeiro da Maçonaria à obra reformadora. A realização de semelhante obra de transformação devia necessàriamente custar muito caro. A Maçonaria não poupou o seu dinheiro, como o seu tempo e a sua atividade intelectual".

A Maçonaria dispunha, efetivamente, de avultados capitais.

"As duas formas principais da sua utilização parecem ter sido a impressão e a difusão dos escritos que serviram de modêlo aos cadernos, e o equipamento de grupos de maçons que auxiliaram, ao mesmo tempo, a vitória das idéias novas e a manutenção da ordem, alterada por uma espécie de anarquia rural, em princípios de 1789".

A Maçonaria distribuia também numerosas esmolas, uma parte das quais tinha um fim nitidamente político — diríamos hoje demagógico.

"O certo é que, no caso de desordens, a parte do povo que apoiasse, com a fôrça, as reivindicações políticas do partido reformador tinha a certeza de ser auxiliada pecuniàriamente pelas lojas maçônicas". (pág. 198).

Logo:

"Subvencionando jornais, imprimindo cartazes, ajudando as vítimas da guerra civil, comprando as resistências, a Maçonaria cooperou, secreta mais eficazmente, para a batalha eleitoral que terminou pela convocação dos Estados Gerais". (pág. 204).

"Entretanto, organizava-se, em Versailles, a assembléia dos Estados Gerais, em que a Maçonaria devia desempenhar um papel preponderante".

Ela conseguiu dominar a assembléia, graças à união organizada dos deputados maçons.

"A partir dos fins de maio, o projeto da sociedade maçônica dos representantes tornara-se uma realidade. Mas era mister que não se conservasse secreta, semelhante a um templo, para que os outros deputados não fôssem induzidos a formar um grupo que a hostilizasse. Bastava que os chefes fôssem maçons, que o espírito do clube fôsse maçon, para salvaguardar os princípios e estabelecer a concentração necessária". (pág. 208).

3.° O PAPEL REVOLUCIONARIO ATIVO DA MAÇONARIA:

E' um assunto escabroso e G. Martin, que não o ignora, trata-o de modo muito mais vago.

Mostra-nos a Maçonaria iniciando chefes populares que julga poder empregar ùtilmente e encarregando, ao mesmo tempo, alguns maçons de arengar o povo.

"Sua qualidade de maçons é ignorada dos que o ouvem; muitas vezes, têm a habilidade de fazer crer ao auditório que lhe cabe a iniciativa das resoluções tomadas; dirigem, mas não se impõem".

A Maçonaria não se limita às arengas; organiza o proletariado, tanto para manter a ordem, como para esteio dos seus princípios.

Por outro lado e graças ao auxílio mútuo entre maçons, outros membros da associação se insinuam no govêrno real, no qual conseguem firmar o predomínio das idéias de reforma; finalmente, a Maçonaria penetra no exército.

"Muito mais árdua seria, talvez, na prática, a vitória das doutrinas maçônicas, se a associação não contasse, nos últimos

anos do século, com o apôio de grande parte do exército. Os historiadores que notaram este fato não parecem ter-lhe percebido claramente a causa, que foi a extraordinária difusão das lojas nos meios militares.

"Deve-se, em parte, a queda do antigo regime à circunstância do exército francês e seus quadros subalternos nada terem feito, para o socorrer. Mais um ponto em que as conseqüências da propaganda maçônica excederam extraordinàriamente as previsões dos seus promotores militares. Pelo socorro prestado à revolução nascente a Maçonaria militar foi um elemento essencial da vitória das novas idéias; é lícito julgar que, sem ela, a "grande obra" ficaria sèriamente comprometida". (pág. 274).

Limitando-se à revolução pròpriamente dita, G. Martin assim conclue o seu livro:

"Não se deve, pois, diminuir a importância da Maçonaria na Revolução. Sem dúvida, a maior parte das lendas romanescas — punhais, traidores e capas de repertório de ópera — não têm consistência nem fundamento, e a Maçonaria teve razão de estigmatizar a má fé dos acusadores que davam crédito a inépcias tão pueris. Mas, ao lado dessas mentiras interessadas, eleva-se o fato de ser a Maçonaria a alma declarada ou secreta de todos os movimentos populares ou sociais que, em conjunto, formaram a revolução constituinte. Foi ela a necessidade que converteu, em ação criadora, virtualidades de emancipação que, sem o seu concurso, se conservariam latentes ou abortariam, por falta de coordenação e pela impotência dos esforços espasmódicos e divergentes". (pág. 284).

A MAÇONARIA E O TERROR

Os maçons, apóstolos da grande Revolução, conseguiram separar, na opinião pública, os três imortais princípios de 1789 dos excessos do Terror. Explicam, portanto, os massacres de 1792 como fatos reprováveis, devidos ùnicamente a um excesso de entusiasmo na aplicação dos referidos princípios (principalmente do da fraternidade!).

Contudo, a Maçonaria, associação filantrópica e humanitária, teve a sua parte de responsabilidade na organização do Terror.

Possuímos sôbre êste ponto testemunhos formais: o de Bertrand de Molleville, ministro de Luiz XVI, o do maçon Marmontel e também o de Duport, o mais cruel e encarniçado de todos, o autor do plano revolucionário do Terror e cujos crimes foram preparados, principalmente pela Comissão de propaganda da Loja dos "Amigos Reünidos".

Eis o que escreve Marmontel:

"O dinheiro e, mais do que tudo, a esperança da pilhagem são onipotentes entre êste povo. Acabámos de o verificar, no subúrbio de Santo Antônio, onde, com incalculável facilidade, o Duque d'Orléans conseguiu que fôsse saqueada a manufatura dêsse honrado Réveillon que, no mesmo subúrbio, provia à subsistência de cem famílias. Mirabeau sustenta, zombeteiramente que, com um milhar de luises, é possível armar uma boa sedição.

Teremos de recear a hostilidade da maioria da nação que ignora os nossos projetos e pode não estar disposta a prestar-nos o seu concurso?

"E' claro que, nos seus lares, nos seus escritórios, nos seus gabinetes, nas suas oficinas, a maior parte dêsses pacatos cidadãos deve achar muito ousados êsses planos destinados a perturbar-lhe o descanso e os divertimentos. Mas a sua desaprovação será tímida e discreta. Sabe, porém, a nação o que quer? *Far-lhe-emos dizer e querer o que nunca pensou.* E se duvidar, lhe responderemos, como Crispim ao legatário: "E' a vossa letargia".

"A nação é um grande rebanho, ocupado só em pastar e que, com o auxílio de bons cães, os pastores podem dirigir a seu bel-prazer. Afinal, é para seu bem o que se quer, à sua revelia. Nem o antigo regime, nem o culto, nem os costumes, nenhum dos seus antiquados preconceitos merecem consideração. Tudo isto causa pena e vergonha a um século como o nosso; e, para traçar o novo plano, é indispensável limpar o terreno.

"Para nos impormos à burguesia, teremos, se fôr necessário, essa classe que não tem nada a perder com a mudança e espera, pelo contrário, ter tudo a ganhar.

"Para amotiná-la, contamos com os móveis mais podero-

sos: a carestia, a fome, o dinheiro, os boatos de alarme e de terror e o delírio de mêdo e de cólera com que se impressionam os espíritos.

"A burguesia só produz oradores elegantes; todos êles nada são, comparados com êsses Demóstenes a um escudo que, nas tabernas e nas praças públicas, nos jardins e nos cáis, anunciam *estragos, incêndios, aldeias saqueadas e inundadas de sangue e conjurações para sitiar e esfomear Paris.*

"Assim o requer o movimento social. Que se obteria do povo, amordaçando-o com os princípios de honradez e de justiça? Os homens de bem são fracos e tímidos; só os velhacos são resolutos. A vantagem do povo, nas revoluções, é não ter moral. Quem pode resistir a homens, para quem todos os meios são lícitos? Nem uma só das antigas virtudes nos serviria. O povo não precisa delas ou as requer de outra têmpera. Tudo o que é necessário para a Revolução, tudo o que lhe é útil, é justo: eis o grande axioma".

Nota. — 1.º) Desde o princípio da Revolução, para se proteger, a Maçonaria ordenara o fechamento de tôdas as Lojas. Mas esta supressão aparente, simples medida de precaução, não lhe prejudicava a atividade, pois as lojas secretas continuavam a existir, como no passado, e as outras eram substituidas pelos clubes. Esta circunstância foi confirmada por um estudo do maçon Schaffer, publicado, em 1880, no Boletim Maçônico da Loja Simbólica Escocesa.

Não esqueçamos, aliás, que o papel da Maçonaria pròpriamente dito é mais criar o estado de espírito revolucionário do que combater abertamente, à testa de um movimento.

A Maçonaria criara êsse estado de espírito e lançara os seus homens ao ataque. Estes, impregnados de princípios maçônicos, aplicaram-nos na Revolução, sem que fôssem necessàriamente dirigidos pela seita.

2.º) Notemos, de passagem, que Adriano Duport conseguiu que a Constituinte adotasse a emancipação dos Judeus; antes de obter êste resultado, fizera quatorze tentativas e só na véspera do encerramento da Assembléia a lei foi votada, depois que Régnault de Saint-Jean d'Angély disse:

"Requeiro que sejam chamados à ordem todos os que falarem contra essa proposta, pois estarão combatendo a própria constituição".

O que significava: combater os judeus é combater a revolução. (1)

Vejamos agora qual foi o papel da Maçonaria na França, de 1793 aos nossos dias.

A AÇÃO MAÇÔNICA NA POLÍTICA FRANCESA, DE 1793 AOS NOSSOS DIAS

Esta ação foi descrita minuciosamente por diversos autores, como Deschamps, Delassus, Copin Albancelli e é de suas obras que extraímos êste breve resumo.

Por ter agido com demasiada rapidez, a Maçonaria viu malograrem-se os seus fins. Os excessos do Terror provocaram uma violenta reação no país. À falta de melhor, a Maçonaria reassumiu a sua atitude filosófica e observadora da ordem social.

Apoiou, portanto, Napoleão que, aliás, a serviu, espalhando o espírito revolucionário pela Europa inteira; êle proclamava, com razão:

"Consagrei a Revolução; incorporei-a às leis".

E também:

"Semeei copiosamente a liberdade, por tôda parte onde implantei o meu código civil".

Numa palavra, Napoleão foi, para a Europa, o que a Revolução havia sido para a França.

"Enquanto Bonaparte, general, foi o servidor da Revolução, a Maçonaria francesa celebra-o ùnicamente como o pacifi-

(1) Leia-se a história detalhada da emancipação dos judeus no livro do Abbade Lemann (Judeu convertido) *A entrada dos israelitas na sociedade.*

cador que, repelindo o estrangeiro, coloca-o na impossibilidade de prejudicar o desenvolvimento da República". (¹)

Mas as associações secretas começaram repentinamente a hostilizá-lo, logo que êle manifestou veleidades de restabelecer, em seu proveito, uma autocracia hereditária, estável e conservadora. A primeira excomunhão maçónica contra Napoleão data de 1809.

Caído o império, o poder oculto não conseguiu opôr-se ao desejo da nação inteira e teve de suportar a restauração dos Bourbons. O que pretendia a Associação era salvar, a qualquer preço, a Revolução, mantendo o seu espírito e conservando tudo o que podia das suas conquistas. Os dois pontos importantes para ela eram a separação da Igreja e do Estado e a supressão da monarquia absoluta. O regime constitucional foi, pois, instaurado na França e, com êle, a Maçonaria continuava a dominar.

"Luiz XVIII, diz Bazot, secretário do Grande Oriente da França, concede a Carta; é o govêrno constitucional; êste princípe protege-nos".

Tendo provido à questão mais urgente, o poder oculto recencetou a sua obra, dirigindo invisivelmente uma campanha encarniçada contra a Restauração que se solidificava e tornava o povo demasiadamente feliz. Citemos a êste respeito as palavras de Stendhal (Henri Beyle) cujas opiniões são uma garantia de nenhuma parcialidade a favor dos Bourbons:

"Serão talvez necessários séculos, para que a maior parte dos povos da Europa alcance o grau de prosperidade que a França desfrutou, sob o reinado de Carlos X".

A seita também obteve êxito na revolução de 1830.

"Não se pensa, diz um importante maçon, o sr. Dupin Sênior, da Loja dos Trinósofos, que tudo tenha sido feito em

(¹) Alberto Lantoine — *Hiram no Jardim das Oliveiras* — Livraria Maçonica Gloton. Paris, 1928. Pág. 16.

três dias. Se a revolução foi tão rápida e tão subitânea e se a realizámos em poucos dias, é que já fôra planejada e podíamos substituir, imediatamente, por uma nova e completa ordem de cousas a que acabava de desmoronar".

Não me alongarei sôbre a preparação maçónica da revolução de 1848. Eckert, Deschamps, Delassus, Copin Albancelli consagraram-lhe vários capítulos aos quais nada há que acrescentar.

Naquela época, a emancipação dos judeus, iniciada com a Revolução de 1789, desenvolvia-se na Áustria, na Alemanha, na Grécia, na Suécia, na Dinamarca. Em diversos pontos da Europa estalavam revoltas cuja simultaneidade seria inexplicável, sem o apôio internacional das Lojas. Na França a 6 de março de 1848, o govêrno provisório, de cujos onze membros nove eram maçons, recebeu uma delegação oficial das Lojas que ostentava, abertamente, numerosas insígnias maçónicas.

"Êles saúdaram o triunfo dos seus princípios e felicitaram-se de poder afirmar que a pátria inteira recebeu, nos membros do seu govêrno, a consagração maçónica. Quarenta mil maçons, distribuidos em mais de quinhentos lojas, constituindo um só coração e um só espírito, prometem o seu concurso, para completar a obra começada". (O Monitor, 7 de março de 1848).

A-pesar-da pressão dêsse govêrno essencialmente maçónico, a Assembléia nacional, eleita, foi um congresso patriótico; recusou obedecer às normas traçadas prèviamente pelo poder oculto. Êste, sem hesitar, voltou-se então para um homem que lhe pertencia, ligado pelos seus juramentos de carbonário: e assistiu-se ao advento de Napoleão III. Desde o primeiro dia o imperador provou que era efetivamente o homem da Revolução e se julgava incumbido da missão "de a arraigar na França e introduzi-la em tôda a parte, na Europa".

"Napoleão III foi um estranho monarco, como houve poucos, na história, até entre os próprios usurpadores e aventureiros. Êstes procuram geralmente fazer esquecer os atos anteriores à sua exaltação, enquanto aquele parecia vangloriar-se

dêles e ter sido elevado ao trono, para demolir as monarquias, inclusive a sua...

"Êsse império assemelhava-se extraordinàriamente a uma república leiga e, a despeito do seu fausto aparente, foi o reinado da democracia e da liberdade de pensamento". [1]

A Maçonaria auxiliou-o, enquanto julgava poder contar com a sua obediência; depois êsse auxílio foi enfraquecendo, à medida que Napoleão procurava apoiar-se na França, para recuperar a sua independência.

Em 1861, deu-se a cisão definitiva, após a nota do Senado relativa à manutenção do poder temporal do Papa. Os desastres de 1870 precipitaram os acontecimentos: a Maçonaria foi impelida a uma ação mais rápida do que teria desejado. Repetindo a experiência de 1789, quis, com a violência da Comuna, retomar as rédeas do govêrno. A 26 de abril de 1871, cincoenta e cinco lojas, mais de dez mil maçons, chefiados pelos seus dignatários, ostentando as suas insígnias, percorreram em cortejo os baluartes, onde hastearam sessenta e duas das suas bandeiras. Saùdando, no Paço Municipal, o poder revolucionário, o maçon Tiriforque dissera aos amotinados:

"A Comuna é a maior das revoluções que o mundo pôde contemplar".

Dominada a Comuna, não podendo impedir a eleição de uma assembléia com uma maioria monárquica, as associações secretas combinaram-se, em tôda a Europa (sob forma de um apêlo à Maçonaria mundial) para se oporem ao advento do conde de Chambord, representante do poder forte pela legitimidade, pela herança e pela autoridade. Depois de ter tirado o maior proveito dos diferentes governos que se sucederam, desde 1789, e baseada sòlidamente nessas experiências, a Maçonaria chegou finalmente à forma de govêrno que mais lhe convém: isto é à República, regime sob o qual se lhe torna fácil influenciar o poder.

"Quando o advento da República permitiu que a Maço-

(1) E. Malynski — *A grande conjuração mundial* — Livraria Cervantes. Paris, 1928.

naria manifestasse a sua ação e ocupasse no Estado um lugar tão importante, que os seus adversários puderam dizer que a França não estava sob a república mas sob a Maçonaria;... o Grande Oriente experimentou a sensação deliciosa e inquietadora da liberdade. Quis, então, existir não só para os seus membros, mas para o mundo profano. A associação deixou de ser secreta, senão no seu aparato, pelo menos na sua atividade. E a supressão do Grande Arquiteto foi, sem que ela o percebesse claramente, uma das provas mais impressionantes da sua nova orientação". [1]

A terceira República não fêz mais do que aplicar as leis elaboradas e ditadas pela Maçonaria, destruindo, pouco a pouco, tudo o que restava em assunto de conservação social. Instruída pelas experiências de 1789, 1848 e 1871, a Associação evolue lentamente, mas com segurança. Abatida a monarquia, trata agora de derribar a outra base da civilização: o catolicismo. Há cincoenta e seis anos que tôda política se concentra sôbre êsse ponto.

Citemos as palavras de um dos que ativamente colaboraram, para a vitória das idéias revolucionárias; mas, porque era sincero, renegou-as no dia em que reconheceu o seu êrro: Gustavo Hervé, que teve a coragem de escrever:

"Nos primeiros tempos da terceira República e nas mãos dos partidos republicano e radical, o sistema leigo foi, durante os vinte e cinco anos que precederam a guerra, uma arma a serviço de uma seita, a cujos olhos a irreligião se tornara um dogma e quasi uma nova religião, para demolir as crenças religiosas da maioria do país". [1]

"O mal provém de um êrro fundamental que presidiu à nossa grande Revolução. No dia em que os grandes filósofos do século XVIII, cujos escritos propagaram o espírito revolucionário, proclamaram que a razão humana — essa mísera luz que é, na maior parte dos homens, a nossa pobre razão hu-

(1) Alberto Lantoine — *Hiram coroado de espinhos*. — Vol. II, pág. 513. E. Nourry. Paris, 1926.

(1) G. Hervé — *Assuntos de após a guerra* — pág. 13. Livraria da Vitória, Paris, 1924.

mana — era a única estrêla que, a partir daquela época, devia guiar os povos, para o progresso material e moral, nesse dia o mundo foi abalado nos seus alicerces...

"Até à nossa grande Revolução, havia, entre nós como em tôda parte, uma Igreja poderosa e venerada que, mediante símbolos, cerimônias e lições apropriadas à imaginação e à sensibilidade das multidões, fazia penetrar no âmago da alma popular certas idéias tradicionais de respeito, de disciplina, de moralidade, de dever, de espírito de sacrifício. A religião era a poderosa armadura da família, da moral, da propriedade, da pátria e do Estado.

"O terrível explosivo descoberto pelos filósofos do século XVIII, caindo nas mãos do povo destruiu, sem dúvida, os abusos do antigo regime, mas provocou, ao mesmo tempo, a ruína do arcabouço moral da sociedade, ou melhor — porque essa ruína não foi subitânea — abalou-o e fê-lo vacilar, até ao desmoronamento total. Foi só após um século e um quarto, que se principiou a avaliar a extensão do desastre, à medida que, pela escola, pelo jornal a um sôldo, pelo romance popular e pelo cinema, o espírito dissolvente dos filósofos racionalistas do século XVIII foi penetrando nas camadas profundas da nação.

"Não há instituição, por mais útil e venerável que seja, que não ofereça o flanco à crítica, se a examinarmos do ponto de vista da fria razão. Estado, religião, propriedade, pátria e até a própria moral mais elementar: tudo isto é passível de crítica. Tudo isto ainda não foi criticado, mas está para o ser e o será, se não se tomar cuidado; a tempestade bolchevista que se seguiu à guerra mundial é, para a civilização inteira, uma séria advertência.

"A família francesa não lhe resistiu e é disto que a França perece". (1)

Citemos as palavras pronunciadas, na tribuna, pelo sr. Viviani, a 15 de janeiro de 1901:

"Estamos incumbidos de preservar de todo ataque o pa-

(1) G. Hervé — *Assuntos de após a guerra* — Prefácio. Liv. da Vitória, Paris, 1924.

trimônio da Revolução... Apresentamo-nos aqui, trazendo nas mãos, além das tradições republicanas, essas tradições francesas, atestadas por séculos de combate em que, pouco a pouco, o espírito leigo se libertou da pressão da sociedade religiosa... Não estamos sòmente em face das congregações, mas da própria Igreja católica.

"Acima dêste combate de um dia, não paira, mais uma vez, êsse conflito formidável em que o poder espiritual e o poder temporal disputam as prerrogativas soberanas, procurando, com a conquista das conciências, manter, até ao fim, a direção da humanidade?

"Mas, comparado com as batalhas do passado e do futuro, não passa de uma escaramuça! O certo é que se encontram aqui na bela frase do Sr. de Mun, em 1878, a sociedade baseada na vontade do homem e a sociedade baseada na vontade de Deus.

"E' preciso saber se, nesta luta, uma lei sôbre as Associações será suficiente. As congregações e a Igreja não vos ameaçam sòmente com a sua atividade, mas também com a propagação da fé... Não temais as batalhas que vos forem oferecidas: marchai. E, se vos encontrardes em face dessa religião divina que poetiza o sofrimento, prometendo reparações futuras, oponde-lhe a religião da humanidade que também põe a dor, oferecendo-lhe, como recompensa, a felicidade das gerações".

Muito extensa se tornaria a enumeração das leis destruidoras, emitidas pela terceira República; basta que cada um as medite sinceramente.

Examinando bem o estado da França, chega-se naturalmente a esta conclusão: a Maçonaria soube estabelecer, gradualmente e, desta vez, sem violências, um estado de cousas que, sob certos aspectos, é análogo ao da Rússia bolchevista, mas sob formas mais envolventes.

Como conseguiu êste resultado?

A resposta é bem simples: desde 1871, nenhum dos governos e dos ministérios que se sucederam representou a França. A suposta república francesa não é senão a república maçônica, destruidora da Igreja e da verdadeira sociedade francesa.

Para alcançar o seu fim, que adiante estudaremos, a Ma-

mana — era a única estrêla que, a partir daquela época, devia guiar os povos, para o progresso material e moral, nesse dia o mundo foi abalado nos seus alicerces...

"Até à nossa grande Revolução, havia, entre nós como em tôda parte, uma Igreja poderosa e venerada que, mediante símbolos, cerimônias e lições apropriadas à imaginação e à sensibilidade das multidões, fazia penetrar no âmago da alma popular certas idéias tradicionais de respeito, de disciplina, de moralidade, de dever, de espírito de sacrifício. A religião era a poderosa armadura da família, da moral, da propriedade, da pátria e do Estado.

"O terrível explosivo descoberto pelos filósofos do século XVIII, caindo nas mãos do povo destruiu, sem dúvida, os abusos do antigo regime, mas provocou, ao mesmo tempo, a ruína do arcabouço moral da sociedade, ou melhor — porque essa ruína não foi subitânea — abalou-o e fê-lo vacilar, até ao desmoronamento total. Foi só após um século e um quarto, que se principiou a avaliar a extensão do desastre, à medida que, pela escola, pelo jornal a um sôldo, pelo romance popular e pelo cinema, o espírito dissolvente dos filósofos racionalistas do século XVIII foi penetrando nas camadas profundas da nação.

"Não há instituição, por mais útil e venerável que seja, que não ofereça o flanco à crítica, se a examinarmos do ponto de vista da fria razão. Estado, religião, propriedade, pátria e até a própria moral mais elementar: tudo isto é passível de crítica. Tudo isto ainda não foi criticado, mas está para o ser e o será, se não se tomar cuidado; a tempestade bolchevista que se seguiu à guerra mundial é, para a civilização inteira, uma séria advertência.

"A família francesa não lhe resistiu e é disto que a França perece". (1)

Citemos as palavras pronunciadas, na tribuna, pelo sr. Viviani, a 15 de janeiro de 1901:

"Estamos incumbidos de preservar de todo ataque o patrimônio da Revolução... Apresentamo-nos aqui, trazendo nas mãos, além das tradições republicanas, essas tradições francesas, atestadas por séculos de combate em que, pouco a pouco, o espírito leigo se libertou da pressão da sociedade religiosa... Não estamos sòmente em face das congregações, mas da própria Igreja católica.

(1) G. Hervé — *Assuntos de após a guerra* — Prefácio. Liv. da Vitória, Paris, 1924.

"Acima dêste combate de um dia, não paira, mais uma vez, êsse conflito formidável em que o poder espiritual e o poder temporal disputam as prerrogativas soberanas, procurando, com a conquista das conciências, manter, até ao fim, a direção da humanidade?

"Mas, comparado com as batalhas do passado e do futuro, não passa de uma escaramuça! O certo é que se encontram aqui na bela frase do Sr. de Mun, em 1878, a sociedade baseada na vontade do homem e a sociedade baseada na vontade de Deus.

"E' preciso saber se, nesta luta, uma lei sôbre as Associações será suficiente. As congregações e a Igreja não vos ameaçam sòmente com a sua atividade, mas também com a propagação da fé... Não temais as batalhas que vos forem oferecidas: marchai. E, se vos encontrardes em face dessa religião divina que poetiza o sofrimento, prometendo reparações futuras, oponde-lhe a religião da humanidade que também poetiza a dôr, oferecendo-lhe, como recompensa, a felicidade das gerações".

Muito extensa se tornaria a enumeração das leis destrutoras, emitidas pela terceira República; basta que cada um as medite sinceramente.

Examinando bem o estado da França, chega-se naturalmente a esta conclusão: a Maçonaria soube estabelecer, gradualmente e, desta vez, sem violências, um estado de cousas que, sob certos aspectos, é análogo ao da Rússia bolchevista, mas sob formas mais envolventes.

Como conseguiu êste resultado?

A resposta é bem simples: desde 1871, nenhum dos governos e dos ministérios que se sucederam representou a França. A suposta república francesa não é senão a república maçônica, destruidora da Igreja e da verdadeira sociedade francesa.

Para alcançar o seu fim, que adiante estudaremos, a Ma-

çonaria conseguiu aniquilar-nos completamente e transformar o nosso país num foco de propaganda revolucionária. Porque, embora dissimulada, a ditadura maçônica é muito poderosa.

A Maçonaria começa a abandonar o véu e, em tôda parte, celebra o seu triunfo. Já em setembro de 1893, o *Matin*, que é considerado o reflexo das idéias predominantes no seio do Grande Oriente, dizia francamente num dos seus artigos:

"Pode-se afirmar, sem ousadia, que a maior parte das leis a que estão subordinados os franceses — referimo-nos às grandes leis políticas — antes de aparecerem no *Officiel*, foram estudadas pela Maçonaria".

E acrescentava:

"As leis sôbre o ensino primário, sôbre o divórcio e, entre outras, a lei sôbre o serviço militar para os seminaristas alçaram-se da rua Cadet *(sede do Grande Oriente)* para o Palácio Bourbon: voltaram invioláveis e definitivas".

E concluia com êste brado de triunfo:

"Somos ainda onipotentes, mas com a condição de sintetizarmos as nossas aspirações numa fórmula. Durante dez anos, avançámos, repetindo: "O clericalismo é o inimigo!" Temos, por tôda parte, escolas leigas, os padres foram reduzidos ao silêncio, os seminaristas são soldados. Não é um resultado vulgar, para uma nação que se denomina a *"Filha predileta da Igreja"*. [1]

Citemos ainda a seguinte proposta, votada na convenção de 18 de setembro de 1891:

"A convenção maçônica incita o Conselho da Ordem a convocar, na sede do Grande Oriente, todos os membros do Parlamento pertencentes à ordem, afim de lhe comunicar os votos expressos pela generalidade dos maçons, bem como a

[1] Artigo do *Matin* citado pela *Maçonaria desmascarada;* setembro de 1893; págs. 322-325.

orientação política da Federação. Depois de cada reünião, o Boletim publicará a lista dos que se excusarem e dos que deixarem o convite sem resposta. Estas comunicações oficiais do Grande Oriente, bem como as trocas de idéias que lhes sucederem, deverão ser feitas num dos nossos templos, sob a forma maçônica do grau de aprendiz. O Conselho da Ordem dirigirá os trabalhos e os convidados tomarão lugar nas colunas". [1]

Na convenção de 1894, foi adotado o voto seguinte, publicado pela *Coleção Maçônica*, pág. 308:

"Todo profano admitido a receber a luz deverá, antes assumir o compromisso seguinte: Seja qual fôr a situação política ou de qualquer outra espécie a que possa chegar um dia, prometo, pela minha honra, responder a tôda convocação da Maçonaria e defender, por todos os meios ao meu alcance, tôdas as soluções dadas por ela às questões políticas e sociais".

Essa intromissão da Maçonaria nos negócios do Parlamento e o domínio exercido sôbre grande número de deputados e senadores afirmou-se ainda mais, no ministério Herriot, após as eleições de 1924, das quais resultou a vitória do *Cartel*".

"Os adversários da Maçonaria sofreram, nesse dia, a derrota mais completa entre as que lhes foram infligidas. A vitória republicana caracterizou-se, do ponto de vista maçônico, pelo fato de levar à Câmara dos Deputados um número considerável de membros, notòriamente conhecidos como adeptos da Associação, enquanto os chefes das organizações anti-maçônicas, tais como o general de Castelnau, no Aveyron, o Conde de Leusse, no Alto-Reno, o sr. Marcellot, no Alto-Marne, etc., eram vergonhosamente derrotados". [2]

"Que é o *Cartel?* E', há mais de trinta anos e sob diferentes formas, a coalisão do partido socialista-radical e do partido coletivista S. F. I. O., aliança travada no seio da Maçonaria que é, desde 1871, a verdadeira senhora da República.

[1] Boletim do Grande Oriente, 1891; pág. 225.

[2] R. Mennevée — *A organização anti-maçônica na França;* pág. 52. Paris, 1928.

"O ramo radical da Maçonaria, que, durante muito tempo, dominou, quasi sozinho, a grande organização secreta, especializou-se sempre em extirpar do país o cristianismo por meio do iluminismo irreligioso.

"Debalde ouve clamar que a escola leiga — aliás escola de livre pensamento — se tornou um viveiro de revoltados e fabrica, por séries, legiões de revolucionários; que a extirpação do cristianismo, por meio da escola leiga e das leis especiais contra as congregações religiosas, é a fonte da corrupção moral que penetra, gradualmente, em tôdas as camadas da nação e da assustadora despovoação que nos reduziu, numèricamente, a uma nação de segunda ordem.

"Nada o desvia da aplicação implacável das leis irreligiosas, ditas leigas.

"Ora, a-pesar-das insânias do *Cartel* na última Câmara, o partido socialista-radical conseguiu eleger, para a Câmara atual, 125 membros, aos quais devemos acrescentar uns trinta deputados socialistas-republicanos, igualmente maçons e que não valem muito mais.

"Quanto aos intuitos do partido coletivista S. F. I. O. de Blum, segundo ramo da Maçonaria, com tendência a sobrepujar o ramo simplesmente socialista-radical, são bem conhecidos: não é sòmente um partido anti-religioso, mas um partido de luta de classe e de revolução social, que tem por objeto a destruição do chamado regime capitalista, isto é de propriedade individual, para substituí-lo por uma sociedade coletivista ou comunista, em que os bancos, as minas, as fábricas, os meios de transporte e as terras seriam explorados pelo Estado proletário.

"Ora, êsse partido S. F. I. O. enviou, à Câmara atual, 100 deputados que concentraram sôbre seus nomes, nas eleições de 1928, 1.700.000 sufrágios, sem contar com o partido comunista, momentâneamente divorciado do *Cartel*, e que por sua vez reüniu 1.100.000 votos.

"Eis o ponto a que chegámos.

"E cada ano que passa agrava o perigo.

"A cada ano que passa, a escola leiga, entregue a um magistério cuja maioria professa as idéias da extrema esquerda, prepara, para a vida pública, uma nova classe de jovens que vai engrossar as fileiras dos partidos revolucionários.

"A cada ano que transcorre, uma nova parte dos ambien-

tes populares é contaminada por *l'Humanité* e outros jornais revolucionários que podem, impunemente — como nós mesmos faziamos, no tempo do nosso iluminismo subversivo — solapar os alicerces da autoridade e as bases da sociedade.

"Finalmente, a cada ano que passa, a natalidade diminue". (1)

A. G. Michel publicou um livro *A ditadura da Maçonaria, na França* (edições Spes) assinalando as resoluções tomadas nos diferentes congressos maçônicos e, simultâneamente, a sua realização oficial, durante o ministério Herriot.

I — As Lojas decretam a supressão da embaixada junto ao Vaticano. (Boletim oficial da Grande Loja da França, janeiro de 1923, pág. 39).

Lei realizada em 24 de outubro de 1924.

II — As Lojas requerem a aplicação da lei sôbre as congregações. (Boletim of. da Grande Loja da França, convenção de 1922, pág. 220).

Primeira declaração ministerial Herriot, seguida de realização: 17 de junho de 1924.

III — As Lojas querem o triunfo das idéias leigas. (Convenção do Grande Oriente, 1923, pág. 220).

Primeira declaração ministerial Herriot, seguida de realização: 17 de junho de 1924.

IV — As Lojas reclamam anistia plena e sem restrições para os condenados e os traidores, especialmente Marty, Sadoul, Caillaux, Malvy, Goldsky, etc. (Grande Conferência na sede do Grande Oriente, rua Cadet n.º 16, a 31 de janeiro de 1923 — Boletim hebdomadário n.º 339, 1923, pág. 13).

---

(1) G. Hervé — *A Vitória*, 25 de fevereiro de 1929. Primeira carta às *elites*.

Lei votada na Câmara a 15 de julho de 1924.

V — As Lojas protestam contra os decretos-leis. (Grande Loja da França, fevereiro-abril de 1924, págs. 209-210).

Declaração ministerial Herriot de 17 de junho de 1924.

VI — As Lojas querem o escrutínio dos distritos. (Grande Loja da França, 1922, pág. 287).

Declaração ministerial Herriot a 17 de junho de 1924 e realização a 23 de agôsto de 1924, pelo voto do Senado.

VII — As Lojas decretam a introdução do regime leigo na Alsácia-Lorena, a-pesar-das promessas contrárias. (Convenção do G. Oriente da França, pág. 271, 1922).

Declaração ministerial Herriot a 17 de junho de 1924 e diversas realizações.

VIII — As Lojas reclamam o estabelecimento da escola única e o monopólio do ensino. (Convenção do G. Oriente da França, 1923, págs. 265-266).

Declaração ministerial Herriot a 17 de junho de 1924 e diversas realizações.

IX — As Lojas querem a continuação das relações com os Sovietes. (Boletim oficial da G. Loja, outubro de 1922, pág. 286).

Declaração ministerial Herriot a 17 de junho, e realização oficial a 28 de outubro de 1924.

X — As Lojas querem instaurar um regime econômico, preparatório do socialismo. (Convenção do G. Oriente, em 1922, págs. 233-234).

Vejam-se, na obra de A. G. Michel, as realizações.

XI — As Lojas adotam uma política colonial leiga e emancipadora. (Convenção do G. Oriente da França, 1923, pág. 247).

Vejam-se, na mesma obra, as realizações.

XII — As Lojas hostilizam o exército. (Convenção do G. Oriente, 1922, págs. 142-143).

Declaração ministerial Herriot e realizações.

XIII — As Lojas são favoráveis à reconciliação com a Alemanha e à Liga das Nações, para torná-la a Internacional dos povos e a Federação mundial. (Grande Oriente da França, 1923, pág. 97).

Tudo isto são etapas do programa maçônico para o futuro, que é:
A destruição do catolicismo,
O socialismo universal.

"E' muito cômodo injuriar e maldizer a sociedade capitalista. Não há aqui um só que não a deteste e não sofra as suas injustiças. Mas é necessário substituí-la.

"Para êsse fim, devemos primeiramente entender-nos. Examinemos, excitemos e desenvolvamos as organizações coletivas que ela admite e postula e que, em muitos casos, já possue, regulando-as conforme o espírito de justiça que lhes falta. Em uma palavra: arrastemo-la ao que deve nascer dela, mas não nos exasperemos em excomunhões pueris". [1]

Tais são as tendências atuais da Maçonaria francesa. O trecho seguinte de Alberto Lantoine mostra-nos como ela as aplica e de que modo influencia a política francesa:

"A Instituição existe, para preparar constantemente o futuro, pelo estudo do presente, e não para impor uma idéia, pelo prestígio efêmero da sua influência.

"Cabe às organizações profanas, mais aparelhadas do que a ordem maçônica, a missão de prosseguir a realização dessa

[1] A. Lebey — *Na Loja Maçônica*, pág. 95. — E. Chiron, Paris. Discurso de encerramento da Convenção de 1920.

idéia; e o seu eventual insucesso não poderia atingir a Maçonaria, hàbilmente entrincheirada no seu papel especulativo. Os atos da vida pública nunca deveriam ser, para ela, um campo de ação, mas um campo de experiências, para a correção dos seus erros e o aperfeiçoamento da sua inteligência. Assim não haveria a política militante de que o Grande Oriente pretende, sem razão, se ocupar e pela qual a Grande Loja, contràriamente aos seus interêsses bem compreendidos, tem, às vezes, a fraqueza de se deixar influenciar. Haveria, apenas, política filosófica. Por êste motivo, se devemos suprimir o artigo que interdiz, nas Lojas, as discussões sôbre a própria vida do país, devemos conservar zelosamente (pois é a própria base da nossa instituição) o que só se preocupa com a sinceridade e a lealdade dos postulantes, sem averiguar as suas opiniões. Porque — note-se a desastrosa contradição — ousa-se escrever que se interdizem os assuntos políticos e, na prática, rejeita-se sistemàticamente um republicano demasiado tíbio ou um católico. (Repetimos: católico, porque, no nosso país, que não sofreu só as perseguições da Igreja Romana, gozam de uma especial mercê, nos ambientes do pensamento livre, os judeus e os protestantes). Por exemplo, no momento em que as obediências ousavam elevar-se oficialmente — o que constituiu uma falta imperdoável — contra os atos do ministério Poincaré, um candidato que se declarasse partidário dêsses atos seria certamente recusado. Em plena sessão da Grande Loja, um deputado da *Jerusalem Escocesa* declarou abertamente que a Maçonaria devia ser *pelo bloco das esquerdas*, e exprimia infelizmente a opinião da maioria, da grande maioria, manifestando uma mentalidade de comício e a disposição de esquecer a virtude fundamental da ordem que rejeita a sua subordinação a qualquer dogma". [1]

Êste resumo da ação da Maçonaria, na França, desde 1789 à época atual, basta para fixar a nossa opinião. Examinemos, agora, a ação revolucionária da Maçonaria, nos diferentes países europeus. Não podendo transcrever a história completa da Maçonaria na Europa, limitamo-nos a escolher alguns dos casos mais significativos.

---

(1) Alberto Lantoine — *Hiram coroado de espinhos.* Vol. II, pág. 558. (O grifo é nosso).

A MAÇONARIA REVOLUCIONÁRIA NA EUROPA

Portugal

"Em Portugal, a Liberdade de pensamento, a República e a Maçonaria andam de mãos dadas, mas, dos três, a que dirige é a Maçonaria que antes de tudo, protege a Liberdade de pensamento e difunde o seu ensino". [1]

À frente da Maçonaria portuguesa, está o Grão-Mestre Magalhães Lima, jornalista, advogado, político, livre pensador, republicano, revolucionário e um dos personagens dirigentes da Maçonaria universal.

Em dezembro de 1907, esteve em París e realizou, nas Lojas da capital francesa, uma série de conferências sob o título de: *Portugal, destruição da Monarquia, necessidade da República.*

Algumas semanas depois, el-rei D. Carlos e seu filho mais velho eram assassinados. D. Manuel subia ao trono, mas, como era inofensivo, limitaram-se a enviá-lo para o exílio.

Os maçons nem se dignaram ocultar que eram os autores da revolução portuguesa. Na sessão de 12 de fevereiro de 1911, o maçon Furnemont, grande orador do Grande Oriente da Bélgica, dizia:

"Lembrai-vos do profundo sentimento de altivez que todos experimentámos, ao sabermos da rápida revolução portuguesa? Em poucas horas, ruía o trono, o povo triunfava e a república era proclamada. Para os profanos, foi um raio no céu sereno. Mas nós, meus irmãos, nós sabíamos, conhecíamos a maravilhosa organização dos nossos irmãos portugueses, o seu zêlo infatigável, a sua atividade incessante. Conhecíamos o segrêdo dêsse glorioso acontecimento". [2]

---

(1) Rafael Rens — Jornal Maçônico *Bauhütte* de 25 janeiro de 1909, n.º 4, pág. 29.

(2) Boletim do G. Oriente da Bélgica, 5910, de 1910, pág. 92, citado pelo Dr. Wichtl — *Weltfreimaurerei, Weltrevolution, Weltrepublik.* Munich, 1923.

Citando esta passagem, Wichtl acrescenta:

"Quereis outra prova? Vêde o *Bundesblatt*, órgão oficial da Grande Loja prussiana *Zu den drei Weltkügeln*. Êsse jornal fala de um livro do professor português Jorge Graínha sôbre a história da Maçonaria, em Portugal, de 1733 a 1912, e cita as primeiras palavra do prefácio:

"A maioria dos homens que se distinguiram no decorrer das convulsões políticas, religiosas e literárias de Portugal, nos dois últimos séculos, pertencia à Maçonaria.

"E o Dr. Graínha acrescenta: "Todos os chefes importantes da revolução política de 5 de outubro de 1910 eram maçons". (1)

Os que auxiliaram a queda da Monarquia pertenciam às famílias seguintes: Castro, Costa, Cohen, Pereira, Ferreira, Teixeira, Fonseca, etc., famílias poderosas, ocupando postos importantes na Espanha, na Holanda, na Inglaterra, na América, unidas pela Maçonaria e pela Aliança Israelita Universal.

Espanha

Na Espanha, como em tôda parte, o fim principal da Maçonaria é a destruição da Monarquia e da Religião. O Grão-Mestre Morayta disse-o claramente, no congresso maçônico internacional de Madri (julho de 1894):

"O povo seguiu sempre a política do rei; êsse tempo passou; na Espanha, a república é um progresso próximo e necessário". (2)

Se não conseguiram assassinar Afonso XIII, não foi por falta de tentativas. O número de atentados contra o rei é impressionante. Todavia, falaremos apenas do caso Ferrer que é interessante, porque revela a organização mundial da Maçonaria:

(1) Mesma obra de Wichtl, pág. 102.
(2) Citação do Dr. Brauweiler — *Dreipünkle Bruder*, pág. 27.

"Sob um vão pretêsto, houve, em Barcelona, uma revolta e os incêndios e os massacres obrigaram o govêrno a estabelecer, na cidade, o estado de sítio. O agitador Ferrer foi preso. Em lugar de ser fuzilado imediatamente, foi entregue ao tribunal militar que o condenou à morte. E, logo, despachos mentirosos foram enviados a todos os jornais do mundo: Ferrer não foi julgado conforme as leis, seu defensor foi preso. O clero e o próprio Papa foram responsabilizados pelo fato. "A mão sangrenta da Igreja, que é parte no processo, escrevia a *Lanterna*, dirigiu tudo e os esbirros do rei da Espanha cumpriram apenas as suas determinações. Todos os povos se devem insurgir contra essa religião de assassínio e de sangue". E, para reforçar o efeito de tais palavras, uma caricatura representava um padre com um punhal nas mãos. Ameaças de represálias, de assassínio do Rei e do Papa choveram em Madri e em Roma. Petições circularam de Paris a Roma, a Bruxelas, a Londres e a Berlim, para protestar contra o julgamento. Ferrer foi executado. Imediatamente, se realizaram, em tôdas as principais cidades da França e de todos os países europeus, numerosas e sangrentas manifestações. Para cúmulo, armou-se, nas ruas de Paris, uma espécie de triunfo em que, sob a proteção da polícia e com a participação do exército, Ferrer foi glorificado, ao som das estrofes do *Internacional*.

"Os governos foram interpelados, nos diversos Parlamentos, conselhos departamentais e municipais assinaram protestos. Cincoenta e sete cidades da França resolveram dar o nome de Ferrer a uma das suas ruas.

"A espontaneidade e o número prodigioso dessas manifestações, por uma causa estranha aos interêsses dos diversos países, indicam uma organização extensiva a todos os povos e atuando até nas suas localidades menos importantes.

"O Conselho da Ordem do Grande Oriente de Paris, enviou a tôdas as suas Lojas e a todos os poderes maçônicos do mundo um protesto contra a execução de Ferrer, no qual reivindicava o agitador como um dos seus membros: "Ferrer foi um dos nossos. Sentiu que, na obra maçônica, se concentra o mais sublime ideal, que o homem pode realizar. Afirmou os nossos princípios, até à morte. O que procuraram ferir nêle foi o ideal maçônico. Diante da marcha do indefinido progresso da humanidade, eleva-se uma fôrça retrógrada que, com os seus

princípios e a sua ação, visa rejeitar-nos nas trevas da Idade-Média".

"A Maçonaria declarou, portanto, com palavras e atos, que considerava e defendia Ferrer como a encarnação do seu ideal. Por uma carta do próprio Ferrer a um dos seus amigos conhecemos uma parte dêsse ideal: "Para não alarmar o povo e não oferecer ao govêrno o pretêsto de fechar os meus estabelecimentos, denomino-os *Escola Moderna*, em lugar de *Escola de Anarquistas*. Porque o fim da minha propaganda, confesso-o francamente, é formar nas minhas escolas, anarquistas convictos. O meu voto é atrair a revolução. Momentâneamente, todavia, devemos limitar-nos a inculcar aos cérebros da mocidade o princípio da revolução violenta. Ela deve aprender que, contra os esbirros e a tonsura, existe um único meio: a bomba e o veneno".

Eis o homem que a Maçonaria apresentou ao mundo, como um dos apóstolos do seu ideal.

Alguns dias depois da execução de Ferrer, o ministério de Madrí foi obrigado a apresentar a sua demissão; os chefes dos partidos liberal e democrático, obedecendo, sem dúvida, às injunções das Lojas, comunicaram ao presidente Maura que se oporiam implacàvelmente a qualquer projeto ou medida apresentados por êle. A sua retirada encheu de alegria todos os adeptos da liberdade de pensamento, na Europa. O jornal *Acacia* escreveu: "Não é verdade que no mundo inteiro, se travou um duelo formidável, o mesmo em tôda parte, entre as religiões e o pensamento livre, entre a autocracia e a democracia, entre o absolutismo e a revolução? Há fronteiras para a Igreja e tem o Vaticano uma pátria? Não se concentra o drama da humanidade, ao redor das fôrças internacionais que são a Convenção e a Escola? A queda do gabinete Maura e a execução de Ferrer são apenas episódios dêsse grande e infinito drama". [1]

[1] O trecho relativo ao caso Ferrer é extraído da obra já citada de Mns. Delassus; págs. 93 a 99. Vol. I.

Itália

As revoluções que, a partir de 1821, se desencadearam, na Itália, foram obra da Maçonaria, segundo afirmou o maçon Chiossone, em uma conferência realizada, em 1907, na loja parisiense *Solidariedade*. [1]

O mais célebre revolucionário italiano é Mazzini, cuja atividade européia, entre 1830 e 1872, é tão conhecida, que não há necessidade de a evocar nestas páginas. Seu intuito era a revolução universal e êle mantinha relações com os revolucionários do mundo inteiro. Mazzini e Garibaldi são considerados as estrêlas de primeira grandeza da Maçonaria italiana. [2]

Mazzini foi nomeado Grão-Mestre, em 1871. Como seria necessário dedicar um volume inteiro, para mencionar os nomes dos revolucionários italianos, limitar-nos-emos a dizer apenas poucas palavras sôbre os documentos da Alta Venda Romana de que, anteriormente nos ocupámos. Essas cartas, de cujo conteúdo foi enviada, naquela época, uma cópia a tôdas as côrtes da Europa, têm uma importância capital, pois provêm de um dos grupos supremos da Maçonaria; foram publicadas, em parte, no livro de Crétineau-Joly, *A Igreja Romana perante a Revolução*, e revelam a organização secreta geral do movimento revolucionário, na Itália. Na base, estavam as lojas maçônicas; acima destas, as associações ou *vendas* ou *carbonários* que eram, segundo Luiz Blanc, a parte militante da Maçonaria.

À frente de tôdas, ficava a Alta Venda, composta de 40 membros, todos escolhidos cuidadosamente, um por um, entre os revolucionários de eleição das lojas e das vendas. O chefe era Nubius, cujo verdadeiro nome não foi revelado pelo Vaticano. Nubius dirigiu a Alta Venda até 1844. Tornou-se, então, repentinamente fraco de espírito e morreu quatro anos depois. Realizara já o que exigiam dêle e sabia muitos segredos.

Entre êsses quarenta adeptos, muitos eram membros das mais importantes famílias de Roma; outros haviam sido admitidos, pelo seu valor pessoal; outros, finalmente, eram judeus,

[1] Extr. da Revista Maçônica, junho de 1907, n.º 237, citada por Wichtl.

[2] Revista da Maçonaria Italiana, 1891, pág. 148.

pois veremos adiante que os judeus constituem sempre a maioria, nos conselhos superiores das associações secretas.

Diversos membros da Alta Venda freqüentavam continuamente a Côrte de Roma, eram íntimos dos Cardeais e do Papa, sem que ninguém concebesse qualquer suspeita, nem pudesse desconfiar dêles. Foi só mais tarde que se descobriu o seu verdadeiro papel, quando os documentos caíram em poder do Papa; entretanto, não se pôde saber como o Vaticano os conseguiu obter.

A existência da Alta Venda era ignorada de tôdas as vendas inferiores e, portanto, da Maçonaria inferior. Contudo, acima dela, havia outro grupo ainda mais secreto, desconhecido dos próprios membros da Alta Venda que lhe obedeciam cegamente, sem saber donde provinha a ordem. Prova-o a carta de um dêles, Melegari, dirigida ao Dr. Breitenstein, em 1836:

"Queremos sacudir todo jugo e há um que não se vê, que apenas se sente e pesa sôbre nós. Donde vem? Onde está? Ninguém o sabe ou, pelo menos, ninguém o diz. A associação é secreta, até para nós veteranos das associações secretas. Exigem de nós, às vezes, cousas de arrepiar os cabelos; e acreditareis que me informam, de Roma, de que dois dos nossos, bem conhecidos pelo seu ódio ao fanatismo, foram obrigados, por ordem do chefe supremo, a ajoelhar e a comungar, pela última Páscoa? Não discuto a minha obediência, mas quisera saber o objeto de tais falsas provas de devoção".

Essas cartas são, sem dúvida, documentos extraordinários. Como eram trocadas entre confrades, os quarenta membros não se constrangiam e manifestavam claramente os seus verdadeiros pensamentos, dando provas de um cinismo frio e tranqüilo e de uma perversidade impressionante. [1]

Infelizmente, a maior parte dos textos originais foram queimados e Crétineau-Joly compôs o seu livro, baseando-se em notas e borrões que haviam sido conservados. Foi, portanto, acusado de não ter publicado o texto original e de ter feito literatura. Embora a parte essencial da obra seja exata, pois, do contrário, o Vaticano não autorizaria a sua publicação, não é possível garantir a autenticidade literal do texto. Transcrevemos, todavia, a título de amostra, a carta de *Vindice*, escrita de Castellamare a *Nubius*, a 9 de agôsto de 1838, na qual se desenvolve o plano da Alta Venda:

"Os assassínios que os nossos cometem, ora na França, ora na Suíça e sempre na Itália, causam-nos vergonha e remorso. E' o apólogo de Caim e de Abel, explicando a origem do mundo, e nós progredimos tanto que tais meios já não nos podem satisfazer. De que serve matar um homem? Só para amedrontar os tímidos e afastar de nós os corações valentes. Os carbonários, nossos predecessores, não compreendiam o seu poder. Não é no sangue de um homem isolado ou de um traidor que deve ser exercido, mas sôbre as massas. Não individualizemos o crime; para engrandecê-lo até às proporções do patriotismo e do ódio contra a Igreja, devemos generalizá-lo. Uma punhalada não tem significação nem conseqüência. Que resulta, para o mundo, de alguns cadáveres desconhecidos, semeados nas ruas pela vingança das Associações Secretas? Que importa ao povo que o sangue de um operário, de um artista, de um fidalgo e até de um príncipe seja derramado, em virtude de uma sentença de Mazzini ou de algum dos seus sicários? O mundo não tem tempo de prestar ouvidos aos gritos das vítimas; passa e esquece. Somos nós, meu Nubius, os únicos que podem suspender-lhe a marcha. O catolicismo não teme mais do que a monarquia, um estilete acerado; mas estas duas bases da ordem social podem desmoronar, pela corrupção; logo, não cessemos de corromper. Tertuliano dizia, com razão, que o sangue dos mártires gerava cristãos. Ficou assentado, em nossos concílios, que não queremos mais cristãos; logo, não façamos novos mártires, mas vulgarizemos o vício entre as multidões. Respirem-no estas, pelos cinco sentidos, até à saturação; esta terra, em que caiu a sementeira do Aretino, está sempre disposta a receber ensinamentos lúbricos. Formai corações viciosos e não tereis mais católicos. Afastai o sacerdote do trabalho, do altar e da virtude; procurai hàbilmente dar outra ocupação ao seu tempo e aos seus pensamentos, tornai-o ocioso, guloso e patriota, e êle será ambicioso, intrigante e per-

[1] Essas cartas foram publicadas por Crétineau-Joly em *A Igreja Romana perante a Revolução* (atualmente esgotado) e por Mons. Delassus em *Conjuração Anti-cristã*.

verso. Alcançareis assim um resultado mil vezes melhor do que despontando os nossos estiletes contra os ossos de alguns pobres diabos. Eu não quero e vós também não desejais — não é verdade, amigo Nubius? — dedicar a minha vida aos conspiradores, para continuarmos a trilhar a senda antiga.

"Empreendamos a corrupção em larga escala, a corrupção do povo pelo clero e a corrupção do clero por nós; a corrupção que nos levará, um dia, a enterrar a Igreja.

"Ouvi, ùltimamente um dos nossos amigos rir-se filosòficamente dos nossos projetos, observando: "Para abater o Catolicismo seria preciso suprimir, primeiro a mulher". O conceito é verdadeiro, mas, como não podemos suprimir a mulher, corrompamo-la com a Igreja. *Corruptio optimi pessima.* O fim tem bastante atrativos, para tentar homens da nossa têmpera. Não nos desviemos dêle, pela satisfação de algumas míseras vinganças pessoais. O punhal mais apropriado, para ferir o coração da Igreja, é a corrupção. Mãos à obra, pois, e até ao fim!"

Após a morte de Mazzini, seus discípulos melhores e mais fiéis assumiram a direção da Maçonaria. Foi nomeado então o primeiro conselho da ordem dos maçons italianos, com 33 membros. No decorrer de 1872, fundou-se a unidade maçônica italiana que, em 1887, consolidou as suas posições.

A Maçonaria italiana foi sempre ùnicamente revolucionária e, assumindo o poder, o fascismo a dissolveu.

A êste respeito, o *Popolo d'Itália* publicou:

"Pela primeira vez, um partido no poder tem a coragem de quebrar o obscuro abraço envolvente e sufocante da Maçonaria. Pela primeira vez, uma coalisão governamental ousa lançar um desafio irreparável a essa velha seita secreta, cujos tentáculos se haviam insinuado em tôdas as organizações do Estado e que, até há pouco tempo, costumava impor uma espécie de investidura a todos os gabinetes derivados do temeroso e vacilante liberalismo italiano. Desde que era necessário resolver o problema, tôda tergiversação reforçaria o oculto poder do Palácio Giustiniani e confirmaria mais uma vez, a invulnerabilidade da seita que se julgava um govêrno do governos, um Estado acima do Estado. O ato corajoso do Grande Conselho demonstrou, pelo contrário, que o Fascismo, partido de mocidade e de reforma, possue um poder tão seguro e meditado, que ousa desafiar a Maçonaria e afrontar, com iluminada energia, todo risco de desordens interiores.

"Uma vida nova se inicia para a Itália".

Comentando êste manifesto, Alberto Lantoine, escreveu:

"Obrigada, por assim dizer, a retroceder sôbre si mesma, a Maçonaria vai consagrar-se a trabalhos espirituais, evitar tôda tentativa de manifestação, que seria muito mal recebida, e, chegada a hora da possibilidade de represália, saberá vingar-se da afronta que lhe foi infligida". [1]

Após esta rápida revista da ação maçônica nos países latinos, passemos à Europa Central.

Áustria-Hungria

Muito longa seria a enumeração do papel exercido pela Maçonaria nas modernas revoluções da Turquia, da Sérvia, da Grécia, da Alemanha, etc. Trataremos apenas da sua ação na Húngria, país muito interessante sob o nosso ponto de vista, porque, após a revolução bolchevista de Bela Kun, o govêrno apreendeu e publicou os arquivos maçônicos, provando assim claramente a relação da Maçonaria com o movimento revolucionário.

A 28 de abril de 1918, o venerável Grão-Mestre da Maçonaria húngara, Dr. Arpad Bokay, pronunciou, em Viena, um discurso muito patriótico:

"Os inimigos da Húngria são também os inimigos da Áustria; os que se aliaram, para desmembrar a Áustria, querem fazer o mesmo com a Húngria; foi a monarquia o que, na tempestade da guerra, protegeu mais eficàzmente os povos da Áustria-Húngria, etc."

Em novembro do mesmo ano, o império desmoronava e na primeira página do seu boletim, que podia finalmente aparecer,

(1) A. Lantoine — *Hiram coroado de espinhos*, Vol. II, pág. 400.

sem obstáculos, (1) a Maçonaria vienense saüdava, nestes termos, o acontecimento:

"O novo estado de cousas sobreveio, de surprêsa. Repentinamente tornámo-nos republicanos livres, senhores de nós mesmos. Não éramos mais os escravos e os mártires de um govêrno de burocratas, rastejando servilmente perante o absolutismo e o militarismo". (2)

Por uma vez, o Dr. Arpad Bokay, Grão-Mestre da Maçonaria húngara, pronunciava, a 2 de novembro de 1918, um discurso significativo, de que transcrevemos uma passagem, tirada do *Wiener Freimaurer Zeitung* (o govêrno revolucionário de Karolyi acabava de se constituir):

"Êste programa maçônico (que o orador acabava de expor) é também o programa do Conselho Nacional húngaro e do govêrno popular que ora se forma.

"Êle traça nitidamente a nossa atuação.

"Marcharemos com êles, trabalharemos com êles, partilharemos a sua tarefa, vasta e pesada mas também nobre, para que a velha Húngria penetre, sem estremecimento, na terra abençoada da nova Húngria, o que é o voto mais fervoroso de todo bom patriota.

"Nossos amados e muitos estimados irmãos trabalham, hoje, na primeira fila e isto enche-nos de tranqüilidade, pois os conhecemos e sabemos que cumprirão, com espírito maçônico, a obra que empreenderam".

(Nota do jornal — "Seis irmãos maçons pertenceram ao primeiro govêrno republicano húngaro, como ministros, secretários e sub-secretários de Estado").

Com o advento de Bela Kun, a Maçonaria teve de afrontar certas dificuldades; por uma ironia da sorte, passava a ser considerada demasiadamente burguesa e desconfiavam dela.

(1) Autorizada condicionalmente na Húngria, a Maçonaria era interdita na Áustria o que, mediante algumas precauções, não impedia a sua existência e a sua atividade.

(2) *Wiener Freimaurer Zeitung*, ns. 1/2, maio de 1929, pág. 2.

Após a queda do bolchevismo, o govêrno húngaro ordenou a dissolução das lojas e publicou os seus arquivos. Na sua desgraça, os maçons húngaros apelaram para os seus irmãos do mundo inteiro.

Relativamente a êste ponto, o jornal maçônico *Latomia* de Leipzig publicava, em março de 1922, o interessante artigo que segue:

"Húngria"

"Mediante informações de um dos nossos irmãos húngaros, residentes em Nüremberg, sôbre a triste sorte dos maçons da Húngria, podemos fazer a seguinte comunicação:

"Depois de endereçar, durante a guerra, uma mensagem de saüdação ao imperador Francisco-José, os maçons aderiram, depois da catástrofe, à idéia republicana socialista, na nobre persuasão de que havia chegado finalmente o tempo de realizar o ideal maçonico; fizeram-lhe, com seus escritos, uma propaganda ativa e a maior parte dos dirigentes foram maçons.

"Quando, mais tarde, a onda bolchevista submergiu a Húngria, os homens que se apossaram do poder não tardaram a oprimir a Maçonaria, como se fôsse uma instituição burguesa.

"Pouco depois, graças ao auxílio estrangeiro, a reação reassumiu o poder e, inspirada por uma direção clerical, interdisse igualmente as lojas, ocupou os seus locais, apoderou-se do dinheiro das cotizações e de tudo o que foi encontrado.

"Na sua desgraça, os irmãos húngaros dirigiram-se às Grandes Lojas Norte-Americanas. E, como a Húngria negociava, então, um empréstimo nos Estados Unidos, os americanos responderam que não era possível tratar dêsse empréstimo, enquanto as instituições do direito não fôssem restabelecidas na Húngria, alusão muito clara à interdição da Maçonaria húngara.

"Em conseqüência, o govêrno húngaro viu-se obrigado a entrar em relações com o Grão-Mestre. Propôs o restabelecimento livre dos trabalhos maçônicos, com a condição de conceder aos profanos direito de acesso.

Esta proposta foi, naturalmente, recusada pelo Grão-Mestre e o empréstimo não se realizou". [1]

Não é necessário insistir sôbre a importância dêste artigo, pois, em poucas linhas, revela a ação exercida, na revolução húngara, pela Maçonaria e pelo govêrno americano que, nessa circunstância, se tornou agente da Maçonaria americana, o que é grave. E por outro lado, onde está em tudo isso a célebre distinção entre a Maçonaria continental e a Maçonaria anglo-saxônia? Ora, não esqueçamos que é maçônico o jornal que forneceu a informação; logo, ela é indiscutível.

O número de setembro de 1922 do *Jornal Maçônico* de Viena anunciava, da Itália, que o Grão-Mestre Torrigiani prometera intervir, na conferência de Genebra, junto aos governos de diversas potências maçônicas, para influenciar o govêrno húngaro. A França agiu enèrgicamente no mesmo sentido. Mas, para honra sua, o govêrno húngaro não cedeu e afrontou tôdas as dificuldades. [2]

Leia-se a seguinte carta aberta do deputado Júlio Gombôs ao Presidente do Conselho húngaro, conde Paulo Teleki.

"Como todos sabem, o govêrno húngaro dissolveu a Maçonaria, porque alguns dos membros dessa seita cooperaram na preparação da revolução de outubro e na obra de destruição sistemática, contrária aos interêsses do povo e do Estado da Húngria. Segundo as declarações dos inquiridores, havia, entre êsses homens, alguns que, entre nós, representavam as tendências dos judeus para o domínio universal e que tentaram, sob a proteção do segrêdo, adormecer o sentimento nacional,

[1] *Latomia* de Leipzig; ns. 2/3, 1.° de março de 1923, pág. 31.

[2] Durante a guerra, a comissão tcheque no exterior tinha a sua sede no Grande Oriente da França, em París, à rua Cadet, 16. Outra organização exterior tcheque era a *John Hus League of Slaves* nos Estados Unidos; foi ela que obteve que a *Entente* declarasse um dos seus fins, de guerra a independência da Tcheco-Slováquia. Isto, segundo Wichtl. Aliás, no seu livro a *Revolução Mundial* o Dr. Masaryk, pres. da Rep. Tcheque, declara que, desde 1907, os grandes judeus da América, entre outros Brandeis e Sokolov, auxiliavam enèrgicamente a sua propaganda democrática. Informação do *Weltkampf* n.° 49, de 1928; Munich.

para fazer triunfar uma doutrina anti-nacional que nos é estranha, mas que êles muito prezam.

"Sabemos também que as Lojas empreenderam a luta contra o que se denomina o clericalismo, porque a fôrça da idéia cristã e a organização da cristandade eram um obstáculo à realização do seu plano.

"Em tempo, a *Move* e com ela, segundo creio, grande parte da sociedade cristã da Húngria receberam, com júbilo, a ordem do govêrno, proscrevendo a Maçonaria, e foi com alegria ainda maior que penetrámos nos locais misteriosamente dispostos da grande loja simbólica. Não tencionamos abandoná-los, pois veríamos nesse abandono a anulação da obra atual para a salvaguarda nacional.

"Considerando o passado dos órgãos da Maçonaria húngara e a diversidade das concepções do mundo nós e, segundo creio, o govêrno só podemos manter o nosso ponto de vista de interdição. Ainda que a decisão da sorte da Maçonaria húngara seja um caso de ordem interior, na minha opinião, V. Exa. prestaria um valioso serviço ao país, informando os estrangeiros sôbre essa questão e *outra que a ela se prende: a questão judaica*, para que, no exterior, não se formem idéias errôneas acêrca das medidas tomadas para a defesa da religião, da moral, do povo e da nação".

Eis o resumo dos papéis secretos encontrados nas lojas de Budapest: [1]

"O livro sôbre a Maçonaria na Húngria que a União das Sociedades cristãs e nacionais húngaras acaba de editar divide-se em três partes: a primeira intitulada *Os crimes da Maçonaria* por *Adorjan Barcsay*, reproduz grande número dos documentos apreendidos na época da dissolução das lojas, em 1920. A segunda parte, escrita por *Joseph Palatinus*, intitula-se: *Os segredos de uma loja de província* e revela, como a primeira, a obra oculta de destruição que arrastou a Húngria à revolução de outubro de 1918 e ao comunismo de 1919.

"O última parte contém a lista dos membros das lojas maçônicas da Húngria e prova que 90 % dos maçons húngaros

[1] Publicado por Mons. Jouin *O perigo judeu-maçônico*, vol. III, pág. 120 e seguintes, segundo o dr. Júlio Gesztesi.

eram judeus. Os três primeiros capítulos resumem brevemente a história geral do movimento maçônico. Os capítulos IV-VIII analisam os métodos de ação dos maçons húngaros, a sua luta contra a Igreja e o ensino religioso nas escolas, a sua campanha em favor do sufrágio universal, a sua política das nacionalidades e a sua tendência internacional. Finalmente os últimos capítulos, os que devem, mais especialmente, merecer a nossa atenção, demonstram como os judeus agrupados nas lojas, prepararam sistemàticamente a derrota e as perturbações que sucederam à guerra.

"O capítulo XI revela-nos, com o apôio de numerosos documentos, que na Húngria como alhures, a Maçonaria é uma obra eminentemente judaica; assim, por exemplo, o livro que contém a constituição da Grande Loja Simbólica da Húngria, impresso em Budapest, em 1905, traz a data da era judaica de 5886. O texto dos votos pronunciados pelos adeptos está expresso em idioma hebraico; as senhas secretas eram também palavras hebraicas. A lista publicada no fim do livro prova, que 90% dos membros das lojas eram judeus: Abel, Bloch, Berger, Fuchs, Herz, Lévy, Pollak, Rosenthal, Schon, Hun, Hubar, etc. O autor do livro cita, a êsse respeito, um prefácio muito característico da obra do professor Pedro Agoston (um dos comissários do povo que participou do poder com Bela Kun e que os tribunais húngaros condenaram à morte, em dezembro último) obra intitulada *A vida dos judeus,* no qual, entre outras cousas se diz que escrever a história dos judeus da Húngria é escrever a história do movimento maçônico no mesmo país.

"O capítulo X fornece-nos a prova de que, a-pesar-das aparências, a caridade pública nunca foi o objeto principal dos maçons húngaros. Embora só tivessem conseguido o reconhecimento de sua lojas pelo ministro do Interior, em 1886, com a condição expressa de não se ocuparem de política, a caridade foi, para êles, apenas um frontispício, atrás do qual se ocultavam os intuitos secretos dos maçons judeus de se apoderarem, lentamente, do poderio público.

"Num relatório de 25 de fevereiro de 1911, assinado por Paulo Szende, Venerável da Loja *Martinovics,* encontramos trechos como êste: "Reconhecemos, de boa vontade, que a caridade, como a exercemos atualmente, não corresponde às nossas idéias. Devemos concentrar a nossa atenção sôbre a necessidade

de alcançar as mudanças radicais que transformem a sociedade atual".

"Em 1916, Carlos Szalay Grão-Mestre da Loja *Comenius,* em discurso pronunciado numa assembléia plenária, reconhece que o espírito que anima os verdadeiros maçons foi sempre revolucionário e destrutor. As obras de caridade pública não são o seu objeto principal, mas simplesmente um meio, para alcançar o têrmo final.

"No que concerne a ação maçônica, na revolução comunista na Húngria, a obra põe em destaque o trabalho desenvolvido pelos maçons, principalmente por meio da imprensa. Com um labor paciente e encarnicado, conseguiram conquistar a maior parte dos jornais, por meio dos quais procuraram diminuir o nacionalismo magiar. O quotidiano *Vilag* é especialmente responsável pelo enfraquecimento da disciplina no exército húngaro, tendo sido espalhado, aos milhares, nas trincheiras.

"A imprensa judeu-maçônica também foi sempre a defensora dos judeus emigrados da Galícia que, durante a guerra, arruïnaram, com suas vergonhosas especulações, a vida econômica da Húngria. Os mesmos jornais envenenaram a mocidade das escolas com as suas teorias anti-patrióticas. O *Vilag* de 8 de dezembro de 1910 escrevia: "O ensino exagerado da língua húngara, a exaltação dos sentimentos patrióticos, pelo estudo dos cânticos nacionais têm apenas um resultado: o embrutecimento da infância". E o *Kelet,* jornal oficial das maçons húngaros, imprimia, em 15 de dezembro de 1910: "Necessitamos conquistar os professores, para chegar, por meio dêles, ao coração da mocidade e preparar o ensino leigo. Os mestres devem ser os precursores das idéias mais avançadas".

"Além de conquistar a imprensa e as escolas, os maçons tratam de adquirir a maior influência possível, na política, e de apressar o voto do sufrágio universal que era ainda — e êles não o ignoravam — irrealizável, na Húngria. E, por meio de algumas citações, o autor põe em evidência a atitude dos maçons, durante a revolução.

"Em 1918, a Grande Loja Simbólica de Budapest resolveu, unânimemente, enviar ao conde Miguel Karolvi e ao Conselho Nacional revolucionário uma mensagem de saüdação, declarando que a maçonaria húngara apoiaria, com todo o seu poder, o novo govêrno, porque o considerava favorável à realização dos seus fins. A 2 de novembro, a mesma loja definia os seus sentimen-

tos: "O govêrno que está atualmente no poder visa realizar as nossas próprias idéias. Há, entre os seus membros, muitos dos nossos irmãos, o que é para nós a garantia de que a Húngria revolucionária seguirá o caminho das reformas radicais. Temos o dever de o auxiliar, na medida dos nossos meios".

"Lembremos, para terminar, que tôdas as lojas maçônicas foram dissolvidas desde 1920 e seus bens confiscados, em proveito do Estado, segundo as leis da Constituição húngara. O ministério do Interior ordenou um inquérito, para averiguar quais eram os maçons culpados de atos anti-constitucionais e entregar os responsáveis aos tribunais regulares, logo que se encerrasse a investigação. Tôdas as associações cristãs que, em parte, se constituíram depois da guerra, inscreveram, como primeiro artigo, no seu programa, a luta contra os maçons e exigem com energia a declaração da sua culpabilidade, pois a opinião pública os considera como os maiores responsáveis da derrota e, principalmente, dos movimentos revolucionários que causaram tanto mal ao país.

"Quando, em 1920, foi decretada, na Húngria, a dissolução das lojas, o sr. Berthelot, em nome dos maçons da França, endereçou uma carta ao conde Alberto Apponyi, chefe da Delegação húngara da paz, rogando-lhe que interviesse, afim de decidir o govêrno húngaro a desdizer a sua resolução. Membros da missão diplomática inglesa de Budapest e de Viena operaram no mesmo sentido, mas o govêrno respondeu que, enquanto a ação da Maçonaria não fôsse completamente esclarecida, não era possível tratar de restabelecer a seita nos antigos privilégios".

Para terminar, examinemos a ação da maçonaria, durante a guerra.

A MAÇONARIA E A GUERRA

Depois de um estudo profundo da questão, certos autores afirmaram que a guerra de 1914 foi, na realidade, uma guerra de judeus e de maçons, talvez provocada e, em todo caso, utilizada por êles, para a realização dos seus fins; foram êles, com efeito, os grandes beneficiários da paz de Versailles, pela queda das monarquias e pela democratização da Europa, pelo desmembramento da Áustria católica, pela transferência, para mãos ju-

daicas, da hegemonia financeira, pela criação da Liga da Nações, reclamada e anunciada, há muito tempo, pelas lojas e pelos judeus.

A discussão desta afirmação é assunto que excederia os limites dêste estudo; seria também sair do nosso quadro. Mas alguns documentos maçônicos apresentados ao leitor bastarão, sem dúvida, para que possa formar a sua opinião.

O ATENTADO DE SARAJEVO

A 15 de setembro de 1912, a *Revista Internacional das Associações Secretas,* dirigida por Monsenhor Jouin, publicava as seguintes linhas:

"E' possível que, um dia, se esclareçam estas palavras de um importante maçon suíço, relativas aos herdeiros do trono austríaco:

"E' um homem como se quer; é pena que esteja condenado: morrerá nos degraus do trono". [1]

A 28 de junho de 1914, o Arquiduque herdeiro da Áustria e sua mulher pereciam em Sarajevo, vítimas das balas dos maçons sérvios.

A 12 de outubro do mesmo ano, um dos assassinos, Cabrinovic, declarava tranqüilamente aos juízes do Conselho de Guerra:

"Na Maçonaria, é permitido matar".

Tais são, em resumo, as incógnitas inquietantes do crime político que desencadeou a guerra.

Evoquemos brevemente os fatos:

O Arquiduque e sua espôsa chegavam em viagem oficial a Sarajevo, cidade da Bósnia-Herzegovina, próxima da fronteira sérvia. Ocupavam os assentos posteriores de um automóvel, tendo, em frente, o general Potiorek e o conde Harrach. O carro

[1] *Revista Internacional das Associações Secretas.* Avenida Portalis, n.º 8, Paris. Número de 15 de setembro de 1912, págs. 787-788.

percorria lentamente o cais Appel, em direção ao Palácio Municipal. Armados de bombas e revólveres, oito assassinos estavam disseminados na multidão. Três eram mais resolutos: Cabrinovic, Princip e Grabez.

Perto da ponte Cumurja, Cabrinovic lançou uma bomba que caiu sôbre o automóvel, oscilou um instante e rolou até ao chão, onde explodiu, ferindo diversas pessoas, entre elas, as que ocupavam o carro seguinte ao dos príncipes. O Arquiduque parou, para se informar do estado dos feridos; depois continuou, conformando-se ao programa estabelecido. Terminada a recepção no Palácio Municipal, o conde Harrach resolveu colocar-se no estribo esquerdo, para proteger suas altezas contra um provável atentado dêsse lado. Mas êste havia de vir pela direita. Na esquina da rua Francisco José, o automóvel parou justamente diante de Princip, outro assassino que disparou, de perto, vários tiros de *browning*. Os Arquiduques não se moveram, mas, decorrido um instante, a Arquiduquesa caiu lentamente contra o ombro do marido. O conde Harrach ouviu-o murmurar docemente: "Sofia, Sofia, não morra, viva para os nossos filhos".

Entretanto o príncipe continuava sentado tranqüilamente, amparando a Arquiduquesa; apareceu-lhe um pouco de sangue nos lábios e, à pergunta do conde Harrach, respondeu com voz fraca: "Não é nada, não é nada". Depois, também desmaiou. O cortejo chegava ao Palácio do Govêrno; os dois corpos foram transportados ràpidamente para o primeiro andar, mas os médicos, chamados com urgência, puderam apenas verificar a morte.

O drama terminara. Havia durado só alguns minutos, alguns breves minutos que deviam abalar o mundo.

Vinte acusados compareceram perante o Conselho de Guerra de Sarajevo. Oito haviam participado diretamente do crime. Os quatro mais ativos haviam sido Princip, Cabrinovic, Grabez e Illic. Todos eram moços, entre dezoito e vinte anos de idade; a maior parte eram estudantes. Princip era judeu.

Resolvido o assassínio, os conjurados careciam de armas; e aqui se entrevê, pela primeira vez o poder oculto cuja influência nesse drama teve conseqüências tão formidáveis. Faltavam-lhe as armas e, para as obter, dirigiram-se, de comum acôrdo, a *Narodna Odbrana*, na pessoa de um dos seus membros, Ciganovic, que, em tudo isso, serviu de traço de união entre os conjurados e o major sérvio Tankosic, um dos dirigentes da *Narodna Odbrana*, associação secreta do gênero dos *carbonários*, cujos chefes eram também maçons. (¹)

Sob uma aparência filantrópica de educação popular, o seu verdadeiro intuito era provocar uma agitação revolucionária, entre as populações eslavas da Áustria-Húngria.

Ciganovic recebeu os conjurados, de braços abertos; garantiu-lhes logo que a *Narodna* se encarregaria de fornecer as armas e de organizar a conspiração, com a condição de que êles se conservassem tranqüilos e esperassem. No momento oportuno, seriam prevenidos.

E o major Tankosic tomou logo o caso a seu cargo. Um tal Casimirovic, cuja atuação se conserva obscura, partiu para uma misteriosa viagem, em visita a certas lojas maçônicas da Europa.

(¹) Vejam-se os detalhes do processo em: *Der Prozess gegen die attentater von Sarajevo*. Trechos do relatório estenográfico do processo, reünidos pelo prof. Pharos, de Berlim, Deckers Verlag, 1918.

Illic e mais dois acusados foram condenados à morte e enforcados a 2 de fevereiro de 1915. Princip, Cabrinovic e Grabez, que eram menores, foram condenados a vinte anos de prisão. Os dois últimos morreram no cárcere. O papel da Maçonaria no atentado de Sarajevo ainda não pôde ser definitivamente esclarecido. O *Mercure de France*, publicou dois artigos de origem diversa, em resposta ao que eu escreví sôbre êste assunto. Um é do sr. Alberto Mousset e o outro do maçon sérvio Tomich. Ambos afirmam terem manuseado o texto original sérvio-croato do processo, enquanto eu só conheço o texto alemão, única publicação oficial até a esta data. Ambos alegam que a tradução alemã não é exata, mas pouco dizem do original e o que dêle citam é contraditório. Mousset argumenta que, sem modificar o texto, o tradutor reüniu trechos originàriamente separados, conferindo mais gravidade à acusação. Tomich pretende que não há nenhuma alusão à Maçonaria. Há, pois, alguma indecisão entre os meus contraditores. Nestas condições é preferível esperar que se entendam, antes de rever e modificar, se fôr necessário, a passagem relativa a Sarajevo.

Vejam-se as memórias seguintes do *Mercure de France*, de 1.° de abril, 1.° de maio e 1.° de agôsto de 1929.

Depois do seu regresso, os conjurados foram enviados a Sarajevo e o atentado se realizou, tal como o narrámos. Além da *Narodna*, julgámos entrever confusamente a influência da Maçonaria internacional, que no decorrer do processo foi definida por certos trechos dos interrogatórios, cujo relatório estenográfico reproduzimos:

Cabrinovic — "Casimirovic era maçon e, de um certo modo, um chefe. Partiu quasi imediatamente *(depois que os conjurados se ofereceram para perpetrar o crime)* para o estrangeiro. Esteve na Rússia, na França, em Budapest. Tôda vez que eu perguntava a Ciganovic, quando se realizariam os nossos projetos êle respondia: "Quando Casimirovic voltar". Naquela época, Ciganovic contou-me também que, dois anos antes, os maçons haviam condenado à morte o herdeiro do trono, mas não haviam encontrado ainda quem quisesse executar essa sentença. Mais tarde, quando me entregou a *browning* e os cartuchos, disse-me: "O homem voltou ontem de Budapest". Eu sabia que o móvel dessa viagem fôra a nossa emprêsa, acêrca da qual êle conferenciaria, no estrangeiro, com certos círculos (organizações)".

Presidente — "Não são histórias o que me estás contando?"

Cabrinovic — "E' a verdade pura, muito mais exata do que os vossos documentos da *Narodna Odbrana*".

Em outro ponto do processo, o defensor, Dr. Premusic, dirigindo-se a Cabrinovic faz a seguinte pergunta: "Leste os livros de Rosic?"

Cabrinovic — "Li o seu tratado sôbre a Maçonaria".

Premusic — "Êsses livros eram distribuídos em Belgrado?"

Cabrinovic — "Eu os compús, como tipógrafo".

Premusic — "Dize-me: acreditas em Deus ou em alguma cousa?"

Cabrinovic — "Não".

Premusic — "E's maçon?"

Cabrinovic — (Perturba-se e cala-se um instante; depois, voltando-se para Premusic): "Por quê me pergunta isso? Não posso responder".

Premusic — "Tankosic é maçon?"

Cabrinovic — (após um breve silêncio) "Por quê me pergunta isso? Sim, é maçon como Ciganovic".

Presidente — "Donde se deduz que também és maçon,

porque um maçon nunca confessa, senão a um confrade, que pertence à seita".

Cabrinovic — "Peço-lhe que não me interrogue sôbre isso. Não responderei.

Outro trecho do processo:

Presidente — "Dize alguma cousa dos motivos. Sabias, antes de te decidires ao crime, que Tankosic e Ciganovic eram maçons? O fato de o serdes, tu e êles, influiu na tua resolução?"

Cabrinovic — "Sim".

Presidente — "Recebeste dêles a missão de executar o atentado?"

Cabrinovic — "Ninguém me incumbiu de o realizar. A Maçonaria liga-se ao atentado, só porque me fortificou no meu plano. Na Maçonaria, é permitido matar. Ciganovic disse-me que os maçons, há mais de um ano, haviam condenado à morte o arquiduque Francisco Fernando".

Presidente — "Disse-te isso logo, ou só depois que lhe referiste o teu desejo de executar o atentado?"

Cabrinovic — "Já havíamos falado antes da Maçonaria, mas Ciganovic não me referiu a sentença de morte, enquanto não nos mostrámos bem decididos a praticar o atentado".

Transcrevemos outro trecho do processo, uma passagem do interrogatório do jovem Gabrilo Princip que feriu de morte o Arquiduque:

Presidente — "Falou a respeito da Maçonaria com Ciganovic?"

Princip — (com insolência) "Por quê me pergunta isso?"

Presidente — "Pergunto, porque desejo saber. Falou-lhe ou não?"

Princip — "Sim; Ciganovic disse-me que era maçon".

Presidente — "Quando lhe disse isso?"

Princip — "Quando o interroguei sôbre o modo de executar o atentado. E acrescentou que falaria com certa pessoa e esta lhe forneceria os meios necessários. Noutra ocasião, contou-me que o herdeiro do trono fôra condenado à morte, numa loja maçônica".

Presidente — "O sr. também é maçon?"
Princip — "Por quê me pergunta? Não responderei (após um breve silêncio). Não".
Presidente — "Cabrinovic é maçon?"
Princip — "Não sei. Pode ser; disse-me certa vez que ia entrar para uma loja.

No seu último livro, Ludendorff relata que um maçon alemão, chamado Kothner, descobrira, em 1913, o que se preparava, principalmente o assassínio do Arquiduque herdeiro da Áustria, e mais tarde teria feito uma declaração pública a êsse respeito.

E ainda, segundo Ludendorff, no seu livro *Weltkriege* (Na guerra mundial) o conde Czernin affirma:

"O Arquiduque sabia claramente que o perigo de um atentado contra êle estava sempre iminente. Um ano antes da guerra, anunciou-me que os maçons tinham decretado a sua morte. Mencionou também a cidade em que essa resolução fôra tomada — eu depois a esqueci — e citou-me os nomes de diferentes políticos húngaros e austríacos que também deviam estar informados". [1]

A GUERRA MAÇÔNICA

No congresso maçônico internacional de Paris, em 1917, o objeto principal da deliberação foi: Estudar os meios de provocar, na própria Alemanha, um enérgico movimento contrário à monarquia, pois a base da paz deve ser a deposição de Guilherme II e de Carlos I. Todos os jornais passaram, imediatamente, a exprimir esta idéia, sob tôdas as formas: a paz não se poderá concluir, antes da deposição de Guilherme II e de Carlos I. O que, entretanto, não se dizia era que o escreviam, obedecendo a sugestões ou a ordens maçônicas.

Na sua declaração de guerra, o maçon Wilson anunciou, solenemente, ao Congresso americano que fazia guerra ao govêrno e não ao povo alemão.

Tudo isto concorda de um modo perfeito com a norma traçada nitidamente, na conferência maçônica de Lisboa, pelo Grão-Mestre Magalhães Lima, a 13 de maio de 1917:

"A vitória dos aliados deve ser o triunfo dos princípios maçônicos". [1]

Os jornais maçônicos ingleses e americanos não se cansaram de repetir que o grande conflito era uma guerra maçônica, na qual se lutava, no campo mundial, pela vitória dos ideais maçônicos.

O *Freemason* de Londres publicava:

"A Maçonaria compreende mais de dois milhões de membros. Cada maçon americano sabe o que isto significa, para a segurança e a perpetuação da República. A guerra mundial é a luta da democracia contra a autocracia; e o futuro do mundo será democrático, quer o Kaiser alemão o saiba, quer não". (23 de junho de 1917; pág. 651).

Quasi ao mesmo tempo, uma das autoridades maçônicas francesas, A. Lebey, dizia em Paris:

"E' necessário saber onde está a razão entre a boa fé e a mentira, entre o bem e o mal, entre a liberdade e a autocracia. A luta atual é a continuação da que se iniciou em 1789; é indispensável que um dos dois princípios triunfe ou pereça. A própria existência do mundo está em jôgo. Pode a humanidade viver livre, é digna de liberdade ou, pelo contrário, o seu destino a condena à servidão?

"Eis o dilema que a catástrofe estabeleceu e ao qual todos os democratas já responderam. Não há meio de recuar, nem de transigir.

"Em uma guerra tão nítida, tão clara, tão formal, ninguém pode ter hesitações quanto ao seu dever.

"Não defender a Patria seria querer a rendição da República.

Pátria, república, espírito revolucionário e socialismo estão ligados indissolùvelmente. [2]

"Ora, já é tempo de completar os direitos do homem com

---

(1) Ludendorff — *Kriegshetze und Volkermoden*, 1928.

(1) Citação dos *Neue Nachrichten*, 1917, n.° 206. Cf. Wichtl.
(2) Grifado pelo autor dêste livro.

os direitos dos povos, e a essência da batalha é realmente a luta do princípio animado da união livre dos sêres contra a idéia morta de um despotismo estéril e fatal". (1)

A 28, 29 e 30 de junho de 1917, o Grande Oriente e a Grande Loja da França reüniram, em congresso, os representantes das maçonarias aliadas e neutras, para discutirem as condições de paz; e, entre outras, foi adotada esta conclusão:

"A base da existência das Nações é a soberania manifestada pela vontade livremente expressa das populações.

"A unidade, a autonomia e a independência de cada nacionalidade são invioláveis. Um povo que não é livre, isto é, que não possue as instituições democráticas e liberais indispensáveis ao seu desenvolvimento, não pode constituir uma nação". (2)

Ao mesmo tempo, preparava-se ativamente a revolução, no interior da Alemanha. O social-democrata Vater, falando, em Magdeburgo, numa reünião dos conselhos de operários e soldados, definiu o modo como essa preparação se organizou:

"A partir de 25 de janeiro de 1918, preparámos metòdicamente a revolução. Foi uma tarefa difícil e extremamente perigosa: pagámo-la com vários anos de prisão e de presídio. O partido social-democrático verificara que as grandes greves não levam à revolução e que era necessário tentar, por outros meios. O trabalho produziu os seus frutos. Organizámos a deserção, na frente. Munimos os desertores de documentos falsos, de dinheiro e de escritos de propaganda incitando à deserção. Espalhámos os nossos em tôdas as direções, sobretudo na frente, para que operassem entre os soldados e desagregassem o exército, aconselhando aos combatentes que se en-

(1) A. Lebey — *Na Loja Maçónica.* Comunicação do Conselho da Ordem, 9 de dezembro de 1917; pág. 327.

(2) A. Lebey — *Na Loja Maçónica*, pág. 321.

E' bem conhecida a célebre fórmula: Direito dos povos de disporem de si próprios. Mas, pelo que se deduz da explicação acima, um povo que não beneficia de um govêrno democrático não é livre, não constitue, portanto, uma nação, não tem, por conseqüência, nenhum direito. Apenas isto!

tregassem ao inimigo; assim se conseguiu o desmoronamento, pouco a pouco, mas com lenta segurança". (1)

Em resumo, portanto, sob as fervorosas proclamações de guerra do direito, da liberdade e da civilização, ocultava-se o verdadeiro intuito: o destruição das monarquias, o abatimento das potências católicas em proveito das nações protestantes e a vitória da revolução.

Agora que êsse triunfo parece próximo, é supérfluo ocultá-lo e o sr. Coolidge, presidente da República Norte Americana, acaba de o reconhecer pùblicamente, num discurso pronunciado em Hammond, a 14 de junho de 1927:

"A principal questão em jôgo no conflito formidável era decidir a forma de govêrno que devia predominar entre as grandes nações mundiais: a forma autocrática ou a forma republicana. A vitória manifestou-se finalmente a favor do povo". (Reuter; Londres, 14 de junho de 1927). (2)

CONCLUSÃO

A MAÇONARIA NA REALIDADE

Vimos o que é a Maçonaria, na aparência.

Examinámos a sua ação revolucionária no mundo.

Iluminados pela lição dos fatos e pelos documentos maçónicos que publicamos, podemos, pois, mostrar o que é a Maçonaria na realidade.

Na aparência: associação secreta, filantrópica e humanitária.

Em absoluta contradição com isto, mostrámos, com o apôio das provas, a obra revolucionária da Maçonaria no mundo.

Falta-nos, todavia, expor a organização da Maçonaria e resumir o que ela é, na realidade: sua origem, seu objeto, seu modo de proceder, sua organização real, a unidade maçónica mundial e a sua suprema direção.

(1) *Ost Deutsche Rundschau*, Viena, 21 de dezembro de 1919. Wichtl e memórias de Ludendorff.

(2) Realizada a democratização da Europa Central, as potências maçônicas favorecem ativamente a reconstrução da Alemanha protestante e judaica em prejuízo da França católica, de comum acôrdo com os financeiros judeus internacionais que desejam salvar a Alemanha em seu proveito.

ORGANIZAÇÃO DA MAÇONARIA

I — *Origem da Maçonaria*

A origem da seita é indiscutìvelmente muito antiga; prende-se às associações secretas anteriores e até aos judeus cabalistas do Egito. [1]

Só se tem certeza de sua existência, sob a forma atual, desde 1717, data da constituição Anderson, base fundamental de tôdas as constituições maçônicas presentes.

II — *Intuito da Maçonaria*

O intuito da Maçonaria é destruir a civilização atual, essencialmente cristã, para edificar sôbre os seus escombros o mundo maçônico, baseado no racionalismo ateu.

"Instituição essencialmente filantrópica, filosófica e progressista, a Maçonaria tem por objeto a procura da verdade, o estudo da moral e a prática da solidariedade; esforça-se pelo melhoramento material e moral e pelo aperfeiçoamento intelectual e social da humanidade. [2]

O maçon assume o compromisso geral de

"procurar a verdade, em qualquer campo, ùnicamente por meio dos recursos naturais do espírito humano, só com a luz da razão e da experiência". [2]

"A nossa missão não é instruir o indivíduo, mas esclarecê-lo. Não inculcamos ao homem os rudimentos do saber, damos-lhe a *Luz*" [1]

A Maçonaria

"não é, pois, uma simples instituição filantrópica e social; é uma ciência, uma filosofia, um sistema de moral, uma religião. A Maçonaria francesa, inglesa, americana são uma só — a Arte, a Instituição, a Fraternidade, etc. estão sempre no singular". [2]

"A Maçonaria é, na realidade, a renascença do misticismo pagão, a aplicação religiosa dos princípios dos humanistas que tentaram reconduzir o mundo aos tempos do paganismo. Organizada na Inglaterra, espalhou-se ràpidamente no Continente europeu e nas colônias americanas, verdadeiramente una pelo espírito e pelo projeto dos corações e das inteligências dos maçons esotéricos, isto é: desfazer o que a Igreja católica edificou no mundo". [3]

O intuito da Maçonaria nunca mudou, a-pesar-das aparentes contradições, no tempo e no espaço. Mas como é imenso, progride por etapas sucessivas. Cada secção maçônica exerce a sua ação própria, ação diferente e até aparentemente contraditória, conforme as épocas, as circunstâncias, os países e os diversos grupos maçônicos.

"Digamos, antes de tudo, que seria êrro crer que todos os maçons conhecem explìcitamente a obra em que colaboram e que não é revelada completamente nem aos próprios iniciados dos altos graus ou das lojas superiores. Cada indivíduo ou antes cada grupo realiza a tarefa que lhe foi confiada, no lugar que lhe foi designado, junto dos príncipes e do clero, dos parlamentares e dos funcionários, dos jornalistas e dos profanos,

---

[1] Vejam-se a êste respeito as seguintes obras:
N. H. Webster — *Associações secretas e movimentos subversivos.*
Conde Leconteux de Canteleu — *Seitas e associações secretas políticas e religiosas. Estudo sôbre a sua história, desde os tempos mais remotos até à Revolução Francesa.* (1863).

[2] A. Plantagenet — *A Maçonaria Francesa* pág. 41. Edições La Paix. Paris, 1928.

[3] Mesma obra, pág. 46.

[1] A. Plantagenet — *A Maçonaria Francesa*, pág. 56.

[2] A. Preuss — *Estudos sôbre a Maçonaria americana*, pág. 25. Paris. Revista Internacional das Associações Secretas. (trad.).

[3] A. Preuss. Obra citada, pág. 277.

dos magistrados e dos oficiais, e até no meio do povo. Mas, cumprindo a missão que lhe é imposta, o indivíduo e o grupo ignoram o lugar ocupado pela sua tarefa no plano inteiro, porque não têm, sob os olhos, o traçado geral.

Êsse plano é duplo: destruição e reconstrução. Destruïção da cidade cristã, reconstrução da cidade maçônica. Vimos a obra e as ruínas da demolição. Assistiremos agora à edificação do templo. Os mesmos maçons, os mesmos obreiros são empregados neste segundo trabalho". [1]

Assim, até à guerra mundial, em certos países da Europa Central, a Maçonaria era, na aparência, religiosa e observadora da ordem, por dois motivos:

Se fôsse francamente subversiva, não seria tolerada.

Não podendo abater com um só golpe o mundo cristão, a Maçonaria avança gradualmente, aliando-se com os países protestantes contra as nações católicas mais fortes, graças à unidade da direção romana. Vencida a igreja romana, a seita se voltará contra os aliados da véspera.

Além disto, essa obra de duplicidade é ainda dupla: enquanto algumas lojas maçônicas são, aparentemente, conservadoras e observadoras da ordem, as lojas ocultas, protegidas por êsse disfarce, trabalham secretamente para a propagação e a vitória dos princípios revolucionários.

A essência da civilização atual é cristã; logo o sentido profundo da luta é religioso. E' o conflito entre Deus e o homem, que será o homem-Deus e o estado-Deus.

"E' absurdo, declarou o sr. Aulard, professor de história da Revolução na Sorbonne, continuar a dizer que não queremos destruir a religião, quando, por outro lado, somos obrigados a confessar que essa destruição é indispensável, para a fundação racional da nova cidade social e política. Portanto, não digamos: "Não pretendemos destruir a religião". Digamos, pelo contrário: "Queremos destruir a religião, para lançarmos, no mesmo lugar, os fundamentos da cidade nova".

Podemos, portanto, concluir daí que a Maçonaria e os movimentos subversivos têm um programa destrutor definido, para cuja realização empregam, não sem resultado, todos os meios; mas o seu programa de reconstrução é vago e parece destinado a um insucesso certo.

[1] Mons. Delassus — "*A conjuração anti-cristã*".

III — *O modo de proceder da Maçonaria*

O grande princípio pelo qual parece guiar-se a seita é a propagação de idéias aparentemente belas e nobres mas devastadoras, na realidade, cujo protótipo é a célebre divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

A Maçonaria, vasto organismo de propaganda, opera por meio da sugestão lenta e espalha o espírito revolucionário de um modo insidioso. Os chefes supremos e secretos semeiam-no nas lojas secretas; estas transmitem-no às lojas inferiores, através das quais penetra nas instituições maçônicas filiais [1] e na imprensa que, por sua vez, se encarrega de o espalhar no público. Incessantemente e durante o número de anos determinado, a sugestão continua, mais oculta e inatingível do que uma ordem, opera na opinião, induzindo-a a desejar as reformas que matam as nações.

Em 1789 como em 1848, a Maçonaria, senhora, por breve espaço, do poder, não conseguiu realizar a sua tentativa de hegemonia. A sua ação fôra demasiadamente rápida. Instruída pela experiência, avança, agora, mais lenta e mais segura. Logo que julga a preparação revolucionária arraigada e suficiente, cede o lugar às organizações de combate: carbonários, bolchevistas e outras associações visíveis ou secretas e abriga-se na sombra, onde não se compromete. Em caso de insucesso, mostra não ter participado do movimento e pode assim reencetar ou continuar o seu trabalho obscuro e maléfico de verme roedor.

Como é, antes de tudo, uma associação secreta, nunca opera claramente. Todos conhecem a sua existência, os locais das suas reüniões, muitos dos seus adeptos, mas todos ignoram os seus verdadeiros intuitos, os seus meios reais e quem são os seus dirigentes.

[1] Tais como a Liga do Ensino, a Liga dos direitos do homem, o Sindicato dos professores, a União dos combatentes republicanos, a Fraternidade do Cinema, etc.

A imensa maioria dos próprios maçons não sabe muito mais; é apenas o mecanismo cego da seita que serve por uma ambição (políticos e jornalistas) por interêsse (homens de negócios, atores) por fanatismo convicto (idealistas cegos e sinceros) ou por temor.

Muitos entre êles são tão cegos e honrados, que ficariam mudos de espanto, se soubessem realmente para que fins são empregados. Como o segrêdo é a condição essencial do sucesso, a Maçonaria preza-o mais do que tudo e antes de tudo; e, sob êste aspecto, a sua organização é maravilhosa.

IV — *A organização oculta da Maçonaria*

Baseando-nos nas observações feitas, julgamos poder afirmar que é dupla: a organização administrativa já descrita e a organização oculta, desconhecida da grande maioria dos próprios adeptos.

Na organização oculta, tudo tem por fim a conservação do segrêdo.

Não esqueçamos que, quando um maçon é nomeado para um grau superior:

I — E' nomeado definitivamente.

II — E' escolhido pelo grupo superior, que o chama a si, e não eleito pelo sufrágio de seus pares.

III — Seus antigos companheiros ignoram, muitas vezes, a sua nova dignidade, embora êle continue a freqüentar oficialmente a loja.

Essas três condições dão a solução do problema, aparentemente incompreensível: o da transmissão invisível da vontade de um poder oculto que, insensivelmente, se apoderou da França.

Essa separação impermeável dos graus torna a Maçonaria uma superposição de associações secretas, na qual cada grau conhece a existência e os segredos do seu grupo e dos grupos inferiores, mas ignora o que se trama e se resolve no grupo imediatamente superior.

Um maçon só é escolhido, quando, depois de ter sido objeto de uma longa e secreta observação, é julgado digno de se elevar, não em virtude do princípio nivelador do sufrágio universal, mas pelo princípio autocrático do poder absoluto.

À medida que se sobe na hierarquia, o número dos altos graus diminue; a Maçonaria forma, pois, uma pirâmide com três superposições principais.

Na base vemos a Maçonaria *azul* ou de *São João* (aprendizes, companheiros e mestres) espécie de depósito em que são examinados e escolhidos os que irão formar a Maçonaria superior, outro estágio em que são submetidos à educação maçônica indispensável e ao contacto necessário para a difusão dos princípios maçônicos.

Em segundo lugar, vem a Maçonaria dos altos graus que, a-pesar-do seu título, é ainda uma secção subalterna, via de comunicação e de ligação indispensável, para chegar à Maçonaria superior internacional, do gênero da Alta Venda Romana. A partir dêsse ponto, o mistério torna-se completamente opaco. A carta de Melegari revela-nos que, acima da Alta Venda, existe ainda um poder mais forte e mais misterioso. Mas ignoramos quantos degraus se devem subir, para alcançar a direção suprema.

Compreende-se, pois, fàcilmente como pode êsse poder oculto transmitir, de modo invisível, a sua vontade por tôda a pirâmide das lojas maçônicas.

Efetivamente, se dois ou três membros de um grupo superior se entenderem entre si e participarem da reunião de um grupo subalterno, conseguirão com facilidade que as suas sugestões sejam adotadas, pois a sua combinação prévia é ignorada pelos seus inferiores. E empregarão, para êsse fim, todo o tempo necessário.

E' assim que as vontades se transmitem, por sugestão e não por ordem, porque uma imposição poderia revelar e comprometer a autoridade imediatamente superior e, através desta, a direção suprema.

Só quando o poder oculto se julga forte e inabalável, arrisca-se a ordenar claramente pelo trâmite da Maçonaria. E' o caso da França atual, em que vemos os nossos parlamentares receberem e executarem servilmente ordens dessa natureza. Essa superposição de associações secretas explica também a extraordinária conservação do mistério. O poder oculto conseguiu imprimir, nos cérebros maçônicos, uma verdadeira religião do segrêdo.

Essa disciplina é imposta com absoluto rigor, desde o acesso aos graus, mantida e renovada a cada elevação subseqüente. Repetem-na incessantemente, embora a grande maioria dos ma-

çons não conheça nenhum segrêdo importante. Estabelece-se assim um estado de espírito especial que explica como os maçons, que, depois de vários anos, ascendem aos verdadeiros altos graus, nunca revelam os mistérios da ordem. Aliás, os perigos em que incorreriam aconselham a mais absoluta discreção.

Muito pouco sabemos acêrca da Maçonaria superior. O Grande Oriente e a Grande Loja da França são secções do primeiro, segundo e terceiro grau. Acima dessa Maçonaria visível, há outra, compreendida entre o IV.° e XVI.° grau, cujos rituais são conhecidos, sendo entretanto ignorados os seus pontos de reünião, os nomes das lojas, os seus fins, a sua obra e a sua filosofia.

Parece que uma nova separação se estabelece entre o XVI.° e o XVII.° grau, que é, provàvelmente, a base de uma Maçonaria superior, extensível até ao XXXII.° grau e na qual, segundo tôdas as probabilidades, se encontra a direção suprema e se faz a união internacional.

O XXXIII.° grau, novamente visível, é constituído pelos Conselhos supremos, cuja importância é, talvez, mais aparente do que real.

Além da Maçonaria pròpriamente dita, devemos mencionar as Maçonarias irregulares, tais como os Iluminados de Weishaupt, os Ritos de Memphis e de Misraim, o *Ordo Templi Orientis*, dirigido por Alcister Crowley, sucessor de Teodoro Reuss, cujos graus em geral se vendem a preços estabelecidos.

Há ainda a Ordem Universal dos Bnai Brith, as grandes associações poderosas pela riqueza e pela influência, tais como a Rosa-Cruz da Califórnia, a teosofia da sra. Annie Besant, estreitamente ligada ao Grande Oriente. Os adeptos são, muitas vezes, iluminados, ocultistas, fracos de espírito, mas, atrás dêste, operam os membros sérios que sabem perfeitamente o que fazem, como Rudolpho Steiner cuja associação antroposófica tem uma organização notável, sendo o chefe um maçon de grande valor, muito superior aos vulgares anticlericais das lojas inferiores.

Há ainda as seitas quasi desconhecidas do público, como a dos Catarrhes (entre Albi e Béziers) ligada à igreja católica gnóstica, de ritual cínico. (Em muitas dessas seitas ocultas, pratica-se o culto fálico).

Resumindo, há um número extraordinário de associações e maçonarias cuja existência é, geralmente, ignorada do público,

mas cuja importância é, muitas vezes, real. Tôdas operam mais ou menos no mesmo sentido. As suas principais tendências foram resumidas nos seis princípios seguintes, correspondentes às seis pontas da estrêla cabalística: (1)

I Religioso — Destruir e desacreditar tôda fé cristã, pela filosofia, pelo misticismo e pela ciência empírica.

II Moral — Corromper a moralidade das raças ocidentais, por infiltração da moralidade oriental; enfraquecer os laços do matrimônio, destruir a vida familiar, abolir as sucessões e até os nomes de família.

III Estético — Culto da fealdade e da extravagância na arte, na literatura, na música e no teatro. Modernismo, orientalismo puro, degeneração.

IV — Social — Abolição da aristocracia, criação da plutocracia; tornar a riqueza a única distinção social; criar a revolta nos cérebros proletários, pela vulgaridade, pela corrupção e pela inveja, dando origem ao ódio de classe.

V Industrial e financeiro — Destruição do ideal do artífice; vulgarização e centralização; *cartel e trust*, preparando a abolição da propriedade particular e o socialismo de estado.

VI Político — Aniquilar o patriotismo e o orgulho de raça; estabelecer, em nome do progresso e da evolução, o internacionalismo, como ideal da fraternidade humana.

A UNIDADE DA MAÇONARIA

Chegámos, neste ponto, a uma objeção que os ingleses, por exemplo, não deixarão de fazer:

"O que dizeis é verdadeiro, quanto à Maçonaria dos países católicos, mas deixa de ser exato, se se refere à dois países

(1) Veja-se *The Nameless order by Dargon*. Londres.

protestantes. A Maçonaria inglesa cortou tôda relação com o Grande Oriente da França e não é revolucionária".

Haverá, pois, duas Maçonarias, uma subversiva e outra observadora da ordem estabelecida?

O certo é que na aparência, todos têm razão. Mas vimos a intensidade da obra maçônica, sabemos que a Maçonaria é um conjunto de associações secretas, tendo cada uma a sua ação própria, uma ação que varia conforme os países, as épocas e as circunstâncias.

Vimos, finalmente, que o poder oculto, protegido pela Maçonaria visível, dirige e utiliza a seita, coordena todos os esforços e é o único que conhece o caminho a seguir, enquanto a imensa maioria dos maçons o ignora.

Isto explica que um maçon inglês ou americano possa, sinceramente, afirmar que a Maçonaria a que pertence não é subversiva. Dirá a verdade, mas só em relação ao ramo maçônico de que faz parte e por um espaço determinado.

O mesmo já ocorreu na França, em que vimos a Maçonaria mostrar-se, sucessivamente, monarquista, constitucional, revolucionária, imperialista, republicana, etc. Julgamos ter dado provas suficientes de que, atrás dessa aparência, o fim se conservou imutável e que o poder oculto, o único informado, sabe utilizar homens de opinião muito sã que ficariam estupefatos, se chegassem a descobrir a verdadeira obra em que, inconcientemente, colaboram. Estou persuadido de que a maioria dos maçons ingleses é sincera, como o eram quasi todos os maçons franceses, antes de 1789, mas isto não impede que o fim geral seja o mesmo, na Inglaterra como na França, tanto hoje como em 89. E' lícito admitir a existência de um laço comum que confere à Maçonaria mundial uma uniformidade de caráter, de intuitos e de religião.

Tem-se afirmado que há duas Maçonarias: a dos países católicos e a dos países protestantes. A guerra de 1914-1918 revelou circunstâncias ignoradas em que a suposta Maçonaria conservadora e religiosa preparava e apoiava as revoluções que sucederam à guerra, na Austria, na Húngria, na Alemanha, etc., operando geralmente de acôrdo com o Grande Oriente da França.

Resolvida a questão na Europa Central, restam os países anglo-saxônios.

A escritora inglesa Webster desenvolve três argumentos que nos devem servir de base.

"Antes de tudo, embora seja formada pelos mesmos graus hierárquicos, a Maçonaria inglesa difere nos rituais, nas fórmulas, nas ceremônias e na interpretação dos textos e dos símbolos. Além disto, a Maçonaria inglesa é essencialmente honesta. Enquanto no Grande Oriente, através do dédalo das ceremônias, o iniciado coopera para um fim que ignora e que mais tarde, muito tarde, lhe pode parecer absolutamente diverso do que julgava, na Maçonaria inglesa, embora só se adiante gradualmente no conhecimento dos mistérios da ordem, sabe, desde os primeiros passos, o intuito geral da Associação.

"Em terceiro lugar, a Maçonaria inglesa é principalmente filantrópica e as quantias que consagra às obras de caridade são incalculáveis. Desde o fim da guerra, as principais instituições maçônicas de beneficência receberam, anualmente, 300.000 libras esterlinas. Mas o ponto em que se deve insistir é que a Maçonaria inglesa se conserva rigorosamente estranha à política, não só em teoria como na prática, e define e repete continuamente esta asserção".

Ao que podemos responder: A questão dos ritos e da interpretação dos textos e dos símbolos é um tanto acessória e varia em diversos países, sem, entretanto, modificar absolutamente o fim primordial.

Pelo seu próprio mistério, tôda associação secreta não dá prova de honradez. Para que tantos segredos, se só se quer praticar o bem? Êste não tem necessidade de se ocultar assim. A fôrça e o perigo da Maçonaria consistem em que, graças às fórmulas voluntàriamente vagas que encobrem os seus verdadeiros intuitos, sabe oferecer a homens sinceros um ideal aceitável e até invejável, ao passo que, na realidade, os dirige insensivelmente para o que mais lhe convém. O indeterminado dessas fórmulas gerais confere à associação a flexibilidade necessária, para subordinar o seu procedimento às suas conveniências e às diversas circunstâncias.

Já ouvimos, muitas vezes, que a Maçonaria é filantrópica e não trata de política. E' exato... enquanto não deixar de o ser. Assim foi sucessivamente, em tôda a Europa. Os do-

cumentos maçônicos apreendidos em Budapest não nos dizem claramente, em termos indiscutíveis, que a filantropia é uma máscara que se abandona, no dia em que se torna supérflua, como se pode renegar a afirmação relativa à política, afirmação repetida na França, antes de 1789, na Europa, antes de 1918, com as conseqüências que sabemos?

Há, em favor da tese da sra. Webster, um argumento que ela não invocou: será possível admitir que personagens importantes, portadores de nomes célebres, sejam realmente agentes subversivos e anti-religiosos? De boa vontade nos inclinaríamos perante êsse argumento, mas, em todos os países europeus, a Maçonaria contou, nas suas fileiras, príncipes e reis que, iludidos e sinceros, ignoravam o que realmente se passava no mistério das lojas secretas, donde partia a verdadeira direção. E a história ensina que seus tronos foram destruídos pela mesma Maçonaria em que confiavam e que julgavam dirigir.

Atualmente, a Maçonaria inglesa não é subversiva, nem anti-religiosa. A maior parte dos maçons ingleses é formada de homens muito respeitáveis e os seus chefes aparentes são superiores a qualquer suspeita; isto não obsta a que a Maçonaria seja uma organização perigosa e essencialmente contrária ao catolicismo e ao cristianismo. Além disto, há nessa Maçonaria aparentemente conservadora infiltrações revolucionárias muito graves, reveladas por um autor inglês.

"Prosperam, na Inglaterra, associações ocultas como a seita teosófica da sra. Besant com as suas ordens da *Estrêla do Oriente* e da *Mesa Redonda;* estas, sob a direção de Krishnamurti, servem de veículo para a manifestação do seu Messias que deve revelar a verdade ao Mundo. Estão associadas aos maçons continentais e pretendem estar sob a influência direta dos Grãos-Mestres da Grande Loja Branca.

"Em fevereiro de 1922, a co-maçonaria, outro ramo da associação teosófica, celebrou a sua aliança com o Grande Oriente, no grande Templo do Direito Humano, em París.

"Deve-se citar também a associação Antroposófica de Rudolpho Steiner, sob a insígnia da Rosa-Cruz, associada à Maçonaria continental e que, com o grupo da sra. Besant, invoca os Estados Unidos da Europa, sob a direção do Grande Oriente.

"Outra associação secreta ligada ao movimento do Dr. Steiner e que requer também a nossa atenção é a *Stella Matutina,* que se proclama "Ordem sublime e santa, destinada ao desenvolvimento espiritual da humanidade", sendo, na realidade, uma seita político-pseudo-religiosa de adeptos da alta magia.

"Um fato interessante revela o nexo existente entre o ocultismo e o comunismo.

"Em julho de 1889, reüniu-se, em París, o congresso internacional dos trabalhadores. A sra. Besant estava entre os delegados. Ao mesmo tempo, os marxistas realizavam o seu congresso internacional e a sra. Besant, muito aclamada, propôs a fusão das duas assembléias. Ainda na mesma ocasião, havia em París a reünião dos espiritistas cujos delegados eram hóspedes do Grande Oriente. O presidente dos espíritas, Denis, não ocultou que os três congressos haviam terminado por um entendimento mútuo, como se depreende desta sua declaração:

"Os poderes ocultos operam entre os homens. O espiritismo é um germe poderoso que se desenvolverá e originará a transformação das leis, dos ideais e das fôrças sociais. Exercerá uma influência notável sôbre a economia e a vida pública". [1]

Esta breve descrição de algumas das associações secretas inglesas prova que são mais íntimas do que se pensa as relações entre a Maçonaria continental e a Maçonaria anglo-saxônia.

Em resumo, afirmamos a unidade mundial da Maçonaria, porque, se há diferença aparente de rito ou de direção, o caráter e o intuito são uniformes.

Essa uniformidade foi demonstrada:

Pelos escritos e pelas afirmações maçônicas;

Pelos fatos.

ESCRITOS MAÇÔNICOS, COMPROBATÓRIOS DA UNIDADE DA MAÇONARIA MUNDIAL

Os oradores e os autores maçônicos não se cansam de proproclamar a universalidade da Maçonaria. Citemos alguns exemplos:

[1] *The Nameless Beast par chas.* H. Rouse, págs. 15, 16, 17. Boswell; Londres, 1928.

A Maçonaria é um corpo, uma instituição que abrange o mundo inteiro. Provam-no as afirmações mais claras das obras clássicas maçônicas. Na *Encyclopedia of Freemansonry*, à página 650, lemos que a diferença de ritual não constitue um obstáculo.

"O modo de abrir, de fechar ou de instalar uma loja, diz o Dr. Mackey, [1] de conferir os graus, além de outros deveres constitue um sistema de cerimônia denominado ritual. Êste ritual é, na sua maior parte esotérico, e, como não pode ser escrito, é comunicado sòmente por meio de instruções verbais. A autoridade diretora exige que o ritual seja sempre o mesmo, mas pode apresentar diferenças, conforme os ritos e as jurisdições, fato que não altera a universalidade da Maçonaria. O ritual é apenas a forma exterior e extrínseca da doutrina maçônica, que é, em tôda parte, a mesma. O corpo se conserva invariável, sempre e em tôda parte. O ritual é o vestuário exterior que cobre o corpo e está sujeito a contínuas variações. Seria conveniente e preferível que fôsse perfeito e idêntico, em tôda parte. Mas se isto é, atualmente, impossível, consolemonos, pensando que, se as cerimônias e os rituais variaram em certas épocas e diferem ainda em diversos países, a ciência, a filosofia, o simbolismo e a religião são e serão os mesmos em todo lugar em que se praticar a verdadeira Maçonaria".

Os comentários poderiam apenas prejudicar a clareza desta doutrina.

---

(1) O Dr. Mackey, 33.º grau, Grão Mestre das lojas *Royal and Select Master* da Carolina do Sul e *Royal Arch* de Chicago, secretário geral do Conselho Supremo da jurisdição maçônica meridional dos Estados Unidos, foi uma das autoridades maçônicas norte americanas.

A *Encyclopedia of Freemansanry*, edição de 1906, às págs. 916-917, se lhe refere nestes termos:

"A personalidade do Dr. Mackey, como historiador e escritor profundo e lúcido em tudo o que concerne a Maçonaria, não tem rivais entre todos os autores contemporâneos, exceto o venerável Dr. Olivier, na Inglaterra.

"A unidade mundial da Maçonaria está claramente provada nos *Landmarks* ou princípios essenciais da ordem. O XIV *landmark* está concebido nestes termos:

"Todo maçon tem direito de visita e de residência em tôda as lojas regulares". [1]

"Êsse direito, explica o Dr. Mackey, [2] é um *landmark* absoluto da ordem e foi sempre reconhecido como prerrogativa indiscutível de todo maçon que viaja pelo mundo, porque, as lojas são consideradas justamente simples divisões, organizadas para a comodidade da família universal.

"Todo maçon filiado e de boa reputação, acrescenta o mesmo autor, tem o direito de visitar qualquer loja e em qualquer parte, sempre que lhe pareça útil ou agradável e, nos termos da lei maçônica, êsse direito denomina-se "direito de visita". Está classificado entre os mais importantes privilégios maçônicos, pois baseia-se no princípio de identidade da Instituição maçônica, considerada como família universal, e põe em evidência a máxima conhecida: "O maçon pode encontrar um lar, sob todos os climas e um irmão, em todos os países". Êsse direito é universalmente reconhecido há tanto tempo, que não hesitei em classificá-lo entre os *landmarks* da Ordem.

"Repetidas vezes ouvimos afirmar, nos termos mais claros e mais enfáticos, a unidade do corpo maçônico no mundo e vemos os Estados Unidos figurarem, no seu lugar, na lista alfabética maçônica, como a França, a Inglaterra, o México, a Alemanha ou qualquer outra região do globo. A Maçonaria é una; o ritual e a jurisdição variam, conforme as cerimônias preferidas pelos irmãos e as conveniências da direção maçônica. E' o que atesta o nosso autor, tão claramente, de modos tão diversos, com tanta assiduidade e perseverança, que o maçon que pretendesse contestá-lo faltaria à verdade ou manifestaria uma completa ignorância da sua Ordem. A unidade de Maçonaria repousa nos *Landmarks* e está expressa nas suas leis, nos seus símbolos e nos seus emblemas. Foi proclamada pelos oradores e pelos escritores maçônicos a glória e o orgulho da Instituição. E' assunto dos brindes ordinários, nos banquetes

---

(1) *Masonic Ritualist*, pág. 242.

(2) *Encyclopedia of Freemasonry*, pág. 442.

maçônicos, e apontam-na freqüentemente como uma das grandes vantagens temporais dos maçons". [1]

Essa unidade maçônica, afirmada em diferentes escritos, é incessantemente confirmada pelos fatos.

A UNIDADE DA MAÇONARIA COMPROVADA PELOS FATOS

Mais do que as palavras e os escritos, os fatos demonstram a universalidade da Maçonaria.

Seja qual fôr a sua nacionalidade, um maçon encontrará logo acolhimento e assistência, em qualquer loja do mundo, desde que seja conhecida a sua qualidade de adepto da Associação.

Congressos internacionais reúnem delegados das lojas de tôdas as regiões do mundo; um dos objetos mais freqüentes de deliberação é a união maçônica mundial, a república maçônica universal, a começar pelos Estados Unidos maçônicos da Europa. [2]

Citemos especialmente o congresso Maçônico internacional de Paris, em 1900, cuja idéia predominante era a criação dessa república universal e no qual, entre outros, o maçon Quartier-La-Trente, conselheiro de Estado do Cantão de Neuchâtel, expôs os meios de chegar ao acôrdo das fôrças maçônicas mundiais, para a vitória dos seus princípios e para a criação da república maçônica universal.

E, parafraseando Arquimedes, acrescentava: "Essa união universal das fôrças maçônicas será o ponto de apôio, graças ao qual conseguiremos levantar o mundo".

Durante a guerra, houve conferências internacionais e, segundo Wichtl, participaram dessas reüniões os delegados de certos países da Europa Central.

As comunicações com os impérios centrais faziam-se por meios disfarçados, tais como o Congresso da Paz de Stockholmo, a que assistiram especialmente maçons como Vítor Adler,

(1) A. Preuss — *Estudo sôbre a Maçonaria americana*, pág. 297; traduzido pela *Revista Internacional das Associações Secretas*.

(2) Veja-se a êsse respeito a mesma obra de A. Preuss à pág. 305 e seguintes.

Brantig, Troelstra, Vandervelde e Scheidemann, que foi o portador da ordem de democratizar a Alemanha.

Em junho de 1917, realizou-se, em Paris, o célebre congresso em que se discutiram as condições de paz da *Entente*. A todos êsses congressos compareciam delegados das potências aliadas e dos principais países neutros.

Os poderes maçônicos estão em relação e auxiliam-se mùtuamente em todo mundo. Eis um exemplo:

Quando o govêrno de Budapest interdisse a Maçonaria, depois da revolução judeu-bolchevista de Bela Kun, os maçons húngaros apelaram para os seus irmãos do mundo inteiro e estes responderam em massa. Vimos que a América estabeleceu, como condição para a realização de um empréstimo, o restabelecimento das lojas maçônicas e o empréstimo não se pôde realizar.

O Grão-Mestre italiano Torrigiani obteve, em Genebra, que os governos de tôdas as potências maçônicas fizessem pressão sôbre a Húngria, em favor dos seus irmãos oprimidos. Em nome dos maçons franceses, o sr. Berthelot dirigiu uma carta ao conde Apponyi, chefe da delegação húngara da paz, rogando-lhe que interviesse, para decidir o govêrno húngaro a revogar a ordem de dissolução. Membros da missão diplomática inglesa de Viena e de Budapest fizeram tentativas análogas, mas o govêrno respondeu, negando-se a restabelecer os maçons nos seus antigos privilégios.

E' supérfluo prolongar esta exposição; não é possível contestar a universalidade da grande família maçônica e podemos concluir com Preuss:

"A Maçonaria é una, em tôda parte, não pelo rito, que é apenas de uma unidade acidental, não pela jurisdição, que depende igualmente da conveniência, nem pelos seus membros esotéricos, que são conservados na ignorância das doutrinas da Arte. A Maçonaria é una, no seu espírito real e esotérico, una no seu fim e no seu objeto; una, em sua luz e suas doutrinas; una, em sua filosofia e sua religião. Forma assim uma família, uma corporação, uma instituição, uma fraternidade, uma ordem que tende, pela sua universalidade, a substituir o catolicismo instituído por Jesús Cristo." [1]

(1) A. Preuss — Obra já citada, pág. 302.

A INFLUÊNCIA JUDAICA NA MAÇONARIA

Vimos o que é a Maçonaria, na aparência e na realidade. Provámos a sua ação revolucionária e a sua unidade universal.

Qual é, então, a fôrça diretriz que a inspira?

Muitos responderão: a fôrça judaica.

Chegámos à região interdita e intangível. Porque a questão judaica está indissolùvelmente ligada à Maçonaria.

Na época atual, judeus e maçons colaboram, no mundo inteiro, para a vitória da revolução universal. Nos diferentes países, os altos graus maçônicos são, na sua maior parte, ocupados por judeus. [1]

Existem lojas exclusivamente judias, tais como as da famigerada ordem maçônica do Bnai Brith, com sede em Chicago.

O espírito judeu domina a Maçonaria e imprime-lhe êsse ódio anti-cristão cuja pertinácia seria, sem essa circunstância, inexplicável.

A Maçonaria sustenta e defende, em tôda parte, os interêsses judaicos.

De quando data essa aliança?

A ORIGEM DA MAÇONARIA E OS JUDEUS

Defrontam-se duas teorias.

Uma (a de Gougenot des Mousseaux, de Copin Albancelli) diz:

Os judeus criaram completamente a Maçonaria, para corromper os povos de civilização cristã e propagar, sob essa máscara, a revolução geral que deve dar origem ao domínio de Israel. A associação é apenas um instrumento e um meio nas mãos dos judeus.

O artigo do Dr. Isaac Wise, publicado na revista *O Israelita*, a 3 de agôsto de 1866, serve, para confirmar essa teoria:

"A Maçonaria é uma instituição judaica, cuja história,

(1) **Não esqueçamos que, no período tão importante da guerra, Nathan era Grão-Mestre da Maçonaria italiana e Kohn, Grão-Mestre da Maçonaria alemã, para citar só nomes bem conhecidos.**

deveres, senhas e explicações são judeus, do princípio ao fim exceto um único grau secundário e algumas palavras na fórmula do juramento". [1]

A outra (teoria Webster, Wichtl) diz:

A Maçonaria era, em princípio, uma instituição boa e sã, mas alguns agitadores revolucionários, principalmente judeus, aproveitando-se da sua organização secreta, infiltraram-se lentamente na associação, corrompendo-a e desviando-a do seu destino moralizador e filantrópico, afim de a utilizar para intuitos revolucionários; isto explica a circunstância de se haverem conservado intactas algumas das suas partes, como no caso da Maçonaria inglesa.

A respeito desta segunda teoria, podemos citar as palavras do judeu Bernardo Lazare, em *Antissemitismo:*

Quais foram as relações entre os judeus e as associações secretas? E' assunto difícil de elucidar, por falta de documentos sérios. Evidentemente os judeus não predominaram nessas associações, como pretendem os autores que acabo de mencionar, não foram necessàriamente a alma, o chefe, o Grão-Mestre da Maçonaria, como afirma Gougenot des Mousseaux. Todavia é certo que houve judeus no próprio berço da Maçonaria, judeus cabalistas, como o provam certos ritos que foram conservados; muito provàvelmente, nos anos que precederam a Revolução Francesa, os israelitas entraram, em maior número, nos conselhos das associações e fundaram êles próprios outras associações secretas. Houve judeus ao redor de Weishaupt; e Martinez de Pasqualis, judeu de origem portuguesa, organizou, na França, numerosos grupos de iluminados e recrutou muitos adeptos aos quais iniciava no dogma da reintegração. As lojas martinezistas foram místicas, enquanto as outras ordens maçônicas eram antes racionalistas, o que permitiu que se dissesse que as associações secretas representavam as duas faces do espírito judaico: o racionalismo prático e o panteísmo, êsse panteísmo que é o reflexo metafísico da crença em um Deus único e termina, às vêzes, na teurgia cabalística. Seria fácil demonstrar a concordância destas duas tendências, a aliança, de Ca-

(1) **Citação extraída de Gregor Schwartz, *Bostunitch Die Freimaurerei*, 1928.**

zotte, de Cagliostro, de Martinez, de Saint Martin, do conde de S. Germano, de Eckartshausen com os Enciclopedistas e os Jacobinos e o modo como, a-pesar-de serem opostas, chegaram ao mesmo resultado, isto é ao enfraquecimento do cristianismo. Mas isto serviria ùnicamente para provar que, se os judeus puderam ser ótimos agentes das associações secretas, porque as doutrinas destas concordavam com as suas, não foram, contudo, os seus fundadores".

Logo, cada grupo expõe argumentos que se podem resumir assim:

I.ª teoria

Os ocidentais de civilização cristã seriam incapazes dessa criação; a associação secreta é a manifestação de uma mentalidade oriental e anti-cristã; ora, a perfeita organização maçônica prova que os seus fundadores tinham uma grande experiência dos organismos dessa natureza. A universalidade da Maçonaria, a sua duração, a imutabilidade dos seus fins, explicáveis numa criação judaica, ao serviço de interêsses judeus, tornar-se-iam incompreensíveis, se a sua origem fôsse cristã.

O próprio objeto da Maçonaria: destruição da civilização cristã revela o judeu, porque só êle pode lucrar com essa ruína, só êle nutre contra o cristianismo um ódio assaz violento, para ser capaz de criar semelhante instituição.

Os símbolos e os ritos maçônicos são de pura origem judaica.

II.ª teoria

O principal argumento dos seus fatores é que a história não menciona os judeus, nas origens da Maçonaria, na qual só aparecem, em princípios do século XIX e que, ainda nessa época, os israelitas não desempenhavam na seita um papel primordial. [1]

[1] Os que se interessam, podem ler os estudos de Copin, Albancelli, de Deschamps, de Gougenot, de Webster, de Jouin, de Wichtl, de Findel, etc.

Em todo caso, sob êste ponto de vista, a questão tem apenas interêsse retrospectivo; o que nos importa é o resultado presente; saber como foi alcançado constitue uma questão secundária. Ora, o resultado não admite dúvidas. A Judeu-Maçonaria está à frente do movimento revolucionário e a preponderância judaica na Associação parece indiscutível e resulta: do raciocínio, das afirmações dos judeus e de numerosos fatos.

DEMONSTRAÇÃO DO PREDOMÍNIO JUDAICO

I — PELO RACIOCÍNIO

O principal argumento resume-se nisto:
A Maçonaria é uma associação secreta.
E' dirigida por uma minoria internacional.
Jurou ódio implacável ao cristianismo.

Estes três traços característicos são os mesmos que distinguem o judaismo e provam que os judeus constituem o elemento diretor das lojas.

Os fins da Maçonaria só podem ser proveitosos aos judeus.

"...essas associações do ocultismo não têm, afinal, outro fim senão o das associações judaicas, de que são variantes com fisionomia quasi cristã; porque o pensamento que as dirige é o mesmo, e nós o sabíamos, ainda antes que um acidente tivesse relevado a correspondência entre *Nubius* e *Piccolo Tigre;* porque todo o seu labor se limita e tôda a sua propaganda se aplica a difundir idéias e a provocar fatos que devem causar a extinção da doutrina de Cristo, nas sociedades cristãs. Noutros termos, a único objeto dos seus esforços é a vitória das idéias judaicas, proclamadas, sob o nome de *princípios modernos,* pelos próprios israelitas e cuja conseqüência deve ser a era messiânica, um dos seus votos fervorosos". [1]

Os judeus atacam tanto os que desmascaram a Maçonaria como os que revelam o judaismo. (Veja-se, entre outros exemplos, o que sucedeu à historiadora inglesa Webster, por causa dos protocolos). [2]

[1] Gougenot des Mousseaux — *O judeu, o judaismo e a judaização dos povos.* Págs. 341.

[2] N. H. Webster — *The world revolution,* pág. 305.

Artur Preuss, na sua obra *Estudo sôbre a Maçonaria americana*, mostrou-nos que a associação extraíra grande parte da sua filosofia da cabala judaica. Há, entre as duas, uma íntima afinidade que se pode resumir nestas citações do célebre Alberto Pike:

"A Maçonaria procura a luz. Esta investigação deriva diretamente da cabala. Nesse enrêdo antigo e obscuro de absurdo e filosofia, o iniciado encontrará a fonte de numerosas doutrinas; com o tempo, poderá chegar a compreender os filósofos herméticos, os alquimistas, os pensadores da Idade-Média contrários ao Papa e Emanuel Swedenbörg. [1]

"Tôdas as verdadeiras religiões dogmáticas, acrescenta Pike, originaram-se da cabala e tendem a voltar para ela. Tudo o que há de científico e de sublime nas visões religiosas de todos os iluminados como Jacob Boehme, Swedenbörg, Saint Martin e outros semelhantes, encontra-se na cabala; tôdas as associações maçônicas devem-lhe os seus segredos e os seus símbolos". [2]

II — PELAS AFIRMAÇÕES DOS JUDEUS

Lembremo-nos das palavras de I. M. Wise: A Maçonaria é uma instituição judaica, etc.

O *Jewish World* publicava recentemente:

"Como podem os maçons honrar o rei Salomão e exprobar a um dos seus contemporâneos por ter nas veias o mesmo sangue que o rei?

"O respeito pelo rei Salomão deveria certamente inspirar-lhes simpatia por todos os que pertencem à nação de que êle era chefe glorioso.

"Esperamos ver cessar tôda hostilidade dos maçons contra os judeus. Estranha-se que ela possa existir, quando se considera tudo o que a Maçonaria deve ao que é essencialmente judeu". [3]

(1) A. Preuss — *Estudo sôbre Maçonaria Americana*, pág. 180.
(2) A. Preuss — Mesma obra, pág. 178.
(3) Jewish World — *Os judeus e a Maçonaria*, 22 de maio de 1924.

Já em 1901, o maçon alemão Findel escrevia:

"Luta-se menos pelos interêsses da humanidade do que pelos interêsses e pelo domínio do judaísmo que, nessa luta, se revela como o poder dominante ao qual a Maçonaria tem de se submeter.

"Não há nisto nada que nos deva surpreender, pois, embora de modo oculto e cuidadosamente dissimulado, o judaísmo já é, de fato, o poder predominante em muitas lojas maçônicas.

"Relativamente à Alemanha, é preciso não esquecer que o judaísmo se tornou senhor dos mercados financeiros e comerciais, da imprensa política e maçônica e que milhares de alemães são, financeiramente, seus devedores". [1]

III — PELOS FATOS

Descrever minuciosamente a preponderância judaica nas associações secretas, seria traçar a história da Maçonaria moderna e de tôdas as revoluções recentes. Um resumo completo desta questão excederia os limites que nos propusemos. [2]

Lembremos dois exemplos recentes: as revoluções bolchevistas da Baviera e da Hungria. Os documentos divulgados naquela época foram apreendidos pelo govêrno húngaro, nas lojas de Budapest, e não podem ser postos em dúvida. Já incluímos, nos capítulos anteriores, o seu resumo. Logo, é inútil insistir sôbre a sua importância. Examinaremos mais tarde a ação da Judeu-Maçonaria, na revolução bolchevista da Baviera.

Podemos, pois, afirmar, com plena convicção, o seguinte:

Existe uma aliança íntima entre os maçons e os judeus; embora não tenhamos nenhuma prova material absoluta, prova difícil de conseguir, em assunto tão misterioso, expusemos um

(1) J. G. Findel — *Die Juden als Freimaurer*, 1901. Citado por A. Rosenberg "*Der Weltkampf*", janeiro de 1928, pág. 10. Munich.
(2) Vejam-se entre outras as obras seguintes: Dr. Wichtl — *Weltfreimaurerei*, cap. VIII. A. Rosenberg — *Das Verbrechen der Freimaurerei*, cap. IV. Mons. Jouin — *Le péril Judéo-Maçonique* (principalmente vol. III), etc.

conjunto de fatos que tendem a provar a preponderância da influência judaica na Maçonaria.

Para concluir o nosso estudo sôbre essa instituição citaremos esta frase de René Guénon:

"Não se ocultará, sob todos êsses movimentos, alguma cousa mais temível, que os seus próprios chefes desconhecem e de que são, por sua vez, meros instrumentos?

"Limitamo-nos a estabelecer êste quesito, sem procurar dar-lhe, aqui, uma solução". (1)

(1) René Guénon — *Théosophisme*, edição de 1921, pág. 280. Escrevendo o trecho referido, R. Guénon tinha em vista apenas a teosofia e suas filiais. Êle traduz tão bem a nossa opinião, que não hesitámos em estender-lhe o sentido à Maçonaria.

II

JUDAÍSMO

INTRODUÇÃO À QUESTÃO JUDAICA

O estudo dos movimentos revolucionários levou-nos ao da Maçonaria; o estudo da Maçonaria leva-nos ao do judaísmo.

A questão judaica é muito complexa; eis o plano segundo o qual pretendemos tratá-la:

Exposição do problema.
Ação revolucionária dos judeus no mundo.
Organização do judaísmo.
Conclusão.

EXPOSIÇÃO DO PROBLEMA

O judaísmo está ligado intimamente ao movimento revolucionário internacional que, sob formas diversas, se manifesta em todo o mundo.

Examinemos, pois, o papel da influência judaica no mundo moderno em geral e nas revoluções contemporâneas em particular.

"Enigma insolúvel, datando de mais de vinte séculos, o problema judeu é um dos mais temíveis que o futuro propõe à nossa época. Para tentar resolvê-lo, e talvez ainda em vão, é preciso, ao menos, procurar conhecer os seus elementos". [1]

Palavras corroboradas pelas de um judeu, Oscar Lévy:

"Não há, na terra, uma raça mais enigmática, mais fatal e, por conseqüência, mais interessante que a dos judeus.

"Todo escritor, que, como vós, se achar oprimido pelo aspecto do presente e embaraçado pela ânsia do futuro, deve

---

[1] G. Batault — *O problema judeu*, pág. 37.

tentar esclarecer a questão judaica e a sua influência sôbre a nossa época.

"Porque o problema judaico e sua influência sôbre o mundo passado e presente têm um interêsse fundamental e deveriam ser discutidos por todo pensador sincero, ainda que êste assunto seja, como os indivíduos desta raça, complexo e inçado de dificuldades". (1)

(1) Oscar Lévy — Carta ao autor de *Significação mundial da Revolução russa*, G. Pitt-Rivers.

PRIMEIRA PARTE

A AÇÃO REVOLUCIONÁRIA DOS JUDEUS NO MUNDO

OS JUDEUS NAS REVOLUÇÕES MODERNAS

> "Entre os espetáculos que nos proporcionará o próximo século (o século XX) devemos mencionar a resolução definitiva do destino dos judeus da Europa. Evidentemente, já que lançaram os seus dados e transpuseram o seu Rubicon, só lhes resta tornarem-se senhores da Europa ou renunciarem ao seu domínio, como perderam o do Egito, no tempo em que se encontraram na mesma alternativa".
>
> (*Nietzsche*).

Há um antagonismo profundo entre os judeus e as outras raças; antagonismo ao mesmo tempo espiritual e étnico, proveniente de uma concepção radicalmente oposta da existência; antagonismo mais profundo do que supõem os que lhe notam apenas as manifestações exteriores.

Dispersos e reduzidos, há dois mil anos, à impotência, os judeus sempre foram revoltados rancorosos e, por conseguinte, encontrámo-los ligados a tôdas as revoluções modernas, de que são o elemento dirigente mais ativo.

O papel dos judeus, na revolução francesa de 1789, foi evidente, mas conhecemos a seu respeito poucas perspectivas: os trezentos maçons da Constituinte lutaram com pertinaz ener-

gia e renovaram quatorze vezes o ataque, afim de conseguirem, para os judeus, o direito de cidadãos. [1]

Estudando a Maçonaria, vimos agir os judeus em tôdas as associações secretas promotoras das revoluções. Em regra geral, nos lugares em que a Maçonaria é ativa, o judeu pouco aparece, porque não faz questão de operar em plena luz.

A partir de 1848, a sua influência tornou-se cada vez mais visível, nas revoluções européias. O judeu Disraeli, primeiro ministro inglês, declarou que os israelitas são os promotores do movimento.

"O mundo é governado por personagens muito diversos dos que aparecem aos observadores cujo olhar não alcança os bastidores... essa poderosa revolução que presentemente se trama e se prepara na Alemanha, onde será, de fato, uma segunda reforma mais considerável do que a primeira e a cujo respeito a Inglaterra sabe tão pouco, desenvolve-se completamente sob os auspícios dos judeus".

E ainda:

"Pode-se seguir a influência judaica, nas últimas explosões revolucionárias da Europa. Manifestou-se uma revolta contra a tradição, a religião e a propriedade. A destruição do princípio semítico, a extirpação da religião judia, sob a forma mosaica ou sob a forma cristã, a igualdade natural dos homens e a agregação da propriedade são proclamadas pelas associações secretas que formam os governos provisórios, e homens de raça judaica se encontram à frente de cada um dêles. O povo de Deus colabora com os ateus, os mais fervorosos acumuladores da riqueza aliam-se aos comunistas, a raça eleita marcha, de mãos dadas, com a ralé das castas inferiores da Europa: tudo com o intuito único de destruir essa cristandade, que lhes deve até o nome e cuja tirania se lhes tornou insuportável". [2]

(1) Veja-se a obra do Abbade Lemann — *A entrada dos israelitas na sociedade.*

(2) *Vida de Lord Georges Bentinck*, publicada em 1852.

Palavras confirmadas pelas de Bernardo Lazare:

Durante o segundo período revolucionário, que se inicia em 1830, mostraram-se mais ardorosos do que no primeiro. Estavam, aliás, diretamente interessados no movimento, pois, na maior parte dos Estados da Europa, não gozavam ainda da plenitude dos seus direitos. Alguns dêles, que não eram revolucionários pelo raciocínio e pelo temperamento, foram-no por interêsse; cooperando para a vitória do liberalismo, trabalhavam para si. E' indiscutível que, com o seu ouro, a sua energia e o seu talento, sustentaram e secundaram a revolução européia... Durante aqueles anos, os seus banqueiros, os seus industriais, os seus poetas, os seus escritores, os seus tribunos, embora movidos por ideais bem diferentes, concorreram para o mesmo fim... Vemo-los implicados nos movimentos da jovem Alemanha, inscritos, em grande número, nas associações secretas que formaram o exército revolucionário combatente, nas lojas maçônicas, nos grupos dos carbonários, na Alta Venda romana e por tôda parte, na França, na Alemanha, na Suíça, na Áustria, na Itália". [1]

Muito longa se tornaria a relação minuciosa da ação judaica em tôdas as revoluções modernas; manifestou-se mais particularmente na Rússia onde, em virtude da interdição da Maçonaria, os israelitas não puderam operar sob a sua proteção.

O grande movimento revolucionário que varreu a Europa, logo depois da guerra, foi dirigido por judeus. Eram êles os chefes e recrutavam as suas fôrças nas ínfimas camadas do proletariado, ávido de pilhagem, e entre os utopistas que se deixavam iludir pela sua hábil propaganda.

Como o espartacismo alemão, o bolchevismo da Húngria foi um movimento judeu-maçônico, provado indiscutivelmente pelos documentos húngaros oficiais. [2]

"A 22 de março de 1919, foi proclamada a república húngara dos conselhos; os seus chefes eram maçons, como o mi-

(1) B. Lazare — *O Antissemitismo*, pág. 341. París. L. Chailley, 1894.

(2) Arquivos apreendidos em Budapest. Monsenhor Jouin — *O perigo judeu maçônico*, vol. III, pág. 94.

nistro da instrução pública, irmão Kunzi, (leia-se Kohn) o irmão Iaszi, ministro nacional dos conselhos, o irmão Pedro Agoston, o irmão Lukazs, filho de um judeu milionário de Budapest, o irmão Diener (denes zoltan) e principalmente o irmão Bela Kun (leia-se Kohn) criminoso de primeira ordem que, ainda hoje, está sob a proteção especial do govêrno austríaco.

"O govêrno dos conselhos era composto de judeus. Mencionemos os mais conhecidos, para perpetuar-lhes a lembrança: o sanguinário Tibor Szamuelly, [1] o presidente do conselho do govêrno, Alexandre Garbai, Joseph Pogany, pelo exército, Ronai (Rosenstengel) pela justiça, Varga (Weichzelbaum) pelas finanças, Vince (Weinstein) pela capital, Moritz Erdelyi (Eisenstein) e Dezso Biro (Bienenstock n.º 2) pela polícia, todos, todos judeus, excepto Garbai".

J. e J. Tharaud também escreviam:

"Além de Bela Kun, compunham o govêrno vinte e seis comissários. Dêstes vinte e seis membros do poder, dezoito eram judeus, proporção inaudita, se considerarmos, que na Húngria, havia apenas 1.500.000 israelitas, sôbre 22.000.000 de habitantes. Acrescentemos que os dezoito judeus tinham nas mãos

(1) Szamuelly percorria a Húngria no seu trem especial. Leia-se êste trecho da mesma autora da citação:

"Êsse trem da morte atravessa, rumorejando, as noite da Húngria e, quando pára, corpos humanos pendem das árvores e o sangue corre pelo chão. Ao longo da via férrea, encontram-se freqüentemente cadáveres nus e mutilados. Szamuelly pronuncia as suas sentenças no próprio trem. Quem é obrigado a entrar no combóio, não tornará a sair e jamais contará o que viu.

Szamuelly habita-o constantemente. Trinta terroristas escolhidos velam pela sua segurança. Carrascos especiais acompanham-no. O combóio compõe-se de dois carros-salões, de dois carros de primeira classe, reservados aos terroristas, e de dois vagões de terceira, para as vítimas. E' nestes últimos que se realizam as execuções. O pavimento está coberto de sangue. Os cadáveres são atirados pelas janelas, enquanto Szamuelly se conserva no seu carro-salão forrado de sêda rosa e guarnecido de espelhos facetados. Um gesto da sua mão concede a vida ou a morte". (C. de Tormay — *O livro proscrito*, pág. 204).

a direção efetiva do poder. Os oito comissários cristãos não passavam de comparsas.

"Em poucas semanas, Bela Kun e os seus amigos derribaram, na Húngria, a antiga ordem secular e vimos surgir, nas margens do Danúbio, uma nova Jerusalém, gerada pelo cérebro de Karl Marx e edificada, por mãos judias, sôbre antiquíssimos princípios. [1]

"Depois de séculos e séculos, através de todos os desastres, o sonho messiânico de uma cidade ideal em que não haverá pobres nem ricos, onde reinará perfeita justiça e igualdade, não deixou de ser a obsessão de Israel. Nos seus guetos cobertos do pó dos velhos sonhos, os judeus selvagens da Galícia teimam em procurar, no céu, nas noites de luar, um signo precursor da chegada do Messias. Trotsky, Bela Kun e os outros continuaram, por sua vez, o sonho fabuloso, mas, cansados de procurar no céu êsse reino de Deus inalcançável, tentaram estabelecê-lo na terra. A experiência demonstrou que, colocando-o nas nuvens, os seus antigos profetas eram muito mais bem inspirados". [2]

Segundo o testemunho de um neutro, eis uma passagem do relatório sôbre as atividades revolucionárias, publicado pela comissão de legislatura de Nova York, presidida pelo senador Lusk:

"Não houve oposição organizada contra Bela Kun, que, imitando Lenine, cercou-se de comissários investidos de autoridade absoluta. Dos trinta e dois comissários principais, vinte e cinco eram judeus, proporção quasi análoga à da Rússia. Os mais importantes entre êles formavam um diretório de cinco membros: Bela Kun aliás Kohn, Bela Vago (Weiss), Joseph Pogany (Swarz), Simon Kunzi (Kunstatter) e outro. Outros dois chefes, Alpari e Szamuelly, dirigiam o terror vermelho e, as execuções e as torturas da burguesia".

A mesma relação publica uma lista de 76 homens, perse-

(1) J. e J. Tharaud — *Palestra sôbre Israel*, pág. 27, Marcelle Lesage, 1926.

(2) J. e J. Tharaud — *Quando Israel é rei*, pág. 220. Plon-Nourrit, 1921.

guidos na América, sob a acusação de anarquia criminosa, em princípios de 1920, sendo quasi todos nomes judeus.

A preponderância judaica, nas revoluções alemãs de 1918, é também indiscutível; alí, como em tôda parte, foram os judeus os dirigentes e os estrategistas do movimento. A república dos conselhos de Munich era judia; basta citar, entre muitos outros, os nomes de alguns chefes: Liebknecht, Rosa Luxembourg e Kurt Eisner.

Após a queda do govêrno imperial, os judeus assumiram, em massa, a direção do país.

O novo gabinete alemão era dominado pelos judeus Haase (Ministerio do Exterior) e Landeberg. O primeiro tinha, como assistentes, os judeus Kautsky, um tcheque que, em 1918, não era sequer cidadão germânico, Kohn e Herzfeld. O judeu Schiffer, assistido por Bernstein, era ministro da Fazenda. O judeu Preuss, assistido pelo doutor judeu Freund, ocupava o ministério do Interior.

E' supérfluo lembrar a ação do presidente da república bávara dos conselhos, o judeu Kurt Eisner, chefe da revolução bolchevista de Munich.

"Onze míseros homens fizeram a revolução", dizia Kurt Eisner, na exaltação do seu triunfo ao seu colega, ministro Auer. "Parece-me justo conservar a recordação durável dêsses homens: são os judeus Max Lowenberg, o Dr. Kurt Rosenfeld, Caspar Wollheim, Max Rotschild, Karl Arnold, Kranold, Rosenhek, Birnbaum, Reis e Kaiser.

"Êsses dez homens e Kurt Eisner van Isrealovitch estavam à frente do "tribunal revolucionário da Alemanha". Todos eram maçons e pertenciam à loja secreta n.º 11, situada em Munich, na Briennerstrasse, n.º 51". [1]

Por outro lado, a opinião pública alemã acusava os judeus de terem contribuído para o desmoronamento da ordem social germânica, por meio do espírito bolchevista, da imprensa e da superintendência judaica sôbre a alimentação e a indústria do país.

Perante a violência da reação popular e obedecendo pelo que parece, a uma ordem superior, os judeus abandonaram sucessivamente os principais cargos do govêrno, sem, entretanto,

[1] **Mons. Jouin — Obra já citada. Vol. I, pág. 161.**

renunciar à sua influência sôbre os poderes efetivos, finanças, imprensa, etc.

O judaísmo prefere não aparecer claramente, e, quando pode superintender o govêrno, deixa, de boa vontade, aos naturais do país o exercício do poder. Só entra em luta com uma nação ou um govêrno, quando estes lhe impedem o domínio ou a exploração do país.

Vangloria-se, então, de fazer, como lhe parece, a guerra ou a paz, de reter nas suas mãos as rédeas do poder mundial ou de restaurar a ordem. Em caso de risistência, pode desencadear o bolchevismo.

A Rússia foi um dos casos de resistência; daí resultou a revolução bolchevista em que, enfim, a raça judia se manifestou claramente.

OS JUDEUS E O BOLCHEVISMO

Grandes esforços foram feitos, em tôda parte, para nos persuadir de que o bolchevismo não é um fenômeno judeu; infelizmente os fatos são evidentes. Não faltam, aliás, afirmações judaícas contrárias, e a circunstância de não serem geralmente destinadas ao público só lhes pode aumentar o valor.

Citemos algumas:

O *Jewish World*, de 10 de janeiro de 1929, publicava:

"Isso traz-me à lembrança o que escrevia Mentor, no *Jewish chronicle*, na época da revolução russa. — Efetivamente é em substância, o que o sr. Cox afirma agora.

"Depois de provar que, em virtude da implacável tirania dos seus adeptos, o bolchevismo constituia uma séria ameaça para a civilização, Mentor observa:

"Todavia é, na sua essência, a revolta dos povos contra o estado social, contra o mal e as iniquidades que culminaram no cataclisma da guerra que, durante quatro anos, devastou o mundo.

"E continuava:

"O fato do próprio bolchevismo, a circunstância de tantos judeus serem bolchevistas e do ideal bolchevista coincidir, em

muitos pontos, com o mais sublime ideal judaico, que forma, em parte, a base dos melhores preceitos do fundador do cristianismo, têm uma grande significação que todo judeu sensato examinará zelosamente". ([1])

Discursando, em Nova York, em 1919, o rabino J. L. Magnes pronunciou estas palavras:

"Quando um judeu dedica o seu pensamento, tôda a sua alma à causa dos operários, dos espoliados, dos desherdados dêste mundo, a sua qualidade fundamental é chegar até aos alicerces das cousas. Na Alemanha, torna-se Marx ou Lasalle, Haas ou Eduardo Bernstein; na Áustria, Vitor ou Frederico Adler; na Rússia, Trotsky. Considerai um instante a situação atual na Alemanha e na Rússia, em que a revolução libertou as fôrças criadoras, e admirai o número de judeus que estavam preparados para o serviço ativo imediato. Revolucionários socialistas, *menscheviks*, socialistas da maioria ou da minoria, seja qual fôr o nome que lhes dêm, todos são judeus e encontram-se, como chefes ou gregários, em todos os partidos da revolução".

No jornal comunista de Kharkoff, em abril de 1919, o sr. Cohen escrevia:

"Pode-se afirmar, sem exagêro, que a grande revolução russa foi obra dos judeus. A massa soturna e oprimida dos operários e dos camponeses russos conseguiria, por si só, sacudir o jugo da burguesia?

"Não; foram principalmente os judeus que levaram o proletariado russo à aurora da internacional, e não só guiaram, mas continuam a dirigir a causa dos Sovietes que conservaram nas suas mãos".

Aliás, o livro branco inglês continha o trecho seguinte, escrito pelo ministro da Holanda que representava, na Rússia, os interêsses britânicos e inserido na relação enviada, de Christiania, por Sir M. Findlay a Balfour, em 17 de setembro de 1918:

([1]) *Os ideais do bolchevismo*. Jewish World, janeiro de 1929, n.° 2912.

"Julgo que a supressão imediata do bolchevismo é atualmente a tarefa mais importante do mundo, sem excluir a própria guerra, que continua as suas devastações. A não ser que, como recomendo, o bolchevismo seja sufocado imediatamente e no embrião, não deixará de se espalhar na Europa e no mundo inteiro, sob formas diversas, porque é organizado e animado por judeus que não têm nacionalidade e cujo único fim é destruir, em seu proveito, a ordem atual. O único meio de afastar êsse perigo seria uma ação coletiva de tôdas as potências". ([1])

A êsse texto afirmativo juntemos alguns fatos:

A lista completa do pessoal dirigente soviético foi publicada principalmente pela associação *Unidade da Rússia* de Nova York, em 1920, com o seguinte prefácio:

"A pergunta: "Quem governa a Rússia?" recebe uma resposta categórica com a simples enumeração dos funcionários responsáveis pelo govêrno irresponsável dos Sovietes. Os dados contidos neste impresso foram extraídos cuidadosamente dos órgãos oficiais bolchevistas, com *Isvestia, Golos Trouda, A Gazeta Vermelha* e outros. O fato fundamental é incontestável. O funcionalismo soviético está quasi completamente nas mãos dos judeus e das judias, e o número de russos que participam do govêrno é ridiculamente diminuto. E' impossível esquivar êste fato, que se eleva, como uma advertência solene, perante os países e os Estados que se denominam cristãos e acreditam em sistemas nacionais de existência opostos ao internacionalismo ilimitado, no qual a raça judia é o poder predominante".

Sendo a lista demasiado longa, transcrevemo-la em resumo: ([2])

([1]) *Rússia* n.° 1 — Coleção de relações sôbre o bolchevismo apresentadas ao Parlamento por ordem de S. Majestade, abril de 1919. Passagem suprimida na edição apresentada ao P. inglês.

([2]) Foi reproduzida em francês por Mons. Jouin na obra já citada. Vol. II, pág. 109.

	Membros	Judeus	Porcentagem %
Conselho dos comisários do povo	22	17	77,2
Comissariado da Guerra	43	33	76,7
Comissariado do Exterior	16	13	81,2
Fazenda	30	24	80
Justiça	21	20	95
Instrução pública	53	42	79,2
Assistência social	6	6	100
Trabalho	8	7	87,5
Cruz Vermelha bolchevista: em Berlim, Viena, Varsóvia, Bucarest, Copenhague	8	8	100
Comissários provinciais	23	21	91
Jornalistas	41	41	100

Transcrevemos também a lista dos Altos Comissários do povo (1919):

Pseudônimo:	*Verdadeiro nome:*	
Lenine	Oulianoff, russo, filho de judia.	
Trotsky	Bronstein	Judeu.
Stekloff	Nachamkess	Judeu.
Martoff	Zederbaum	Judeu.
Goussieff	Drapkine	Judeu.
Kameneff	Rosenfeld	Judeu.
Soukhanoff	Ghimmer	Judeu.
Lagesky	Krachmann	Judeu.
Bogdanoff	Silberstein	Judeu.
Goreff	Goldmann	Judeu.
Ouritzky	Radomiselsky	Judeu.
Valadarsky	Kohen	Judeu.
Sverdloff	Sverdloff	Judeu.

Pseudônimo:	*Verdadeiro nome:*	
Kamkoff	Katz	Judeu.
Ganezky	Furstenberg	Judeu.
Dann	Gourevitch	Judeu.
Meshkovsky	Goldberg	Judeu.
Parvous	Gelphanat	Judeu.
Rosanoff	Goldenbach	Judeu.
Martinoff	Zimbar	Judeu.
Tchernomorsky	Tchernomordick	Judeu.
Piatnitzky	Levine	Judeu.
Adramovitch	Rein	Judeu.
Lointzeff	Bleichmann	Judeu.
Zvezditch	Fonstein	Judeu.
Radek	Sobelson	Judeu.
Litvinof	Finkelstein	Judeu.
Lounatcharsky	....	Russo.
Kolontaï	....	Russo.
Peters	....	Letônio
Maclakowsky	Rosenblun	Judeu.
Lapinsky	Levenson	Judeu.
Vabroff	Natanson	Judeu.
Ortodoks	Akselrode	Judeu.
Garine	Gerfeldt	Judeu.
Glasounoff	Schulze	Judeu.
Lebedieva	Limsom	Judia.
Joffe	Joffe	Judeu.
Naout	Ginsbourg	Judeu.
Kamensky	Hoffmann	Judeu.
Zagorsky	Krachmalnik	Judeu.
Isgoeff	Goldmann	Judeu.
Vladimiroff	Feldmann	Judeu.
Bounakoff	Foundaminsky	Judeu.
Manouilsky	....	Judeu.
Larine	Lourié	Judeu.
Krassine	....	Russo.
Tchitcherine	....	Russo.
Goukovsky	....	Russo.

Num total de 545 membros, a administração bolchevista compreende:

447 judeus.
30 russos.
34 letônios.
22 armênios.
12 alemães.
3 finlandeses.
2 polacos.
1 tcheque.
1 karaun.
1 georgiano.
1 imeretiano.
1 húngaro.

Estes fatos são universalmente conhecidos; o que nem todos sabem é que o judaísmo, em massa compacta, apoiou o bolchevismo.

Os meios necessários para custear a revolução russa foram fornecidos, em parte, por financeiros e banqueiros judeus.

A. Netchvolodoff, tenente-general do exército imperial russo, publicou, em 1924, o que se segue:

"Em 1916, o Estado-Maior do Generalíssimo russo recebeu de Nova York um relatório secreto, enviado por um dos seus agentes. Êsse relatório, datado de 15 de fevereiro de 1916, dizia, entre outras cousas:

"O partido revolucionário russo na América resolveu irrevocàvelmente passar à ação. E' preciso, em conseqüência, prever a todo momento revoltas prováveis.

"A primeira reünião secreta, que assinala o princípio de uma era de atos violentos, realizou-se segunda-feira, 14 de fevereiro, no bairro oriental (East side) de Nova York. Sôbre um total de sessenta e dois delegados convocados, cincoenta eram veteranos da revolução de 1905 e os restantes, adeptos novos. A maior parte dos assistentes eram judeus, sendo muitos dentre êles pessoas instruídas, doutores, jornalistas, etc. Havia também alguns revolucionários profissionais.

"O princípio desta primeira reünião foi consagrado, quasi inteiramente, ao exame dos meios e da possibilidade de provocar na Rússia uma grande revolução, visto que o momento é dos mais favoráveis.

"Foram comunicadas informações secretas recebidas da Rússia, segundo as quais a ocasião seria inteiramente propícia, porque todos os acordos preliminares, para uma insurreição imediata, já foram concluídos.

"O único obstáculo sério parecia ser o dinheiro, mas, logo que se levantou esta questão, certos membros da reünião anunciaram à assembléia que ela não devia suscitar nenhuma hesitação, pois, desde que fôsse necessário, importâncias consideráveis seriam doadas por pessoas partidárias do movimento em prol da libertação do povo russo. E o nome de Jacob Schiff foi pronunciado várias vezes.

"O número de 23 de setembro de 1919 do jornal *A Moscou*, publicado em Rostow sôbre o Don, fornece informações excepcionais, tanto pela sua importância como pela fonte donde provêm, sôbre a ação de Jacob Schiff na revolução de 1917.

"Segundo as declarações do referido jornal, êsses dados representam um *documento oficial* proveniente do Alto Comissário do Govêrno Francês em Washington: "A autenticidade dêste documento é indiscutível, visto que foi extraído dos arquivos de uma das altas instituïções do Govêrno da República Francesa". O mesmo documento (parágrafo I-VIII) foi citado em 1920, num suplemento do jornal *Vieille France*, publicado em Paris, intitulado *Os Protocolos* em que se diz: "Todos os governos da *Entente* conheciam o memorial composto com os dados do *Serviço Secreto* americano e transmitido, em tempo, ao Alto Comissário da França e a todos os seus colegas".

O memorial data de princípio de 1919. Eis o seu texto:

"7—618—6 Np. 912 — S. R. 2 II	Transmitido pelo Estado Maior do Exército. II Gabinete.

BOLCHEVISMO E JUDAÍSMO

Nota estabelecida pelos serviços oficiais americanos (transmitida pelo Alto Comissário da República Francesa nos Estados Unidos).

"I — Em fevereiro de 1916, soube-se, pela primeira vez, que uma revolução se preparava na Rússia. Descobriu-se que as pessoas e as firmas abaixo indicadas estavam ligadas a essa obra de destruição:

I — Jacob Schiff, judeu.
II — Kuhn Loeb e C.ª, firma judia.
Diretores:
Jacob Schiff, judeu;
Félix Warburg, judeu;
Otto Kahn, judeu ;
Mortimer Schiff, judeu;
Jerônimo H. Hanauer, judeu.
III — Gugenheim.
IV — Max Breitung.

"E' indubitável, por conseguinte, que a revolução russa, que estalou um ano depois, foi promovida e fomentada claramente por influências judaicas.

"Efetivamente, em abril de 1917, Jacob Schiff fêz uma declaração pública, afirmando que a revolução russa fôra realizada em virtude do seu concurso financeiro.

"II — Na primavera de 1917, Jacob Schiff começou a comanditar Trotsky (judeu), para promover na Rússia a revolução social. O jornal de Nova York, *Forward*, diário judeu-bolchevista, também contribuiu com a sua cotização para o mesmo fim.

"De Stockholmo, o judeu Max Warburg comanditava igualmente Trotsky e C.ª que também contavam com o concurso do Sindicato Westphalia-Reno, importante sociedade judia, do hebreu Olef Aschberg, do Nye Banken de Stockholmo e do judeu Jivotovsky, sogro de Trotsky. Assim se estabeleceram as relações entre os multimilionários e os proletários judeus.

"III — Em outubro de 1917, realizou-se na Rússia a revolução social, assumindo os Sovietes a direção do povo russo.

Nesses sovietes distinguem-se os indivíduos seguintes: (Segue-se a lista já citada dos membros judeus do govêrno russo).

"Ao mesmo tempo, o judeu Paulo Warburg mantinha francamente relações tão íntimas com personagens bolchevistas, que não foi reeleito para o *Federal Reserve Board*.

"IV — Entre os amigos íntimos e os agentes dedicados de Jacob Schiff, figura o rabino Judas Magnes, vigoroso protagonista do judaísmo internacional; e um judeu chamado Jacob Millikow declarou, um dia, que Magnes é profeta.

"Em princípios de 1917, o referido profeta fundou a primeira associação verdadeiramente bolchevista, sob a denominação de *Conselho do Povo*, e a 24 de outubro de 1918 declarou, em público, ser bolchevista e concordar plenamente com os judeus e as doutrinas do bolchevismo.

"Essa declaração foi feita numa reünião da comissão judaica da América, em Nova York. Jacob Schiff reprovou as idéias de Judas Magnes e êste, para iludir a opinião pública, retirou-se da comissão. Todavia Schiff e Magnes continuaram, em perfeita harmonia, como membros do conselho administrativo da Kehilla (Kahal) judaica.

"V — Judas Magnes, comanditado por Jacob Schiff, mantem, por outro lado, relações íntimas com a organização sionista universal Poale, de que foi diretor e cujo intuito final é estabelecer a hegemonia internacional do partido trabalhista judeu; e aquí se define novamente a relação entre multimilionários e proletários judeus.

"VI — Há algumas semanas, rebentou na Alemanha a revolução social; automàticamente, uma judia, Rosa Luxembourg, assumiu a direção política da revolta e um dos principais chefes do movimento bolchevista internacional é o judeu Haase. Atualmente a revolução desenvolve-se na Alemanha, segundo as mesmas diretrizes observadas na Rússia.

"VII — Se considerarmos que a firma judia Kuhn Loeb e C.ª mantém relações com o Sindicato Westphalia-Reno, firma judia da Alemanha, com os Irmãos Lazare, firma judia de Paris, com o Banco Gunzbourg, estabelecimento judeu de Petrogrado, Tokio e Paris, se notarmos mais que as casas judias acima indicadas estão ligadas aos estabelecimentos judeus Speyer e C.ª de Londres, Nova York e Francfort sôbre o Meno e com o Nye Banken, casa judeu-bolchevista de Stockholmo, veremos

que o movimento bolchevista é, numa medida determinada, a expressão de um movimento judaico e que certas casas bancárias judias estão interessadas na organização do referido movimento". (1)

Os nomes citados não são apenas individualidades independentes, operando por conta própria e não sob a responsabilidade do judaísmo.

Vejamos o que, sôbre isto, afirma Pitt-Rivers, no seu livro, *A significação mundial da revolução russa:*

"Os judeus ocidentais pretendem, com alguma razão, que, no seu todo o judaísmo é muito oposto ao bolchevismo; embora esta afirmação seja, em grande parte verdadeira, porque os chefes bolchevistas que são principalmente judeus não pertencem à igreja judaica ortodoxa, pode-se, sem incorrer na acusação de antissemitismo, expor êste fato evidente: no seu conjunto, o judaísmo, conciente ou inconcientemente, cooperou para estabelecer um despotismo material econômico internacional que, aliado ao puritanismo, tende cada vez mais a aniquilar os valores nacionais, substituindo-os pelo mecanismo brutal e desmoralizador da finança e da indústria.

"E' certo que o judaísmo, no seu todo, empregou todos os esforços, para provocar o desmoronamento da Rússia monárquica que considerava o obstáculo mais formidável às suas ambições e aos seus diversos intuitos; pode-se admitir igualmente a tese, segundo a qual, individual ou coletivamente, a maior parte dos judeus pode detestar cordialmente o bolchevismo; todavia o judaísmo influiu, com todo o seu pêso, na balança revolucionária, contra o govêrno do Tzar.

"E' verdade que os judeus apóstatas, que ora exercem o govêrno, podem ter ultrapassado as ordens. E' um fato des-

(1) **Êste importante documento, reproduzido pelo general Netchvolodoff, teria sido publicado, pela primeira vez, em 1920, em documentos católicos. Foi reproduzido várias vezes. Encontrei diversas confirmações. Entre outras, citarei a do *Times*, de 9 de fevereiro de 1918, e dois artigos de Samuel Gompers no *New York Times*, de 1.° de maio de 1922 e de 31 de dezembro de 1923, em que se fala do apôio ao comunismo por parte da alta finança e mencionam-se Kahn e Warburg.**

concertante, mas não altera as circunstâncias. E' provável também que os judeus, vítimas, muitas vezes, do seu idealismo, tenham cooperado para acontecimentos que, no seu íntimo, não podem aprovar. E', talvez, a maldição do Judeu errante". (1)

Numerosos escritores judeus como Bernardo Lazare, Alfredo Nossig, Kadmi-Cohen, assinalaram a concordância entre os dois polos do judaísmo: o capitalismo judeu internacional e o comunismo.

Depara-se-nos, por conseguinte, êste enigma: Como é possível explicar que os judeus em geral e grandes financeiros judeus em particular espalhem e subvencionem, em tôda parte, o socialismo e o bolchevismo, destruidores do capital que é uma das suas fôrças?

A resposta é que, incompreensível ou não, o fato existe.

E' claro que os judeus assim procedem, em seu proveito, e provàvelmente sorriem da nossa ingenuidade.

Leia-se o trecho seguinte de Jorge Batault:

"O regime mais propício ao desenvolvimento da luta de classe é o regime demagógico, igualmente favorável às intrigas da finança e da revolução. Quando essa luta se desencadeia sob formas violentas, os chefes das massas são reis, mas o dinheiro é deus; os demagogos dominam as multidões, mas os financeiros são senhores dos demagogos e, em último recurso, a riqueza difusa do país, os bens rurais e os bens imóveis, pagam, enquanto duram, as custas do movimento.

"Quando prosperam os demagogos, no meio dos escombros da ordem política e social e das tradições destruídas, o ouro é o poder único e representa a medida de tôdas as cousas; é onipotente e reina sem contra-pêso, em detrimento da pátria, da cidade, da nação ou do império que caem, finalmente, em ruínas.

"Dir-me-eis: dêsse modo, não trabalham os financeiros contra si próprios? Alterando a ordem, não destruem a fonte de tôda riqueza? Pode ser verdade, mas, enquanto os Estados, cujos anos se contam pelas gerações humanas, são obrigados, para garantir a sua existência, a conceber e a praticar uma

(1) **G. Pitt Rivers — *A significação mundial da revolução russa*, pág. 39. Blackwell, Oxford, 1921.**

política a longo prazo, em vista de um futuro remoto, a Finança, que se nutre do imediato e do tangível, procura resultados e sucessos rápidos, sem se preocupar com o *amanhã* da história". (¹)

E' preciso não esquecer que há duas espécies de capitalistas: os proprietários, os industriais e outros, geralmente cristãos, e os financeiros internacionais, principalmente senão exclusivamente judeus. A desordem social, fatal aos primeiros, proporciona aos últimos ocasiões de lucros.

"Do ponto de vista estritamente financeiro, os acontecimentos mais desastrosos da história, guerras ou revoluções, nunca são catastróficos; os manipuladores do dinheiro podem tirar proveito de tudo, desde que estejam informados com antecedência. E' certo que os judeus, espalhados por tôda a superfície da terra, estão, sob êste aspecto, particularmente em boa situação". (²)

Os judeus têm, aliás, um motivo pessoal de apoiar o socialismo: Um dêles, Weininger, explicou porque há tantos judeus comunistas:

"O comunismo não é só uma doutrina internacional, mas implica o sacrifício da verdadeira propriedade, especialmente agrária; e como os judeus são internacionais, nunca se afeiçoaram à verdadeira propriedade. Preferem o dinheiro, que é um instrumento de poder".

A suposta ditadura proletária favorece a ditadura dos judeus. Estes não querem destruir o capital, mas tornar-se os seus únicos senhores.

O coletivismo não é, por conseguinte, um movimento popular, nem um fim. E' um meio de destruição.

Os que o dirigem (salvo alguns judeus fanáticos, que julgam o mundo com o cérebro e não com a alma) sabem, melhor do que ninguém, que o sistema não pode vingar; foi experimentado diversas vezes, nas melhores condições possíveis, e o seu insucesso foi rápido e completo. (¹)

(¹) J. Batault — *O problema judeu*, pág. 257.
(²) J. Batault — *O problema judeu*.

Pode funcionar, unicamente, no caso de uma comunidade religiosa que tenha renunciado a todo interêsse terrestre, ou de nômades que vivam dos seus rebanhos, em vastas regiões deshabitadas. Em lugar de ser um progresso, é um regresso à forma de organização mais primitiva. Uma nação moderna, bolchevizada, morrerá de fome. Tomemos como exemplo a Rússia, celeiro da Europa, antes da guerra e depois devastada pelas fomes periódicas, enquanto se aplicou o bolchevismo à agricultura. Que seria na Inglaterra ou na Alemanha?

Dizem-nos que o socialismo é a revolta dos proletários oprimidos pelo capitalismo, a insurreição dos que não têm contra os que possuem.

A êste respeito, notemos, de passagem, que o dinheiro parece estar mais do lado dos proletários. Com efeito, as organizações anti-revolucionárias lutam continuamente com falta de recursos, ao passo que esta dificuldade parece não existir, para os partidos socialistas revolucionários que dispõem, aparentemente, de recursos ilimitados.

O socialismo não é, aliás, um movimento popular.

"O intelectual socialista pode falar nas maravilhas da nacionalização, na alegria de trabalhar para o bem comum, sem esperança de lucro pessoal; o trabalhador revolucionário não encontra nisto o menor atrativo. Pedi-lhe a sua opinião sôbre a transformação social: responderá geralmente em favor de um método qualquer, que lhe permitirá conseguir alguma cousa que não possue. Não quer ver o automóvel do ricaço socializado pelo Estado, mas deseja-o para si.

"O trabalhador subversivo não é, portanto, socialista; é anarquista e isto deve parecer-nos natural. O que nos deveria

(¹) Veja-se, entre outras, na obra de Webster as tentativas de aplicação do socialismo feitas por Etienne Cabet e William Lane, no Texas e no Paraguay. Webster — *The world revolution*, págs. 114-271.

surpreender seria, pelo contrário, vê-lo renunciar, voluntàriamente, a esperança de possuir, um dia, alguma cousa". (1)

Logo, o coletivismo (socialismo, comunismo) não é um movimento popular, nem um fim; é um meio, um magnífico meio de destruição.

A autocracia tzarista era o último impedimento material (há ainda um obstáculo moral: Roma e as religiões) à vitória do imperialismo judaico.

"A Rússia era o único país do mundo cuja classe dirigente opunha uma resistência organizada ao judaísmo mundial.

"À frente do govêrno estava um autócrata, livre de tôda pressão parlamentar; os dignitários eram independentes, ricos e tão impregnados de tradições políticas e religiosas, que, com raras exceções, o ouro judaico nenhuma influência exercia sôbre êles.

"Os judeus não eram admitidos no exército, nem entre os funcionários do Estado e da magistratura.

"Além disto, a classe dirigente não dependia do capital judaico, porque possuía enormes riquezas territoriais. A Rússia tinha superabundância de trigo e completava perpètuamente a sua provisão de ouro, nas minas do Ural e da Sibéria. A reserva metálica do Estado ascendia a quatro bilhões de marcos, sem contar as riquezas acumuladas da família imperial, das ordens religiosas e da propriedade particular. A-pesar-da sua resumida indústria, sem depender de nenhuma importação, a Rússia podia prover às suas necessidades.

"O conjunto dessas condições tornava impossível a subordinação daquele país ao capital judaico internacional, pelos processos aplicados com êxito na Europa ocidental.

"Se acrescentarmos que o império moscovita continuava a ser o depositário das tradições religiosas e conservadoras do mundo, que, com o auxílio das suas fôrças armadas, dominara os mais sérios movimentos subversivos e que não admitia, no seu território, nenhuma associação política secreta, compre-

(1) Webster — *Associações secretas e movimentos subversivos*, pág. 327.

enderemos a razão da guerra movida pelo judaísmo mundial ao império russo". (1)

A Rússia era um obstáculo que o bolchevismo conseguiu abater. Na revolução soviética, o aspecto pròpriamente russo foi a anarquia dos primeiros tempos, o saqueio e a ocupação das terras. Essa anarquia cedeu depressa o lugar à organização judaica. Hoje, a começar pelos anarquistas eslavos, quasi totalmente exterminados pelos bolchevistas judeus, os russos não têm direito de opinião no seu país.

A luta de Bakounine contra Karl Marx era a luta de dois princípios e de duas raças: a anarquia contra o comunismo, os eslavos contra os judeus.

"Nunca se repetirá bastante que, desde o princípio, o bolchevismo não foi sòmente um movimento político, mas teve por fim a reforma da humanidade. Quis transformar o homem na sua existência comum, nos seus costumes, nos seus hábitos e na sua fé; todos os seus sentimentos e idéias tiveram de se adaptar à circunstância de que, desde essa época, um novo tipo de homem iria povoar a Rússia". (2)

Devemos saber, com efeito, que há uma ideologia do socialismo e que êste só triunfou na Rússia, em virtude do fanatismo resoluto dos seus precursores, Lenine, Trotsky e outros. Para compreender claramente o bolchevismo, é preciso ter presente a mescla característica da alma judaica: de um lado, o idealismo messiânico fanático que pretende dirigir a humanidade, impondo-lhe as concepções judaicas, e do outro, o senso prático mais materialista e mais prudente. Devemos ao primeiro o socialismo internacional, (3) ao segundo, a atual civilização econômica, em que o ouro é rei. O fanatismo justifica o bolchevismo, o sentido dos negócios explica o apôio conce-

(1) Artigo de A. Rosenberg em *Weltkampf*, 1.º de julho de 1924.

(2) René Füllop-Miller — *Mind and face of Bolschevism*, pág. 185.

(3) Em capítulos posteriores, trataremos da influência judaica no socialismo e na vida econômica.

dido ao bolchevismo pela alta finança judaica, por interêsse de raça, porque o fim é o mesmo para ambos: o domínio do mundo. O socialismo representa o lado espiritual e a alta finança, o lado material.

As linhas seguintes, escritas por uma húngara durante o regime bolchevista, exprimem admiràvelmente a opinião dos que viveram aquelas horas trágicas:

"Não há nenhuma semelhança entre o eslavo místico e irresoluto, o magiar violento, mas fiel às suas tradições, e o alemão pesado e reflexivo!

"Todavia o bolchevismo forma-se acima dêles pelos mesmos meios e sob signos análogos. O temperamento nacional dos três povos não aparece absolutamente nas concepções terríveis, realizadas por homens de espírito igual em Moscou, em Budapest e em Munich.

"Desde a dissolução da Rússia, aparece Kerensky e depois Trotsky espreita, emboscado à sombra de Lenine.

"Quando a Húngria exangue desfaleceu, atrás de Karolyi, esperavam Kunfi, Jaszi, Pogani, Bela Kun e o seu estado maior.

"E quando a Baviera vacilou, o diretor do primeiro ato da revolução, Kurt Eisner, estava a postos. E no segundo, Marx Lieven (Levy) proclama, em Munich, a ditadura do proletariado, reedição do bolchevismo da Rússia e da Húngria.

"São tão grandes as diferenças específicas entre os três povos, que a misteriosa similaridade dos acontecimentos não provém de analogia de raça, mas ùnicamente do trabalho de uma quarta raça que vive entre as outras, sem com elas se confundir.

"Entre as nações modernas de pouca memória, o povo judeu é o último representante da antiga civilização oriental. Herdeiro das tradições bíblicas, invoca fervorosamente a realização das calamidades profetizadas há tantos séculos. Desprezado ou temido, continua sendo o eterno estrangeiro. Chega, sem ser chamado e, até quando o expulsam, consegue ficar. Dispersa-se e todavia é coerente. Encrava-se nas nações. Cria leis aquém e além das leis. Nega a pátria, mas tem a sua que o acompanha e com êle se estabelece. Nega o Deus dos outros povos e, em tôda parte, reedifica o seu tempo. Queixa-se do seu isolamento e, por vias misteriosas, reúne as partes da nova

Jerusalém que cobre o universo. Tem em tôda parte laços e relações, o que explica como o capital e a imprensa, concentrados nas suas mãos, podem servir, em tôdas as regiões do mundo, os mesmos intuitos e os interêsses da raça, que são idênticos nas aldeias mais remotas como em Nova York, se glorifica alguém, êste é glorificado pelo mundo inteiro e, se deseja arruiná-lo, a obra de extermínio procede, como se uma única mão a dirigisse.

"As ordens partem da treva misteriosa. O espírito judeu conserva fanàticamente, no judaísmo, o que despreza e aniquila nos outros povos. Se costuma ensinar aos outros a revolta e a anarquia, sabe obedecer admiràvelmente aos seus chefes invisíveis.

"No tempo da revolução turca, um judeu dizia orgulhosamente a meu pai: "Somos nós que a promovemos, nós, os jovens turcos, os judeus". Na época da revolução portuguesa, ouvi do marquês de Vasconcelos, embaixador português em Roma: "Os judeus e os maçons dirigem a revolução de Lisboa". Agora que a maior parte da Europa está entregue à revolução, êles desenvolvem por tôda parte, o movimento, em obediência a um plano único. Como conseguiram dissimular êsse plano, que abrange o mundo e não é obra de poucos meses ou de poucos anos? Abrigando-se atrás dos naturais de cada país, frívolos, cegos, venais, perversos ou tolos, que lhes serviram de anteparo e ignoravam tudo. E agiam então, em segurança, os agitadores terríveis, os filhos da raça que sabe guardar o segrêdo.

"Eis porque nenhum dêles atraiçoou os outros". [1]

Mas o movimento bolchevista tem uma significação mais profunda. Contém a idéia predominante de tôdas as revoluções, a partir de 1789: destruição da civilização atual.

"O intuito final da revolução mundial não é o socialismo, nem o próprio comunismo; não é a transformação do sistema econômico presente, nem a ruína da civilização, sob o ponto de vista material. A revolução desejada pelos chefes é moral e

(1) Cecília de Tormay — *O livro proscrito*, pág. 135. Edição Plon.

espiritual; é uma anarquia de idéias, em virtude da qual ruirão tôdas as bases estabelecidas há dezenove séculos, serão espezinhadas tôdas as tradições veneradas e, mais do que tudo, deverá ser obliterada a idéia cristã". ([1])

E' a luta entre duas diferentes concepções do mundo: a judaica e a cristã.

"O pensamento recôndito de Moscou parece ser êste: Observando há vinte séculos a doutrina de Cristo, a humanidade seguiu um caminho errado. Já é tempo de reparar êsse êrro de direção, criando uma moral e uma civilização novas, baseadas em princípios muito diversos. Julgo que foi esta a idéia que os chefes comunistas quizeram simbolizar, quando, há alguns meses, propuseram que se erigisse, em Moscou, uma estátua a Judas Iscarioth, êsse homem de bem tão mal apreciado, que se enforcou, não, como estùpidamente se acredita, de arrependimento por ter traído o mestre, mas de desespêro, coitado, de pena da humanidade, que pagaria com inúmeros males o caminho errado que se dispunha a seguir". ([2])

Transcrevemos a circular comunista que ilustra êste ponto:

"Nos nossos decretos, ficou definitivamente assentado que a religião é assunto individual e particular; mas, desde que os oportunistas parecem crer que estas declarações significam a adoção, por parte do Estado, da política dos braços cruzados, os revolucionários marxistas reconhecem como dever do Estado a luta enérgica contra a religião, por meio de influências ideológicas (!) sôbre as massas proletárias".

A luta contra Deus desenvolveu-se com pertinácia feroz e ódio cruento e com o emprêgo dos meios mais degradantes, tais como:

Desmoralização sistemática da mocidade, pela propagação, nas escolas, dos mais baixos instintos;

([1]) Webster — *Associações secretas e movimentos subversivos* pág. 334.

([2]) J. e J. Hharaud — *Palestra sôbre Israel*, pág. 38.

Destruição organizada da família, pela abolição do matrimônio e pela socialização das mulheres;

Massacre do clero russo e transformação dos templos em tabernas e salas de dansa;

Cisão espiritual da Igreja, pela criação da Igreja viva, etc.

Notas cómicas apontam, às vezes, nessa tragédia sombria. Em 1923, Trotsky e Lounatcharsky presidiram, em Moscou, um comício organizado pela secção de propaganda do partido comunista, para julgar a Deus. Assistiam ao processo cinco mil homens do exército vermelho. Foram atribuidos ao acusado vários atos ignominiosos e, como tivera a ousadia de não comparecer, foi julgado em contumácia. ([1])

O bolchevismo é, portanto, a aplicação lógica, na Rússia, do plano a cujo desenvolvimento assiste o mundo, desde 1789. A essência é idêntica; vimos até agora a fase destrutiva, que assume formas diversas, conforme os países e as circunstâncias. O bolchevismo é a forma russa, ou melhor a forma aplicada à Rússia, visto que é russa, só porque se aplica à Rússia e são russos os que lhe sofrem as conseqüências.

Agora que podemos discernir mais claramente o que se passou naquele desventurado país, torna-se impressionante a profecia seguinte, extraída do livro de Copin Albancelli, *A conspiração judaica contra os povos*, publicado em 1909:

"Há um projeto de organização do mundo de que se fala muito, há vários anos, a favor do qual se desenvolve, entre as massas uma propaganda pertinaz e para a qual os nossos governantes nos impelem, numa progressão que procuram tornar insensível. Referimo-nos à organização socialista, coletivista que, mais do que tôdas se relaciona com o caráter, as aptidões e os meios de ação do povo judeu. Traz impressa a marca de fábrica dêsse moderno povo-rei, que a quer impor ao mundo cristão, porque só com ela o poderá dominar.

"Em lugar de assumir um aspecto militar ou político, a ditadura imposta pela raça judaica será financeira, industrial e comercial. E, por certo tempo, procurará dissimular-se quanto

([1]) *Ost express*, 30 de janeiro de 1923. *Berliner Tageblatt*, 1.° de maio de 1923. Veja-se os detalhes da luta bolchevista contra a religião em *The assault of Heaven* de A. Valentinoff.

lhe fôr possível. Os judeus dotaram o mundo comercial, industrial e financeiro da sociedade anônima, graças à qual conseguem disfarçar as suas enormes riquezas. Estenderão ao mundo inteiro o que estabeleceram na França: a sociedade anônima de exploração dos povos, denominada república, que servirá, para encobrir a sua realeza.

"Caminhamos, por conseguinte, para a república universal, porque só assim se poderá instaurar o reino judaico financeiro, industrial e comercial. Mas, sob a sua máscara republicana, essa realeza será muito mais despótica do que qualquer outra. Será exatamente análoga à do homem sôbre os animais. A raça judaica nos dominará pelas nossas necessidades. Apoiar-se-á numa polícia escolhida, forte e règiamente remunerada, disposta a tudo, como se prestam a tôdas as assinaturas os presidentes de repúblicas a que se concedem 1.200.000 francos e que são escolhidos especialmente para êsse fim. Fora dessa polícia, haverá apenas operários, engenheiros, diretores e administradores. Serão operários todos os humanos não-judeus. Os engenheiros, os diretores e os administradores serão, pelo contrário, os judeus; note-se que não dizemos: os judeus e os seus amigos, mas ùnicamente: os judeus; porque, então, os judeus não terão mais amigos e, em semelhante situação, procederão com acêrto, confiando sòmente nos da raça".

"Isto parece-nos impossível; e contudo, sucederá do modo mais natural, porque tudo será preparado nas trevas, como se preparou a revolução. Da maneira mais natural, engenheiros, diretores e administradores dirigirão o trabalho e a vida do rebanho humano; aliás, a reorganização do mundo que nós desordenámos só poderá ser operada pelos que, por tôda parte, tiverem acumulado a riqueza. Em virtude dessa situação privilegiada que deixámos estabelecer-se em seu proveito, só os judeus se encontrarão em condições de dirigir. Os povos impelem, com suas próprias mãos, a roda que os há de levar a êsse estado de cousas. Destruirão tudo o que não fôr o Estado, enquanto acreditarem que o Estado, êsse Estado, senhor de tudo, é representado por êles. Só cessarão de cooperar para a sua escravidão, no dia em que os judeus lhes disserem: "Perdão! Compreendestes mal. O Estado, êsse Estado possuidor de tôdas as cousas, não sois vós: somos nós!" Então tentarão recalcitrar. Mas será tarde e a sua revolta não impedirá nada, porque a destruição de tôdas as molas morais inutilizará também os recursos materiais. Os rebanhos não resistem aos cães amestrados a dirigi-los e armados de sólidas mandíbulas. Tôda a oposição do mundo trabalhador poderá consistir em se recusar ao trabalho. Os judeus não são tão tolos, que não o tenham previsto. Contarão com as suas provisões e os seus cães de guarda e encarregarão a fome de vencer as resistências. No último caso, lançarão contra as plebes, amotinadas mas inermes, os seus policiais tornados invencíveis, porque estarão munidos dos engenhos mais perfeitos para conter as multidões impotentes. Uma visão dessa invulnerabilidade oferecem-na já os combates das fôrças organizadas contra o povo.

"A França conheceu — e esqueceu — o regime do terror maçônico. Conhecerá, juntamente com o mundo, o regime do terror judeu". (1)

Vejamos alguns detalhes dêsse terror, na Rússia.

Comecemos pelo princípio.

Nos primeiros tempos, o terror vermelho era destinado especialmente ao extermínio da inteligência russa.

"Na expressão da Comissão comunista central, as comissões extraordinárias não são órgãos de justiça, mas de *extermínio implacável*.

"A comissão extraordinária *não é uma comissão de inquérito*, uma côrte de justiça ou um tribunal; determina, por si mesma, as suas atribuições. *E' um órgão de combate que opera na frente interior da guerra civil. Não julga o inimigo: extermina-o. Não perdoa ao que está do outro lado da barricada: esmaga-o.*

"Não nos custa imaginar como se deve realizar, na realidade, êsse *extermínio implacável*, quando, em lugar do *código morto das leis*, reina apenas a conciência e a experiência revolucionária. A conciência é subjetiva e a experiência cede forçosamente o lugar ao arbítrio que, segundo a qualidade dos países, pode assumir formas clamorosas.

"Não fazemos guerra às pessoas em particular, escreve Lat-

(1) Copin Albancelli — *A conspiração judaica contra os povos*. E. Vitte, Lyon, 1909; pág. 450.

sis, (1) no *Terror Vermelho* de 1.º de novembro de 1918. Exterminamos a burguesia, considerada como classe. Não procureis, por conseguinte, no inquérito, documentos ou provas de ações ou de palavras do acusado contrárias à autoridade soviética. A primeira pergunta que lhe deveis dirigir é a que classe pertence, qual é a sua origem, a sua educação, a sua instrução e a sua profissão". (2)

Com efeito, o comunismo só se sustentou pela generalização do terror e, afinal, as classes operárias e camponesas sofreram tanto como as outras. Iniciados os massacres, o extermínio procedeu a torto e a direito, para impor o regime, pelo terror geral. Um dos dirigentes soviéticos, que tem ao menos o mérito da franqueza, ousou escrever:

"Sim, sem dúvida, a vossa Rússia perece.

"Não existe mais em parte alguma, se é que já existiu, uma classe de população para a qual a vida seja mais pesada do que no nosso paraíso soviético... fazemos experiências sôbre o corpo vivo do povo — ah! leve-o o diabo! — exatamente como um estudante de primeiro ano *trabalha* sôbre o cadáver de um vagabundo, conseguido no teatro anatômico.

"Lêde bem as nossas duas constituições.

"Contêm, francamente expresso, que não é a união soviética nem as suas partes o que nos interessa, mas a luta contra o capitalismo mundial, à qual sempre sacrificámos tudo e continuamos a sacrificar-nos, nós mesmos e o país. (E' evidente que o sacrifício não se estende até aos Zinovief).

. . . .

"Aqui entre nós, onde somos senhores absolutos, não recea-mos ninguém.

"Devastado pelas guerras, pelas moléstias, pela morte, pela fome (meio perigoso mas esplêndido) mantido sob a perpétua ameaça da Tcheka e do exército, o país não ousa elevar o mínimo protesto.

"Muitas vezes, nós mesmos nos admiramos da sua paciência que tão célebre se tornou... Pode-se afirmar que não há, em tôda a Rússia, uma casa em que, desta ou daquela maneira, não tenhamos assassinado o pai, a mãe, um irmão, uma filha, um filho, um parente ou um amigo. Pois bem! Félix (Dzerjinsky) não se priva, por isto, de passear tranqüilamente, em Moscou, sem guardas e até de noite. Quando lhe proibimos semelhantes passeios, êle limita-se a rir desdenhosamente e responde "Por quê! Êles nunca ousarão, *pskrevi*" E tem razão; êles não ousam! Que estranho país!" (1)

(1) Latsis dirigia o terror na Ukrania.

(2) S. P. Melgounoy — *O terror vermelho na Rússia de 1918 a 1923*. Payot, 1927.

Mais do que uma estatística árida, servirá o testemunho seguinte, para dar uma idéia da proporção das matanças realizadas. Quando a comissão de inquérito Rohrberg penetrou em Kief, depois da tomada dessa cidade pelos voluntários, em 1919, encontrou a sala de execuções da Tcheka no estado seguinte:

"Todo o pavimento cimentado do grande armazém (sala de execução da Tcheka departamental de Kief) estava inundado de sangue. Êsse sangue já não corria; formava uma camada de algumas polegadas de espessura; era uma mistura horripilante de sangue, de miolos, de fragmentos de caixas cranianas, de cabelos e de outros restos humanos.

"As paredes estavam crivadas de milhares de balas, manchadas de sangue e salpicadas de pedaços de matéria cerebral e de tiras de couro cabeludo.

"Um canal de 25 cms. de largura sôbre 25 cms. de profundidade, medindo aproximadamente dez metros de comprimento, ia do centro do armazém a um local vizinho em que penetrava num escoadouro subterrâneo. Em tôda a sua extensão, êsse canal estava cheio de sangue até às orlas...

"... Ordinàriamente, logo depois do massacre, os corpos eram transportados para fora da cidade e sepultados ao lado da cova citada; num ângulo do jardim, descobrimos outra cova mais antiga, contendo aproximadamente oitenta cadáveres, sôbre os quais descobrimos os vestígios das sevícias e das mutilações mais diversas e mais inimagináveis. A muitos corpos haviam sido arrancadas as entranhas, a outros faltavam alguns membros, outros ainda estavam literalmente esquartejados. Alguns tinham os olhos furados, a cabeça, o rosto e o tronco crivados de feri-

(1) Carta de Boukarine a Britan. *Revue Universelle*, 1.º de maio de 1928.

mentos penetrantes. Encontrámos mais adiante um cadáver com um ponção enterrado no peito. Outros não tinham mais língua e, a um canto da cova, demos com uma regular quantidade de braços e pernas separados do tronco..." (¹)

Não possuimos documentos que permitam avaliar exatamente o número total das vítimas; os algarismos divulgados excedem o que se pode imaginar.

O professor Saroléa insere no jornal de Edimburgo, o *Scotsman*, de 7 de novembro de 1923 os totais seguintes: (²)

28 bispos, 1.219 sacerdotes, 6.000 professores primários e secundários, 9.000 doutores, 54.000 oficiais, 260.000 soldados, 70.000 policiais, 12.950 proprietários, 355.250 intelectuais e profissionais, 193.290 operários, 815.000 camponeses.

Num estudo sôbre o terror russo, a comissão de inquérito de Denikine sôbre as manobras dos bolchevistas, durante o período de 1918-1919, registou 1.700.000 vítimas.

Um cálculo teórico foi feito igualmente por Ev. Komnine, no *Roul* (3, VIII, 1923).

"No inverno de 1920, a U. R. S. S. compreendia 52 governos, com 52 comissões extraordinárias (Tchekas), 52 secções especiais, 52 tribunais revolucionários, além de incontáveis "Erte-Tchekas", Tchekas das rêdes dos transportes, tribunais dos caminhos de ferro, tribunais das tropas da segurança interior, tribunais ambulantes, enviados de um lugar para outro, para as execuções colectivas. A esta lista é preciso acrescentar as secções especiais, 16 tribunais do exército e das divisões. Devemos, pois, calcular mil câmaras de tortura e, se considerarmos que havia ainda Tchekas secundárias, o seu número só pode ser maior.

"Mais tarde, a lista de governos da U. R. S. S. aumentou: a Sibéria, a Criméia, o Extremo-Oriente foram conquistados e o número de Tchekas cresceu em progressão geométrica.

"Pelos dados soviéticos (em 1920 o terror não decrescera

(¹) Veja-se: S. P. Melgounov — *O Terror vermelho na Rússia*, pág. 161.
(²) Algarismos oficiais publicados em tôda parte.

e ainda não haviam sido reduzidas as informações relativas aos massacres) podia-se estabelecer um total médio diário para cada tribunal: de cincoenta execuções, nos grandes centros, a cem, nas últimas regiões conquistadas pelo exército vermelho. As crises de terror eram periódicas, separadas por intervalos, de modo que podemos calcular a média modesta de 5 vítimas diárias, que, multiplicados pelos mil tribunais, dá 5.000 e, num ano, cêrca de 1.500.000". (¹)

Por mais incríveis que pareçam êsses algarismos, as três citações, provenientes de fontes diversas, concordam bastante e devem conter uma grande parte de verdade.

O Terror vermelho atingiu a tais proporções, que não é possível inserir nestas páginas os detalhes exatos dos principais meios empregados pela Tcheka, (²) para dominar as resistências; um dos mais usados foi o dos reféns escolhidos entre tôdas as categorias sociais e que, considerados responsáveis de todo movimento anti-bolchevista (revolta, exército branco, greves, recusa de entrega das colheitas das aldeias, etc.) eram imediatamente executados.

Assim, após o assassínio do judeu Ouritzky, membro da comissão extraordinária de Petrogrado, diversos milhares de reféns foram mortos e muitas vezes supliciados, pois muitos dêsses infelizes, homens e mulheres, suportaram, antes de morrer, as torturas mais diversas aplicadas friamente nos redutos da Tcheka.

"Tenho à vista fotografias tiradas em Kharkoff, na presença das missões aliadas, logo depois dos vermelhos se haverem retirado da cidade. E' uma série horrorosa de reproduções; cito algumas:

"Corpos de três operários, detidos como reféns de uma fábrica grevista. Um dêles tem os olhos queimados, o nariz e os lábios cortados; aos outros dois faltam as mãos.

"Os corpos dos reféns J. Afaniasiouk e P. Prokpovitch, modestos proprietários rurais, a que os algozes arrancaram a

(¹) S. P. Melgounov — Obra citada, pág. 104.
(²) Substituída atualmente pelo Guépeou. G.P.U.

pele. J. Afaniasiouk apresenta também numerosas queimaduras produzidas pela lâmina de um sabre candente.

"Corpo do sr. Bobrof, antigo oficial, a quem foi cortada a língua e uma das mãos e arrancada a pele, ao longo da perna esquerda.

"Epiderme humana arrancada das mãos de várias vítimas, com o auxílio de um pente metálico. Êste sinistro achado resultou de uma minuciosa inspeção operada na adega da comissão extraordinária de Kharkoff.

"Corpos mutilados e queimados de mulheres retidas como reféns: S. Ivanova, proprietária de uma mercearia, sra. A. I. Carolskaja, espôsa de um coronel e sra. Kholopova, proprietária.

"Corpos de quatro reféns camponeses, Bondarenko, Pookhik, Levenetz e Sidorfchouk com as faces horrendamente mutiladas e submetidos por carrascos chineses a uma operação absolutamente desconhecida dos médicos europeus, e que, na opinião dêstes, deve constituir uma tortura atroz.

"E' impossível enumerar tôdas as formas de selvageria assumidas pelo terror; um volume seria insufiente.

"A Tcheka de Kharkoff, por exemplo, especializara-se em arrancar a pele às vítimas, especialmente a epiderme das mãos, que lhes era tirada como uma luva... Em Voronège, introduziam os supliciados nus em um tonel guarnecido de pregos e punham-no em movimento. Marcavam-lhes a testa com uma estrêla de cinco pontas de ferro em braza: em Tsaritsine e Kamichine, serravam-lhes os ossos... em Kiev, fechavam-nos em caixões contendo cadáveres em decomposição, disparavam alguns tiros acima dos desventurados, anunciando-lhes que iam ser enterrados vivos; enterravam o caixão e, meia hora depois, tornavam-no a abrir, para proceder ao interrogatório dos infelizes. Não admira que muitos dêstes tenham enlouquecido". (1)

Não esqueçamos que, a 17 de julho de 1919, em Iekaterinenbourg, por ordem da Tcheka — ordem enviada pelo judeu Sverdloff de Moscou — a comissão de execução, chefiada pelo judeu Yourowsky, assassinou a tiros de revólver e à baioneta,

(1) S. P. Melgounov — Obra citada, págs. 164-165.

o Tzar, a Tzarina, o Tzarevitch, as quatro Princesas imperiais, o Dr. Botkine, dois criados e o cozinheiro.

Os membros da família imperial mais próximos ao trono foram assassinados, na noite seguinte. Os grãos-duques Mikhailovitch, Constantinovitch, Constantino Constantinovitch, Igor Constantinovitch, Wladimir Paley e a gran-duquesa Elisabeth Feodorovna foram atirados ao fundo de um poço, na Sibéria.

O grão-duque Michel Alexandrovitch foi assassinado, em Perm, com tôdas as pessoas do seu séquito. (2)

Os fatos confirmaram esta previsão de Dostoiewsky:

"Acode-me, às vezes, à idéia uma fantasia. Que aconteceria na Rússia, se, ao contrário do que é, fôsse povoada por oitenta milhões de judeus e três milhões de russos?

"Que sucederia a esses russos e como seriam tratados? Conceder-lhes-iam os mesmos direitos? Dar-lhes-iam liberdade de crença? Não os tornariam simplesmente escravos, ou ainda mais simplesmente: não lhes arrancariam a pele? Não os massacrariam os judeus, até ao extermínio completo, como fizeram aos outros povos da antiguidade, nos tempos remotos da sua história?"

Que acontecerá agora à Rússia?

A situação atual é esta:

O bolchevismo, como agente de destruição, cumpriu a sua missão. A sua própria violência não lhe permitiria durar eternamente. Já é tempo de passar progressivamente a uma forma de govêrno estável, do gênero da República Francesa, forma cômoda entre tôdas, porque, encobrindo os verdadeiros dirigentes, proporcionaria ao judaísmo a sua instalação definitiva na Rússia e o aproveitamento completo da vitória obtida pelo bolchevismo sôbre o povo russo.

Mas os chefes soviéticos, arrastados pelo seu fanatismo, excederam-se com o inconveniente de revelar os mistérios do jôgo. Deixaram perceber que a revolução mundial é, em grande parte, um movimento artificial, resultante de uma conspira-

(2) Veja-se: Nicolas Sokoloff — *O inquérito judicial sôbre o assassínio da família imperial*, Payot, 1924.

ção dirigida principalmente por judeus. E o comunismo só se pode manter, na Rússia, por meio do terror.

O judaísmo mundial e os governos maçônicos (o da França, por exemplo) reprovam aparentemente o bolchevismo condenando os seus excessos impopulares; mas, na realidade, favorecem-no e prolongam a sua duração, até encontrarem um meio que lhe permita evoluir, para uma forma de govêrno mais durável.

Se caisse atualmente, a reação seria tal, que não é provável que a judeu-maçonaria, a-pesar-de todo o seu poder, conseguisse impedir o restabelecimento de uma Rússia nacional e religiosa, governada por um chefe monárquico, investido de poder absoluto. Seria tamanha catástrofe para a Maçonaria, que esta fará o impossível, para a evitar, porque o mundo conheceria, então, com profundo horror, o que foi realmente o bolchevismo.

Os verdadeiros autores da revolução e os seus intuitos apareceriam, pela primeira vez, sob o seu aspecto real; e essa revelação marcaria o fim das ilusões democráticas, socialistas e outras semelhantes.

Definitivamente interdita à Maçonaria, aos judeus e aos revolucionários internacionais, podendo, graças aos seus recursos naturais, suprir as suas necessidades, sem passar sob as forcas caudinas da alta finança judia, a Rússia se tornaria o ponto de apôio de todos os elementos contra-revolucionários mundiais, que, em lugar de lutar, às cegas, com um inimigo subterrâneo e invisível dirigiriam cientemente os seus golpes. Seria, sem dúvida, o princípio de uma nova orientação geral do mundo, que o afastaria do declive revolucionário para o qual desliza, desde 1789.

"Ocorre-nos, involuntàriamente, esta pergunta:

"Como pode o mundo civilizado suportar que êsse estado de cousas reine sôbre a sexta parte do globo? Se houvesse ainda, na Rússia, um govêrno monárquico, é supérfluo dizer que ninguém o admitiria. Assistiríamos a interpelações clamorosas nos parlamentos dos dois hemisférios, a protestos inflamados de tôdas as ligas dos "Direitos do Homem" e dos jornais indignados, a um acôrdo rápido e unânime de tôdas as classes sociais e a uma série de medidas nacionais, econômicas, diplomáticas e militares, tendentes ao extermínio de semelhante peste. Mas a democracia atual considera-a muito menos importante do que um resfriado de Mac Donald ou uma contusão do nariz de Carpentier.

"E, se bem que a burguesia ocidental saiba perfeitamente que a potência soviética é uma inimiga irreconciliável, com a qual não é possível nenhum acôrdo, que, aliás, seria inútil, pois, econômicamente, a Rússia é um cadáver, o *flirt* com o *Komintern* continua e ameaça transformar-se num longo romance.

"A esta pergunta só há uma resposta:

"O judaísmo internacional ([1]) que, na Europa ocidental, dirige o poder político, tão sòlidamente como os bolchevistas judeus dirigem a Rússia, faz tudo o que está ao seu alcance, para retardar, quanto possível, a queda do bolchevismo". ([2])

OS JUDEUS E O SOCIALISMO

Prolongámos a descrição do bolchevismo, porque êste demonstrou claramente a ação revolucionária dos judeus; esta demonstração resultou do fato da revolução ser violenta; mas, embora menos aparentemente, os judeus são também os chefes do socialismo revolucionário, sob tôdas as formas que apresenta no mundo inteiro.

"Relativamente aos judeus, a sua ação, no socialismo mundial é tão importante, que não pode ser esquecida. Se mencionarmos os grandes revolucionários judeus dos séculos XIX e XX, os Karl Marx, os Lasalle, os Kurt Eisner, os Bela Kun, os Trotsky, os Léon Blum, teremos indicado todos os nomes dos teóricos do socialismo moderno. Se não podemos considerar o bolchevismo, no seu todo, como uma criação judia, é indiscutível que os judeus forneceram vários chefes ao movimento maximalista em que, efetivamente, desempenharam um papel considerável.

"A mais clamorosa confirmação das tendências comunistas dos judeus, independentemente de tôda colaboração a favor de organizações partidárias, é a aversão profunda de um grande judeu, de um grande poeta, Henrique Heine, pelo direito romano! As causas subjetivas e sentimentais da revolta de Rabbi

([1]) **Ou a Maçonaria, sua aliada.**

([2]) *Weltkampf*; **Munich, julho de 1924.**

Aqiba e de bar Kocheba, no ano 70 do era cristã, contra a *Pax Romana* e o *Jus Romanus*, compreendidas e sentidas, subjetiva e apaixonadamente, por um judeu do século XIX que, na aparência, nada ligava à sua raça!

"E os revolucionários e os comunistas judeus que lutam contra o princípio da propriedade particular, cujo monumento mais sólido é o *Codex Juris Civilis* de Justiniano, de Vulfiano, etc. imitam apenas os seus antepassados que resistiam a Vespasiano e a Tito.

"São, na realidade, "os mortos que falam". (1)

Os judeus foram os criadores do socialismo. O grande profeta da idéia coletivista, o fundador da internacional, Karl Marx, é judeu; seu verdadeiro nome é Mordecnai. São judeus os chefes atuais do movimento, como os capitais que o subvencionam, o que explica, talvez, a abundância ilimitada dos recursos socialistas. Na França, o jornal *L'Humanité*, foi fundado com dinheiro judeu.

O mesmo aconteceu com a maior parte dos órgãos socialistas do mundo.

Na Inglaterra,

"a influência judaica evidente na atividade bolchevista, não é menos aparente, na sua forma mais moderada; o socialismo". (2)

Aliás, ninguém é mais afirmativo, relativamente à influência judaica no socialismo, do que um dos maiores escritores do judaísmo, Alfredo Nossig (3) que, no seu livro, "O Judaísmo integral" *(Integrales Judentum)* declara textualmente:

(1) Kadmi — Cohen — *Nômades*. F. Alcan, 1929; pág. 86.

(2) Webster — *Associações secretas, etc.*, pág. 387.

(3) O Dr. Alfredo Nossig era, em 1926, secretário geral de uma liga internacional para a aproximação dos povos. Fundada a 2 de setembro de 1926, em Genebra sob a presidência do então ministro Emílio Borel, esta liga publicou um manifesto assinado pelos representantes oficiais de 24 países europeus e endereçado a todos os povos da Europa. Entre os seus membros, contava-se o Dr. Stressemann. (Informações provenientes do *Westsälicher Merkur*, jornal de Münster; n.° 45, de 6 de outubro de 1926, que reproduz o manifesto).

"68. O socialismo e o mosaísmo não são programas opostos. Há, pelo contrário, entre os princípios fundamentais das duas doutrinas, uma concordância impressionante. O nacionalismo judeu não deve desviar-se do socialismo, como de um perigo ameaçador para o seu ideal, e o socialismo judeu não deve afastar-se do mosaísmo. As duas idéias paralelas se realizarão no mesmo terreno.

"71. Do exame dos fatos resulta, de modo irrefutável, que não sòmente os judeus modernos cooperaram, de maneira decisiva, para a criação do socialismo, mas os seus antepassados já eram os fundadores do mosaísmo... em outros termos, o mosaísmo é o socialismo, desembaraçado das utopias e do terror do comunismo e da acese cristã.

"A sementeira do mosaísmo operou, através dos séculos, como doutrina e lei; uns sentiram-na concientemente, outros sofreram-na inconcientemente.

"74. O movimento socialista moderno é, na sua maior parte, obra dos judeus que lhe impuseram o estigma do seu cérebro e também tiveram parte preponderante, na direção das primeiras repúblicas socialistas; entretanto, quasi todos os socialistas judeus governantes estavam afastados do judaísmo; a-pesar-disto, a sua ação não dependeu só dêles. Inconcientemente, obedeceram ao princípio eugenético do mosaísmo; o sangue do antigo povo apostólico vivia no seu cérebro e no seu temperamento social.

"O socialismo mundial da atualidade forma a primeira fase da aplicação do mosaísmo, o princípio da realização do estado futuro do mundo, anunciado pelos nossos profetas. (1).

"79. Só quando existir uma liga das nações, só quando os seus exércitos aliados agirem eficazmente, para a proteção de todos os fracos, poderemos esperar que os judeus consigam desenvolver, sem obstáculos, o seu estado nacional na Palestina; e só uma liga das nações impregnada do espírito socialista nos proporcionará a posse das nossas necessidades nacionais e internacionais.

(1) Grifado por nós.

"Eis a razão pela qual todos os grupos judeus, sionistas ou adeptos da Diáspora, têm um interêsse vital na vitória do socialismo; devem exigí-lo, não só por convicção, não só pela sua identidade com o mosaísmo, mas também como princípio tático. (1)

"87. Acusa-se também o judeu socialista de exercer um papel primordial, não só no partido coletivista, mas no próprio partido comunista terrorista, fato que todos os judeus devem lamentar, porque, como verdadeiros mosaístas, reprovam o terror e que só se pode explicar por duas razões: o completo afastamento dos terroristas do espírito mosaico e a forte mistura de sangue tártaro e cossaco. Esta última razão não impediu que os dissidentes da raça judaica se elevassem no ideal socialista, mas inculcou-lhes princípios selvagens e cruéis".

Acabamos de ver a ação preponderante do judaísmo no movimento revolucionário moderno; bolchevismo, socialismo, etc. Examinemos agora o sentido da influência judaica, no mundo em geral e nos diferentes ramos da atividade humana.

A INFLUÊNCIA JUDAICA NO MUNDO

No mundo inteiro e em todos os ramos, a atividade judaica desenvolve-se, conciente ou inconcientemente, em um sentido revolucionário, destruidor da civilização cristã. Os dois extremos do judaísmo — na base, os revolucionários, socialistas ou bolchevistas, no vértice, a alta finança — colaboram para o mesmo fim.

Conciente ou inconcientemente, dissemos. Há, com efeito, uma diferença radical entre as duas concepções da existência, a judaica que confere imenso valor à vida terrestre (o reino de Deus sôbre a terra) e repele a esperança de uma vida futura, e a cristã que se baseia exatamente sôbre o inverso da primeira. Admitindo ou repelindo a hipótese de uma conspiração judaica mundial, resta sempre o fato de que, a partir de 1789 a concepção judaica tende a dominar a concepção cristã que, até então, prevalecera; e o materialismo geral que dela resulta tem

(1) Grifado por nós.

como conseqüência lógica o ateísmo, o socialismo e a anarquia universal de que sofremos.

A questão judaica é, em primeiro lugar, uma questão de salvaguarda da nossa civilização e da nossa cultura e da transformação da face do mundo.

"Sem que nós, os Arianos, o percebamos, o idealismo próprio da nossa raça, êsse idealismo que, durante séculos, se entusiasmou por tudo o que é belo e nobre, pela sinceridade, pela lealdade, pelo direito, pelo dever, pela confiança, é irredutivelmente impelido pela sedutora concepção judaica, para um materialismo cínico e sem escrúpulos" que encontra a sua expressão política na república judeu-maçônica, atéia e universal.

A propagação do ideal judaico causa, por conseguinte, a nossa destruição. Ora, para difundí-lo e aplicá-lo, o judaísmo dispõe de duas armas principais: o dinheiro e a imprensa, graças às quais dirige e intervém em tudo o que opera na opinião pública e tem, no mundo, uma influência subversiva: maçonaria, socialismo, comunismo, teosofia, teatro, cinema, agência de informações, telegrafia sem fios, educação, etc. Influe sôbre a maior parte dos governos, quer diretamente, pela maçonaria, quer indiretamente, pelos judeus escolhidos e naturais de cada país, que cercam e dirigem os Chefes de Estado e os políticos influentes, como aconteceu na conferência da paz.

Eis alguns dados que servirão para definir êsses diversos pontos.

OS JUDEUS E A VIDA ECONÔMICA

Não trataremos, nestas páginas, do talento comercial e financeiro dos judeus que é universalmente conhecido. (1)

Foram êles os inventores dos modernos métodos comerciais e são atualmente os reis da finança. Todos os países em que predomina a sua influência desenvolvem uma intensa atividade econômica, mas muito caro lhes custa esta vantagem

(1) Consulte-se especialmente: Sombart — *Os judeus e a vida econômica*. Payot.

material. Ninguém tem direito de censurar o sucesso econômico dos judeus; todavia, é lícito examinar os meios que utilizam para o conseguirem e principalmente o uso que fazem do seu poderio financeiro.

O ouro é um instrumento de poder e serve para o bem e para o mal. Até a esta época, os judeus o empregaram num sentido útil à raça judaica e nociva a tôdas as outras. Esta é a questão.

Para nós, cristãos ocidentais, a influência judaica, no terreno econômico, é prejudicial, por três motivos:

Pela difusão, no mundo, da mentalidade judia do ouro.

Pela maneira de adquirir êsse ouro.

Pelo destino que lhe dão.

A mentalidade judia do ouro tem uma base religiosa, porque:

"O caráter principal da religião hebraica consiste em não cogitar da vida futura e ser, única e essencialmente, uma religião terrestre. (1)

"O homem só pode sentir o bem e o mal neste mundo; se Deus o quiser punir ou recompensar, só pode ser durante a vida. Logo, é na terra que o justo deve prosperar e o ímpio sofrer". (2)

Portanto, a religião hebraica considera a riqueza o bem supremo e o dinheiro é, para o judeu, a meta da vida.

"E' inútil insistir sôbre as diferenças que origina esta oposição entre as duas diversas maneiras de ver do cristão piedoso e do judeu, no que se refere a aquisição da riqueza. Geralmente, se o primeiro se tornou culpado de usura, chega à hora da morte alanceado pelo remorso e renuncia, muitas vezes, a tudo o que possue, porque o dinheiro mal adquirido lhe pesa na conciência; o segundo, pelo contrário, chegando ao fim da vida, contempla com satisfação os seus cofres e as suas arcas repletas, em que se acumularam os sequins usurpados aos pobres cristãos e aos pobres muçulmanos; e o seu coração

(1) Werner Sombart — *Os judeus e a vida econômica*, pág. 291

(2) W. Sombart — Obra citada, pág. 277.

piedoso pode alegrar-se com êsse espetáculo, pois cada sôldo de juro que acumulou foi como um sacrifício oferecido ao seu Deus". (1)

Hoje, essa mentalidade do ouro difunde-se pelo mundo, dando origem a um materialismo geral, a uma insensibilidade responsável em parte pelo ódio de classe que é um dos elementos destrutores da nossa época. (2)

E' o mecanismo e o mercantilismo brutal, sem nenhuma compensação moral que lhe possa atenuar os danos.

Já em 1873, Dostoiewsky registara-o neste trecho quasi profético: (3)

"O seu reinado é iminente; um reinado completo. Aproxima-se a vitória dos princípios perante os quais emudecem os ideais de humanidade, o desejo da verdade, os sentimentos cristãos, nacionais e de orgulho popular dos povos europeus.

"Reinará, pelo contrário, o materialismo, a cobiça cega e rapace do bem estar material e pessoal, a ambição de acumular dinheiro por todos os meios; eis o que será considerado um fim superior, como a razão, como a liberdade, e substituirá o ideal cristão da mais íntima união moral e fraterna entre os homens.

"O que dizemos provocará riso e a observação de que nem todo o mal deriva dos judeus. Acaso o falecido James de Rothschild era um homem mau? Mas nós nos referimos ao todo e aos seus intuitos, falamos do judaísmo e do ideal judaico que monopolizou o mundo, em detrimento do cristianismo malogrado.

(1) Werner Sombart — Obra citada, pág. 286.

(2) "Julgo útil notar que o banqueiro judeu inglês o célebre David Ricardo filho de um banqueiro judeu holandês, estabelecido em Londres em fins do século XVIII, foi o inventor e o teórico da concepção ùnicamente econômica do mundo que hoje predomina quasi em tôda parte. O mercantilismo político atual — os negócios acima de tudo, os negócios considerados com o fim supremo dos esforços humanos provém diretamente de Ricardo". G. Batault — *O problema Judeu*, pág. 40.

(3) F. Dostoiewsky — *Diário de um escritor*, 1873-1876-1877. Edições Bossard.

"Sucederá o que agora ninguém imagina sequer. Todos êsses parlamentares, essas teorias cívis em que hoje se acredita, essas acumulações de riquezas, os bancos, as ciências e tôdas as cousas ruirão num átimo, sem deixar vestígios, salvo os judeus que saberão proceder de modo que a catástrofe se tenha dado em seu proveito. Tudo isto está iminente; direi: perto da porta.

"Sim, a vossa Europa está em vésperas de demoronar, de uma queda universal, geral e terrível...

"Todos êsses Bismarcks, êsses Beaconsfields, a República francesa, Gambetta e outros são, para mim, meras aparências. Quem os maneja, como a tudo o mais, como a tôda a Europa, são os judeus e os seus bancos.

"Virá o dia em que estes pronunciarão o seu veto e Bismarck será varrido como uma palha. Atualmente o judaísmo e os seus bancos dominam tudo: o Europa, a instrução, a civilização e o socialismo; particularmente o socialismo, porque, com o concurso dêste, conseguirão cortar pela raiz o cristianismo e destruir a cultura cristã.

"E, se de tudo isto só resultar a anarquia, à frente de tudo aparecerá então o judeu; porque, embora propague o socialismo, saberá com os seus irmãos de raça conservar-se fora dêle e, no meio da rapina geral da Europa, só o banco judeu prosperará".

Logo, o capitalismo não é ùnicamente um problema econômico; é antes de tudo um problema espiritual, o problema da alma européia.

Em conclusão, a mentalidade judaica do ouro, que já em si nos é prejudicial, avassalou-nos. Mas a influência judaica é ainda mais nociva pelas outras duas razões: o modo de adquirir e de empregar o seu ouro.

Os judeus foram sempre acusados de parasitismo, de não adquirirem a riqueza pela produção, mas pela exploração dos bens alheios. Foi um judeu quem disse:

"As guerras e as revoluções são as searas dos judeus".

Não é uma descoberta recente. Leia-se o que referia o relatório oficial do barão Malouet ao Sr. de Sartine, sôbre as reclamações dos judeus portugueses, em 1776:

"Nenhum viajante jamais conseguiu ver um canto de terra lavrado pelos judeus, uma manufatura criada ou servida por êles. Em todos os lugares onde penetraram, entregaram-se exclusivamente ao ofício de corretor, de adelo e de usurário e os mais ricos tornaram-se, depois, negociantes, armadores e banqueiros.

"O rei da Prússia tentou fixá-los nos seus estados e torná-los cidadãos; teve de renunciar ao seu projeto, quando viu que só conseguiria multiplicar a classe dos revendedores e dos usurários.

"Diversos príncipes da Alemanha e barões imediatos do Império atraíram-nos para as suas terras, na esperança de obterem vantagens para o seu comércio; mas a agiotagem e a usura dos judeus não tardaram a empobrecer êsse pequenos países, monopolizando a maior parte da moeda em circulação".

Vejamos o que nos relata Werner Sombart:

"Já é tempo de acabar, de uma vez, com a lenda segundo a qual, na Idade-Média européia e principalmente "depois das Cruzadas", os judeus viram-se obrigados a exercer a usura, porque tôdas as outras profissões lhes eram proibidas. A história bi-milenária da usura judaica, anterior à Idade-Média, basta para desmentir essa construção histórica. Mas, ainda no que concerne à Idade-Média e os tempos modernos, as afirmações da historiografia oficiosa não correspondem à realidade dos fatos. E' falso que todos os meios de vida em geral fôssem interditos aos judeus, na Idade-Média e nos tempos modernos, o que todavia não impediu que se entregassem, de preferência à ocupação de emprestar dinheiro sob penhor. E' o que Bucher demonstrou, em relação a Francfort sôbre o Meno, e que fàcilmente se pode provar acêrca de muitas outras cidades e países.

"O que evidencia irrefutàvelmente a tendência dos judeus ao ofício de usurários, na Idade-Média e em épocas posteriores, é o insucesso das tentativas dos governos, no sentido de orientá-los para outra ocupação". [1]

[1] Werner Sombart — Obra citada, pág. 401.

Hoje, as suas operações assumiram proporções mais vastas; em lugar de emprestar aos particulares, emprestam muitas vezes aos governos e aos estados, mas o princípio não mudou. Os judeus não são produtores; são financeiros internacionais; ora, o produtor é um conservador, os financeiros não o são.

Finalmente, os judeus exercem sôbre nós uma influência maléfica, com o uso que fazem do seu ouro.

As grandes emprêsas tornam-se, cada vez mais, internacionais e interessam a política que, muitas vezes, dominam, mais em proveito próprio do que em benefício do país. O dinheiro perde, então, a sua significação habitual; torna-se uma fôrça, um meio, um instrumento de poder e de domínio: é o caso da alta finança judaica que é, em primeiro lugar, onipotente e, secundàriamente, está coordenada no mundo inteiro e serve os interêsses judeus, em detrimento dos outros. A sua fôrça reside na sua organização e no seu internacionalismo.

Não se trata, aqui, do êxito individual dos bancos judeus que têm, como os outros, direitos que ninguém contesta; o que nos preocupa é a existência dêsse sistema internacional de bancos que não são ingleses nem alemães ou franceses e sim judeus e todos ligados entre si. Não é a importância e o capital dos bancos isolados, mas a importância e a riqueza do conjunto que formam a fôrça do sistema.

Num momento de expansão, Walter Rathenau declarou um dia:

"Trezentos homens dirigem os destinos econômicos do continente; todos se conhecem e escolhem os seus sucessores entre os que os rodeiam. Não cabe, aquí, o exame das causas singulares dêste singular estado de cousas que projeta uma luz intensa, na treva do futuro social".

E' certo que semelhante organização constitue uma fôrça poderosa, que pode ser utilizada para o bem e para o mal. Até a esta data, foi usada para benefício da raça judaica e em prejuízo de tôdas as outras.

Essas fôrças não ambicionam a notoriedade, contentam-se, habitualmente, com dirigir de longe, pelo trâmite dos seus bancos e dos seus representantes e o mundo não as conhece. Quando é necessário, surgem sùbitamente e, logo tornam a desaparecer. Uma prova recente do que asserimos foi a conferência da paz

em Versailles, em que a preponderância das influências judaicas foi uma das circunstâncias mais impressionantes, como refere E. J. Dillon:

"Pode parecer extraordinário a alguns dos meus leitores; todavia, é exato que um número considerável de delegados estavam convencidos de que eram semíticas as verdadeiras influências que agiam entre os povos anglo-saxônios, e resumiam a sua opinião nesta fórmula: "Dora em diante, o mundo será governado pelos anglo-saxônios, dominados, por sua vez, pelos seus elementos judeus". (1)

Antes de concluir, digamos algumas palavras acêrca de um fato inquietante: a misteriosa simpatia das diversas internacionais pela Alemanha. Devemos ver, nas linhas seguintes, a sua explicação:

"Depois da guerra, a Alemanha americaniza-se; cultiva a penetração americana.

"A êsse fetichismo, contrário à índole e à história do país, o tradicionalismo dos conservadores e dos nacionalistas alemães só pode opôr uma surda reação. O domínio financeiro e intelectual passou inteiramente para as mãos dos israelitas que constituem, na atualidade, o elemento ativo que caracteriza a vida alemã". (2)

Logo, a alta finança judaica é, agora, onipotente e serve os interêsses judeus. Ninguém lhe pode negar justamente êsse direito; mas nós também temos o de nos insurgirmos contra êsse domínio estrangeiro. Porque o ouro é uma das armas de Israel, uma arma de poder incalculável, a única a que se submete essoutra fôrça que o povo eleito sabe utilizar tão bem: a imprensa.

Examinemos, portanto, a sua influência sôbre essa grande fôrça, sôbre a imprensa.

(1) Dr. E. J. Dillon — *The inside story of the peace conference*, págs. 496-497.

(2) Artigo de Corrado Alvaro em *Itália Literária*; trecho reproduzido pelo *Figaro* de 2 de setembro de 1929.

OS JUDEUS E A IMPRENSA

O poder da imprensa é incalculável. O jornal tornou-se a grande escola do adulto, quasi a única fonte de informação; a opinião pública não é senão o reflexo da opinião dos jornais, que influencia até a das próprias classes elevadas.

Num estudo muito judicioso sôbre o poder da imprensa *(Grossmacht Press)* Eberlé declarou:

"Meia hora de conversação com um homem inteligente e bem informado revela logo o jornal que costuma ler. Até os altos prelados de Roma, os próprios cardiais Amette e Mercier, deixam-se influenciar pela imprensa dos seus países, muito mais do que êles mesmos imaginam. Verifiquei, muitas vezes, que é, pelo seu jornal, que muita gente julga a bula do papa ou o discurso do primeiro ministro". (1)

Disse um prelado inglês: "Na Inglaterra, se a Bíblia afirmasse uma cousa e o *Times* sustentasse o contrário, sôbre 510 pessoas, 500 seriam da opinião do *Times*".

O antigo ministro Combes, promotor da luta anti-religiosa, declarou: "Três quartas partes dos católicos foram afastados da Igreja pela imprensa". E, durante a sua viagem à América, o cardeal Mercier pôde dizer, com razão, que, graças à imprensa, a *Entente* conseguira vencer a guerra.

Não se poderia exagerar a influência do jornal que incessantemente, dia após dia e até a qualquer hora do dia, prêga por tôda a parte, nas famílias, nos cafés, nas ruas, no trem, na fábrica, nos campos, nas cidades e nas aldeias.

Por esta razão, M. Nordau (judeu) chegou a afirmar que, entre tôdas as invenções modernas, é a imprensa a que caracteriza a nossa época e constitue a sua fôrça mais poderosa. E, mais do que ninguém, os judeus lhe avaliaram a importância.

"De que serve discutir? dizia um dêles, o barão de Montefiore. Enquanto não fordes senhores da imprensa mundial, trabalhareis em vão".

(1) J. Eberlé — *Grossmacht Press.* Viena, 1920.

E, como a imprensa não é nem pode ser independente, os judeus empreenderam o seu monopólio quasi universal. Um jornal é, antes de tudo, uma emprêsa comercial, cujo fim primordial é viver e auferir o maior lucro possível.

Admitindo que um jornal sincero e independente pudesse exprimir livremente as suas opiniões — o que seria duvidoso, se elas fôssem anti-revolucionárias — a sua emprêsa lutaria anualmente com prejuízos, porque o preço de venda do jornal paga apenas o custo do papel em que é impresso.

No seu livro, *Sociologia Pura*, o professor Lester F. Ward citou as palavras do jornalista John Swinton, pronunciadas num banquete da imprensa, em Nova York:

"Não há, na América, imprensa independente, a não ser nas pequenas cidades do interior; os jornalistas o sabem tão bem como eu; mas nenhum dêles ousa exprimir uma opinião sincera e, se o fizesse, saberia, com antecedência, que nunca seria impressa. Recebo 150 dólares, para reservar para mim as minhas verdadeiras idéias. Outros recebem salários análogos, para idêntico serviço. Se eu conseguisse imprimir a minha opinião, num único número do meu jornal, dentro de vinte e quatro horas seria despedido do meu emprêgo.

"O homem que cometesse a loucura de formular, com clareza, o seu pensamento, seria pôsto, imediatamente, na rua e teria de procurar outro meio de vida. O dever dos jornalistas de Nova York é mentir, ameaçar, curvar-se perante o ouro e vender a sua raça e o seu país pelo seu salário, isto é em troca do seu pão quotidiano...

"Somos os instrumentos, os vassalos dos ricos que se ocultam nos bastidores; somos títeres; êles puxam os fios e nós dansamos.

"O nosso tempo, o nosso talento, a nossa vida, as nossas faculdades pertencem totalmente a êsses homens a quem vendemos a nossa inteligência".

Em tais condições, é natural que os homens sinceros e talentosos se afastem, cada vez mais, do jornalismo.

O jornal depende do govêrno, das agências de informações (que lhe fornecem as notícias) dos anúncios comerciais e, principalmente, do poderio financeiro dos que o dirigem e possuem.

Nenhum govêrno poder-se-ia manter, com a absoluta liberdade de imprensa. Logo, cada um dêles procura exercer a maior influência possível, por diferentes meios, entre os quais primam a corrupção financeira, os favores, o emprêgo da justiça. Durante a guerra, num e noutro campo, excederam-se os limites extremos da propaganda tendenciosa.

"A corrupção não consiste na influência que o govêrno exerce sôbre a imprensa, pressão muitas vezes necessária, mas em exercê-la em segrêdo; de modo que o público julga ver a opinião geral em palavras ditadas na realidade, por um ministro; e a corrupção do jornalismo não consiste em servir o Estado, mas em medir a convicção do seu patriotismo pela importância da subvenção". [1]

Relativamente às notícias, o jornal depende das agências de informações, vastas organizações que centralizam as novidades mundiais, para distribuí-las à imprensa. As principais são: Reuter (Inglaterra), Havas (França), Wolf (Alemanha), Stefani (Itália), etc.

Do ponto de vista comercial, o jornal vive de anúncios, fato tão conhecido que dispensa demonstração.

Assim, se estabelece a situação seguinte:

"As grandes agências telegráficas mundiais que são, em tôda parte, a principal fonte de informações da imprensa (como as casas de atacado são as fornecedoras dos varejistas) e espalham, ao longe, o que o mundo deve ou não deve saber e sob a forma exigida, pertencem aos judeus ou obedecem à sua direção.

"O mesmo se dá nos escritórios de correspondência que fornecem as notícias aos jornais secundários; as grandes agências de propaganda que recebem os anúncios e depois os transmitem, em grupos, aos jornais, mediante uma avultada comissão, estão quasi inteiramente nas mãos dos judeus, a quem pertencem também muitas fôlhas nas províncias. E onde a palavra judaica não se exprime diretamente pela imprensa, atuam as suas poderosas influências indiretas: Maçonaria, finança, etc.

[1] **Eberlé — Obra citada, pág. 128.**

"Em muitos lugares, os judeus preferem essa influência dissimulada, como, na vida econômica, consideram as sociedades anônimas as mais vantajosas.

"Os redatores dos jornais podem muito bem ser arianos. Basta que, em todos os assuntos importantes, sirvam os interêsses judaicos ou não lhes façam oposição. Consegue-se geralmente êste resultado, pela pressão dos escritórios de propaganda". [1]

Eberlé fornece uma estatística completa da imprensa mundial, em cada país, pela qual se verifica que, na Alemanha, as três quartas partes da imprensa, bem como a agência de informações Wolf e as agências secundárias Hirsch e Press Telegraph pertencem aos judeus.

Na França, a situação é quasi idêntica. Já em 1894, Rochefort dizia: "Vêdes a imprensa? Não há mais imprensa francesa; está completamente nas mãos dos judeus". Entretanto, observa-se que, em conjunto, a influência maçônica é mais sensível do que a influência judia.

Tratando da imprensa inglesa, N. H. Webster escreve: "Não seria exagêro dizer que excetuando o *Patriot*, só um jornal ousa, neste país, ocupar-se francamente dos assuntos que interessam os judeus".

A mesma situação se estabeleceu na América. Citemos, entre outras, a imprensa Hearst que mantém jornais em tôdas as grandes cidades da América.

As emprêsas de propaganda constituem um poderoso meio de pressão. Os judeus que as dirigem podem arruinar um jornal, com a simples ruptura dos contratos de anúncios. Muito sugestiva é, sob êste aspecto, a campanha judaica contra Gordon Bennett, proprietário do *New York Herald*.

A seguinte anedota ilustra êste método:

Pouco depois da guerra, um grande jornal inglês publicou artigos de extraodinário interêsse sôbre a questão judaica. Êsses artigos foram, em seguida, reünidos em um livro que obteve grande êxito. Mas, pouco depois, o jornal cessou repentinamente de se ocupar dos judeus. Que se havia passado?

Simplesmente isto: o diretor fôra avisado de que, se con-

[1] **Eberlé — Obra citada, pág. 204.**

tinuasse a campanha, os seus contratos de anúncios seriam anulados, o que representaria a ruína financeira do jornal.

Se o público o apoiasse, o diretor poderia lutar com sucesso. Mas, em semelhantes condições, era-lhe impossível continuar a luta.

SIGNIFICAÇÃO DA INGLUÊNCIA JUDAICA NA IMPRENSA

Naturalmente o judaísmo serve-se da parte da imprensa de que é senhor, para impedir tôda propaganda anti-revolucionária e para difundir, no mundo, os princípios favoráveis aos judeus.

Tôda campanha anti-revolucionária encontra, desde o princípio, uma obstrução sistemática por parte da imprensa que se manifesta, quer pelo silêncio (recusa de inserção) quer por violentos ataques irrefutáveis contra quem ousa atacar, ainda que indiretamente a revolução. E, se alguém denunciar diretamente os judeus, a indignação é geral e habitualmente o culpado acha-se, em breve espaço, reduzido à impotência.

Sendo irresponsável e anônimo, a imprensa não recua perante nenhuma alteração de notícias, nenhuma falsidade, nenhuma calúnia.

Acaso não vemos a imprensa universal, inclusive uma parte da que se diz conservadora clamar, amotinando a opinião contra Mussolini, a quem chamam tirano bárbaro, quando expulsa, da Itália, um revolucionário, enquanto a mesma imprensa guarda quasi absoluto silêncio sôbre os três milhões de russos executados pela Tcheka bolchevista?

Naturalmente, em muitos jornais conservadores, ou que se dizem tais, aparecem artigos anti-revolucionários. Seria de estranhar, se assim não fôsse. Mas tais artigos, cuidadosamente dosados, são meras aparências e não chegam a atingir a essência revolucionária. A habilidade consiste em dirigir órgãos de todos os partidos, desde o bolchevismo até à extrema direita. Êste procedimento permite neutralizar a opinião pública, tranqüilizando-a e dirigindo-a no sentido desejado, por meio de uma propaganda subtil, apresentada a cada classe de leitores sob a forma mais aceitável.

Os senhores da imprensa não a utilizam só para evitar todo ataque ao judaísmo, mas para propagar universalmente os princípios que lhe são favoráveis.

Desta circunstância resultam as tendências da imprensa mundial que é geralmente:

Literária, democrática, republicana;
Socialista;
Irreligiosa ou anti-religiosa;
Materialista;
Em resumo: geralmente revolucionária.

A INFLUÊNCIA JUDAICA NA VIDA SOCIAL

A mesma influência atua, embora menos universalmente, na literatura, firmando a reputação dos escritores cujas idéias são consideradas úteis à revolução. (Em sentido dilatado, considera-se útil todo princípio de dissolução do mundo social cristão: liberalismo, sensualismo, materialismo, determinismo, etc. Einstein e Freud sirvam de exemplo). Como na imprensa, hostilizam-se, na literatura, os autores contrários à revolução, empregando para tal fim os meios mais enérgicos, como atesta esta passagem significativa de N. H. Webster:

"Na época em que comecei a escrever sôbre a revolução, um conhecido editor de Londres preveniu-me:

"Lembre-se de que, se adotar uma atitude anti-revolucionária, terá contra si o mundo literário inteiro".

"Pareceu-me incrível. Como podia o mundo literário simpatizar com um movimento que, desde a Revolução Francesa, fôra sempre dirigido contra a literatura, as artes e as ciências, e proclamara francamente o seu intuito de exaltar o trabalho manual, em detrimento da inteligência? "Os escritores devem ser proscritos, como os mais perigosos inimigos do povo", dizia Robespierre. Nas secções de Paris bradava-se: "Desconfiem dêsse homem: êle escreve um livro". E a persecução fôra organizada contra os homens de talento. Na Rússia, seguiu-se a mesma política e o princípio de Collot d'Herbois continua a ser atual: "Tudo é lícito, para quem opera em favor da revolução".

"Eu ignorava tudo isto, quando iniciei a minha obra. Sabia que, no passado, escritores franceses tinham alterado os fatos, em favor dos seus intuitos políticos e que, ainda atualmente, existe uma espécie de conspiração contra a história, dirigida

por membros influentes das lojas maçônicas e da Sorbonne. Mas ignorava que semelhante conspiração tivesse ramificações na Inglaterra e as advertências do editor pouco me impressionaram. Se os fatos por mim citados e as minhas conclusões fôssem inexatas, aceitava, com antecedência, todos os ataques que lhes fôssem dirigidos. Não mereciam um reconhecimento ou uma refutação razoável os anos que dedicara a laboriosas pesquisas históricas? Ora, aconteceu que, independentemente dos elogios da imprensa, o meu livro provocou críticas que assumiram formas imprevistas. Não houve uma só refutação franca à minha *Revolução Francesa* ou à minha *Revolução Mundial*, pelos métodos habituais das controvérsias. As asserções baseadas em documentos foram simplesmente desmentidas, sem o apôio de uma única prova. O plano geralmente adotado foi o seguinte:

"Nem sequer se procurou discutir, mas preferiu-se lançar o descrédito sôbre as minhas obras, interpretando-as deliberadamente em sentido contrário, atribuindo-me intuitos que nunca tive e até tornando-me objeto de ataques pessoais. Devemos admitir que êste método de crítica não tem igual, em qualquer outro campo de controvérsia literária.

"Devo notar, como fato particularmente interessante, que a mesma tática foi adotada, há cem anos, contra o professor Robinson e o abade Barruel, dois escritores cujos trabalhos sôbre as fôrças secretas da revolução causaram sensação naquela época. Entre as críticas que sofreram não havia nenhuma das que seria lícito esperar". [1]

Um personagem americano que pretendia publicar nos Estados Unidos *As fôrças secretas da revolução* consultou prèviamente um advogado seu amigo e obteve a resposta seguinte:

"Tendo em vista as leis contra a difamação que vigoram neste país, não podeis de modo algum participar da publicação das *Fôrças secretas da Revolução* de Poncins, sem incorrerdes numa grave responsabilidade legal, com risco de processos de indenização. Embora as afirmações contidas nessa interessante obra possam ser justificadas e susceptíveis de demonstração, as

(1) N. H. Webster — *Associações secretas e movimentos subversivos*. **Prefácio.**

pessoas e as associações criticadas são tão poderosas e proeminentes no país, que da publicação do livro resultariam, provàvelmente, processos vultuosos. Creio que nenhum editor sério quererá empreender a sua publicação, sem um seguro de indenização instituído pelo autor ou pelos editores".

O teatro, o cinema, a própria telegrafia sem fios são instrumentos poderosos para influenciar a opinião pública; e por isto estão profundamente impregnados de maçonaria e de judaísmo, não só nos seus diretores, mas também nas tendências gerais que nêles predominam. No cinema, os filmes exibidos na Europa provêm, na sua maior parte, das grandes fábricas americanas Metro-Goldwyn, Fox-Film, etc. que são tôdas quasi exclusivamente judaicas.

Várias vezes foram assinaladas as tendências revolucionárias do teatro moderno. Transcrevamos êste trecho de N. H. Webster, relativo à Inglaterra:

"Basta observar, diàriamente, ao redor de nós, para ver a mesma fôrça dissolvente operar na arte, na literatura, na imprensa, no teatro, em tudo o que pode influenciar a opinião pública.

"Os nossos cinemas modernos incumbem-se perpètuamente de excitar o ódio de classe, por meio de cenas e frases demonstrativas da injustiça dos reis, do sofrimento do povo, do egoísmo dos aristocratas, ainda que não caibam perfeitamente no argumento da peça.

"Não posso crer que tudo isto seja acidental, não creio que o público requeira espetáculos desmoralizadores ou anti-patrióticos; êle responde, pelo contrário, a todos os apelos do patriotismo e das emoções sãs. O coração do povo ainda é bom, mas realizam-se esforços incessantes, afim de o perverter". [1]

A influência dissolvente estende-se a todos os ramos da atividade humana, à ciência, à arte, à moda, pelas teorias subversivas tais como o freudismo, a teosofia, a ciência cristã e certas tendências artísticas gerais, no sentido de alterar as regras de beleza observadas até à época presente.

(1) N. H. Webster — Obra citada pág. 342.

No seu estudo sôbre a teosofia, René Guénon assinala êste fato:

"Um escritor que parece bem informado declara que "tudo se passa atualmente, como se certos protagonistas dos maus costumes obedecessem a uma ordem". (Jean Maxé, *Cadernos da Anti-França*).

"Essa ordem não provém certamente dos que dirigem o teosofismo; êles mesmos obedecem e, concientemente ou não, cooperam para a realização dêsse plano, como outros colaboram no mesmo sentido, nos respectivos domínios. Que emprêsa formidável de desordem e de corrupção se esconde, sob tudo o que se agita, presentemente, no mundo ocidental? Um dia provàvelmente o saberemos, mas devemos temer que seja, então, demasiado tarde, para combater, com resultado, um mal que incessantemente se alastra". [1]

E' supérfluo acrescentar que, nessa obra de decomposição, a educação desempenha um papel primordial. Todos conhecem os esforços realizados por tôda parte e principalmente na França, para estabelecer o ensino leigo e ateu. Mencionamos esta circunstância, sem acrescentar nenhum detalhe, pois, tratando-se de fatos notórios, não cabem nesta obra, cujo intuito é apontar as fôrças ocultas da revolução.

Acabamos de ver o aspecto subversivo da influência judaica no mundo em geral e nas revoluções modernas em particular. Já é tempo de examinar mais de perto o judaísmo, para saber exatamente o que é, o que pretende, o que obteve e, enfim, a sua organização geral.

(1) René Guénon — *Teosofismo;* pág. 357, edição de 1921.

SEGUNDA PARTE

A ORGANIZAÇÃO JUDAICA

CAUSAS DA HOSTILIDADE GERAL ENTRE OS JUDEUS E OS OUTROS POVOS

Em tôdas as épocas, os judeus foram objeto da hostilidade geral dos povos entre os quais vivem. Serão vítimas, como pretendem, ou apressores?

Na opinião de um judeu, Bernardo Lazare:

"Se essa hostilidade, essa repugnância contra os judeus só se manifestasse numa época determinada ou num único país, seria fácil conhecer-lhe as causas restritas. Mas essa raça foi objeto do ódio de todos os povos entre os quais se estabeleceu. Desde que os inimigos dos judeus pertenceram às mais diversas raças, viveram em regiões muito afastadas umas das outras, eram governados por leis diferentes e por princípios opostos, não tinham os mesmos costumes, os mesmos hábitos, eram animados por espíritos contrários que não lhes permitiam julgar do mesmo modo tôdas as cousas, devemos crer que a causa geral do antissemitismo residiu sempre nos próprios israelitas e não nos que os combateram."

As razões dessa antipatia foram expostas muitas vezes e resumem-se nas três seguintes:

Sempre e em tôda parte, os judeus foram estrangeiros, parasitas e revolucionários; além disto, durante tôda a Idade-Média, foram os deicidas. Com o enfraquecimento do cristianis-

mo, a acusação de deícidas perdeu o seu vigor e mencionamo-la sem comentários.

Os judeus são estrangeiros, insociáveis e inassimiláveis, porque são exclusivos e intolerantes.

"Que virtudes ou que vícios provocaram essa inimizade universal contra o judeu? Porquê foi sempre e igualmente maltratado e detestado em Alexandria e em Roma, pelos persas e pelos arabes, pelos turcos e pelas nações cristãs? Porque, em tôda parte e até aos nossos dias, o judeu foi um ser insociável. "Porquê foi insociável? Porque é exclusivo e o seu exclusivismo é ao mesmo tempo político e religioso, ou melhor provém do seu culto e da sua lei." [1]

A sua insociabilidade o judeu acrescentou o exclusivismo.

"Sem a lei e sem o povo de Israel que a pratica, o mundo não subsistiria; Deus o reduziria outra vez ao nada; e o mundo só será feliz, quando se tiver submetido ao império universal dessa lei, isto é ao império dos judeus. Por conseqüência, o povo judeu é o povo escolhido por Deus, para depositário da sua vontade e dos seus desejos; é o único com quem a divindade celebrou um pacto, é o eleito do Senhor.

"Israel é o filho predileto do Eterno, o único que tem direito ao seu amor, à sua benevolência, à sua proteção especial; e os outros homens estão colocados abaixo dos hebreus; só por piedade, os pode contemplar a munificência divina, porque só as almas dos judeus descendem dos primeiros homens. Os bens confiados às nações pertencem, na realidade, a Israel e o próprio Jesús respondeu à mulher grega:

"Não se deve tirar o pão às crianças, para atirá-lo aos cães."'

"Essa fé na sua predestinação, na sua eleição, alimentou nos judeus um imenso orgulho que os fêz considerar os outros povos com desprêzo e, muitas vezes, com ódio, quando a essas razões teológicas se uniram motivos patrióticos". [2]

[1] B. Lazare — *Antissemitismo*, pág. 3.
[2] B. Lazare — *Antissemitismo*, pags 8-9.

Além de se conservarem estrangeiros aos meios em que viveram, os judeus incorreram na censura de serem parasitas e explorarem o trabalho alheio. Julgo inútil insistir sôbre êste ponto de que já me ocupei no capítulo "Os judeus e a vida econômica."

Passemos, pois, à terceira razão: os judeus são revolucionários. Foram-no sempre, e os numerosos exemplos citados da sua atividade no socialismo trazem a esta asserção uma confirmação inquietante.

Como revolucionários, manifestam-se, presentemente, sob dois aspectos: são revolucionários, em luta constante contra a autoridade, ou revolucionários no sentido atual da palavra, isto é os mais sólidos esteios dos princípios de 1789; e o socialismo é em grande parte obra sua.

"Foram sempre descontentes. Não pretendo dizer que tenham sido simplesmente insatisfeitos ou opositores sistemáticos de qualquer govêrno, mas o estado das cousas nunca os satisfez.

"Viveram perpètuamente inquietos, na esperança de um futuro melhor que jamais lhes pareceu realizado. E, como o seu ideal não é dos que vivem de esperanças — nem tão alto o situaram — não podiam contentar-se com sonhos ou fantasmas; julgavam ter direito de exigir satisfações imediatas e não promessas remotas. Eis o móvel da agitação constante dos judeus.

"Os motivos que originaram, entretiveram e perpetuaram essa agitação, na alma de alguns judeus modernos, não são causas exteriores, como a tirania efetiva de um príncipe, de um povo ou de um código severo. São causas internas que derivam da própria essência do espírito hebraico. Na idéia que os israelitas formam de Deus, no seu modo de encarar a vida e a morte, devemos procurar a razão dos sentimentos de revolta que os animam." [1]

E' o que vamos examinar.

Sempre houve, por conseguinte, animosidade entre os judeus e os que não o são.

Visará esta animosidade os adeptos de uma religião?

Além do motivo religioso, isto é da diferença radical en-

[1] B. Lazare — Obra citada, pág. 305.

tre a concepção judaica e a cristã, há outras razões. Os judeus formam uma raça separada e, a-pesar-de dispersos, constituem uma nação isolada entre as nações.

A RAÇA JUDAICA

Os judeus formam uma raça separada, uma raça inassimilável, com caracteres físicos e morais nitidamente acentuados.

"Quando certos judeus afirmam que se consideram uma seita religiosa igual aos católicos romanos e aos protestantes, não analisam corretamente os seus sentimentos e atitudes. Até quando um judeu é batizado ou — o que não é necessàriamente a mesma cousa — quando se converte sinceramente ao cristianismo, são raros os que não o consideram mais judeu; o seu sangue, o seu temperamento, as suas particularidades espirituais ficam imutáveis." (1)

Sob o aspecto físico, é evidente

"a extraordinária, a absurda persistência da raça semítica. E, na raça, a persistência dos tipos físicos. Judeus completamente ocidentalizados conservam, às vezes, um fácies de uma semelhança impressionante com o de um árabe beduíno, do qual os separa um período três vezes milenário.

"A conservação de certos hábitos é, por outro lado, significativa. Séculos de vida entre as populações nórdicas ou eslavas não habituaram o judeu a conter o seu frenesí, a sua necessidade de gestos, não mudaram o seu gôsto pela cozinha variada e aliácea do Mediterrâneo.

"Estes exemplos de estabilidade surpreendente, que mais justamente se deveria denominar sobrevivência, são tão numerosos que abrangem, de fato, tôda a vida árabe, tôda a vida judaica." (2)

"Observa-se, na sorte da raça como no caráter semítico, uma fixidez, uma estabilidade, uma imortalidade, que impressionam o espírito. Devemos tentar explicá-las, pela ausência de matrimônios mixtos? Mas em que reside a causa dessa repugnância pelo homem ou pela mulher estranhos à raça? Por quê essa permanência negativa?

(1) *Judeus e nacionalidade*, A. D. Lewis.

(2) Kadmi-Cohen — *Nômades*, pág. 112.

"Há consanguinidade entre o gaulês descrito por Júlio César e o francês moderno, entre o germânico de Tácito e o alemão contemporâneo. Largo espaço separa êsse capítulo dos "Comentários" das comédias de Molière. Mas se o primeiro é o germe, o segundo é a plena florescência.

"A vida, o movimento, a diferença imprimiram-se no desenvolvimento dos seus caracteres e a sua forma contemporânea é a idade adulta de um organismo que era jovem, há vários séculos, e que, dentro de vários séculos, alcançará a velhice e desaparecerá.

"Nada de semelhante se nota entre os semitas. Como as consoantes do seu idioma, êles aparecem, desde a aurora da raça, com um caráter nitidamente definido e sob formas sêcas e indigentes, não susceptíveis de acréscimo ou de diminuição, rígidas como o diamante que risca todos os corpos e que nenhum corpo consegue riscar.

Sou o que sou, disse o Eterno. O Eterno — a Eterna — E' a raça.

Una em sua substância universal. Una no tempo — estável — eterna". (1)

Os caracteres morais da raça judaica são tão nítidos como os físicos. O escritor que acabamos de citar, Kadmi-Cohen, publicou recentemente, sob os auspícios do ministro A. de Monzie, uma obra intitulada *Nômades*, que é um estudo notável da alma judaica.

Na sua opinião, os judeus são nômadês, o que explica o seu caráter atual.

"A unidade do conceito semítico tem a sua explicação primordial e absoluta no caráter nômade do gênero de vida dos semitas. Raça de pastores mais do que de agricultores ou de

(1) K. Cohen — Obra citada, pág. 115-116.

proprietários rurais, foram sempre nômades e conservam-se nômades. O estigma é indelével, como a marca que se grava na cortiça da árvore nova: o tronco cresce, desenvolve-se, a marca alonga-se, desfigura-se, mas nunca perde o caráter primitivo.

"Êsse gênero de vida foi o guardião precioso da unidade da raça, porque a preservou de um contacto prolongado com a terra, de uma residência contínua na mesma gleba. (¹)

"Note-se bem: contràriamente ao que sucedeu entre outros povos, o estado nômade nunca assumiu, entre os semitas, o caráter de transição, de estádio passageiro que precede e prepara a vida sedentária: originou-se da própria alma semítica. (²)

"Compreende-se que, por si só, o estado nômade tenha sido o conservador da raça, da sua pureza étnica. A vida errante de um grupo humano significa o isolamento dêsse grupo e, a-pesar-dos seus deslocamentos ou justamente por motivo dêles, a tribu conserva-se idêntica a si própria. (³)

"Assim, o sangue que lhes corre nas veias conservou a primitiva pureza e a sucessão dos séculos só poderá fortificar o valor da raça; isto constitue, em resumo, o predomínio do *jus sanguinis* sôbre o *jus soli*.

"Os semitas, e particularmente os judeus, oferecem, ainda hoje, uma prova histórica e natural dêste fenômeno. Em parte alguma o respeito do sangue foi prescrito de maneira tão severa.

"Como está registada na Bíblia, a história dêsse povo insiste continuamente sôbre a proibição de aliança com estrangeiros. E, atualmente, como há trinta séculos, esta particularidade da raça fortifica-se e avalia-se pela raridade dos matrimônios mixtos entre judeus e indivíduos de outras raças.

"E', por conseguinte, nesse amor exclusivo, nessa espécie de zêlo da raça que se concentrou o sentido profundo do semi-

(¹) Kadmi-Cohen — *Nômades*, pág. 14
(²) K. Cohen — Obra citada, pág. 19.
(³) K. Cohen — Obra citada, pág. 25.

tismo e que se manifesta o seu caráter ideal. Êsse povo é uma entidade autônoma e autógena: não depende de um território, não aceita os estatutos reais do país em que reside e recusa os resultados, aliás fecundos, do cruzamento com outras raças. Sem amparo material, sem apôio exterior, cultiva ùnicamente a sua unidade. Inclue em si mesmo a sua existência e só depende do poder vital da sua vontade intrínseca, que se conserva pura, alheia a tôdas as contigências que ela evita ou despreza.

"E êsse valor formidável assim conferido à raça explica, por si só, êste fenômeno único, excepcional: entre os inúmeros povos, só um, o judeu, sobrevivendo a si mesmo, prolonga uma existência paradoxal, continua uma duração ilógica e, a-pesar-de todos os ataques, de todos os desmembramentos, de tôdas as persecuções combinadas, impõe a luz fulgurante da unidade, o signo esplendente da eternidade, da supremacia da idéia. Um povo único conservou-se *uno*, sempre e a-pesar-de tudo." (¹)

Como não possuo a competência necessária para discutir esta opinião, limito-me a verificar o resultado, que é o que ùnicamente nos interessa: o caráter atual dos judeus.

Em primeiro lugar:

"Todos os que estiveram em contacto ou travaram relações pessoais com judeus manifestaram-se impressionados pela exaltação com que êles tratam de tôdas as questões. E' o que se convencionou denominar "o fogo sombrio dos profetas."

"Uma violência particular preside a tôda a sua atividade. Quer se trate de arte, de ciência — nesses domínios em que, por definição, deveria reinar a serenidade — quer de negócios ou, com mais razão, de política, os judeus apaixonam-se logo e, infalìvelmente, tornam o debate apaixonado. Isto é tão notório e todos os dias verificamos tantos exemplos animados dêsse entusiasmo, que julgo inútil insistir. (²)

"Êsse entusiasmo apaixonado da raça explica o fenôme-

(¹) K. Cohen — Obra citada, pags. 26-27-28.
(²) K. Cohen — Obra citada, pág. 33.

no, freqüentemente verificado, da incoerência da história árabe e judaica. Efetivamente, do seu decurso foi banida a influência da lógica que coordena e regula não só o conjunto dos fatos que constituem a vida, mas a sucessão dos acontecimentos que compõem a história. (¹)

"Depois da dispersão, a história judaica é um verdadeiro paradoxo, um desafio ao bom senso.

"Viver, durante vinte séculos, em rebelião constante contra tôdas as populações ambientes, insultar os seus costumes, os seus idiomas, as suas religiões com um separatismo intransigente, constitue uma monstruosidade. A revolta é, às vezes, um dever; muitas vezes, a dignidade a impõe; mas erigí-la em estado definitivo, quando é tão fácil deixar-se absorver, evitando simultâneamente o desprêzo, o ódio, o oprobio vinte vezes secular, não é um raciocínio justo, é um absurdo, é uma insânia. (²)

"A unidade da raça, a exaltação individual condicionadas pelo estado nômade têm necessàriamente por corolário, no conceito semítico, a negação do princípio de autoridade e o desprêzo natural da disciplina. (³)

"O princípio da disciplina é, entre os judeus, incompatível com o sentimento mais profundo da raça, chegando a Bíblia a atribuir uma origem divina à proibição de instaurar a realeza. (⁴)

"Enquanto as outras civilizações baseavam ou basearam instituições mais ou menos duráveis sôbre um princípio de autoridade interior e soberana, os semitas não fundaram nenhuma instituição permanente. E foi por não terem compreendido ou por não conhecerem a fôrça e a virtude social dêste princípio, que situaram a autoridade na vontade íntima dos indivíduos agrupados. (¹)

(¹) K. Cohen — Obra citada, pág. 53.
(²) K. Cohen — Obra citada, pág. 58.
(³) K. Cohen — Obra citada, pág. 60.
(⁴) K. Cohen — Obra citada, pág. 62.

"Direi mais:

"A noção da autoridade — e, portanto, o respeito da autoridade — é uma noção anti-semítica. Foi no catolicismo, no cristianismo, nos próprios preceitos de Jesús, que ela encontrou a sua consagração simultâneamente leiga e religiosa. (²)

"Se o respeito, talvez exagerado, da vontade individual se opunha, entre os semitas, à instauração e à extensão do princípio de autoridade, favorecia, pelo contrário, a germinação e o desenvolvimento do princípio de igualdade.

"Foi assim que, na fase de Ibn Khaldoum, floresceram, na alma semítica, como realidades vivas, a Liberdade e a Igualdade, estes dois princípios gêmeos que, mais tarde, passaram a ser letras maiúsculas, escritas nos preliminares das constituições modernas e na frontispício dos edifícios públicos. (³)

"O princípio da igualdade humana impede a criação de desigualdades sociais; isto explica a ausência de nobreza hereditária, entre os árabes e os judeus, que ignoram até a própria noção do *sangue azul*. A condição primordial de tais diferenças seria a admissão da desigualdade humana; ora, é no princípio oposto que tudo se baseia, entre êsses povos.

"A causa acessória do aspecto revolucionário da história semítica reside igualmente nesse exagêro do princípio de igualdade. Como poderia existir um estado, necessàriamente subordinado à hierarquia, se todos os indivíduos que o compõem pretendessem conservar-se rigorosamente iguais?

"O que, com efeito, impressiona, na sucessão da história semítica, é a ausência quasi total de estados organizados e duráveis. Dotados de tôdas as qualidades exigidas para formar, politicamente, uma nação e um estado, os judeus e os árabes não souberam organizar a instituição de um govêrno definiti-

(¹) K. Cohen — Obra citada, pág. 68.
(²) K. Cohen — Obra citada, pág. 70.
(³) K. Cohen — Obra citada, pág. 72.

vo. Tôda a história política dêsses dois povos aparece profundamente impregnada de indisciplina.

"Tôda a história judaica relata, a cada passo, movimentos populares, cuja razão material não percebemos. E na Europa, no decorrer dos séculos XIX e XX, a ação exercida pelos judeus em todos os movimentos subversivos é ainda mais considerável. Se, na Rússia, as persecuções anteriores justificam a sua colaboração em tais movimentos, o mesmo não se dá em relação à Húngria, à Baviera e a outros lugares. Devemos procurar, no domínio da psicologia, a explicação da história árabe e das modernas tendências judaicas. (1)

O conceito exagerado da igualdade constitue, por conseguinte, um dos aspectos mais característicos da alma judaica:

"Seria, contudo, incompleto, sob êste aspecto, se não lhe acrescentassemos, como causa ou conseqüência dêste estado de espírito, o predomínio da idéia de justiça.

"Se foi possível afirmar que, rigorosamente, as religiões semíticas não têm conteúdo moral, é preciso, entretanto, reconhecer que a humanidade lhes deve o esplendor da idéia de justiça. (2)

"Aliás — e o reparo é interessante — é a idéia de justiça que, com a exaltação própria da raça, constitue a base do sentimento revolucionário dos judeus. Despertando essa noção de justiça, consegue-se determinar a agitação revolucionária. A injustiça social, resultante da desigualdade entre as classes, é, entretanto, fecunda; uma moral pode encobrí-la, a justiça nunca.

"O princípio de igualdade, a idéia de justiça e exaltação determinam e condicionam o princípio de revolta. A indisciplina, a ausência de noção de autoridade favorecem a sua realização, logo que se apresenta o *objeto* da revolução.

(1) K. Cohen — Obra citada, págs. 76-78.
(2) K. Cohen — Obra citada, pág. 81.

"Mas êste objeto é a riqueza, causa das lutas humanas, desde a mais remota antiguidade — luta pela sua posse e pela sua divisão.

"E' o comunismo contra o princípio da propriedade particular. (1)

"Mas o instinto da propriedade resultante do apêgo à gleba não existe entre os semitas — êsses nômades — que nunca possuíram o solo e nunca desejaram possuí-lo. Disto derivam, desde a época mais remota, as suas inegáveis tendências comunistas. (2)

"O seu entusiasmo apaixonado pode levá-los muito longe, até ao extremo, até ao fim; pode determinar a extinção da raça, por uma série de loucuras fatais.

"Mas essa intoxicação tem o seu antídoto e essa desordem do pensamento encontra o seu corretivo na concepção e na prática de um utilitarismo positivo. Se chega, às vezes, a extraviar-se no céu, o semita não perde, todavia, a noção da terra, dos seus bens, dos seus proveitos. Muito pelo contrário. O utilitarismo é o outro polo da alma semítica. Nêle, dizemos nós, tudo é especulação: nas idéias e nos negócios; e, neste último campo, entrou o hino mais vigoroso de glorificação do interêsse terrestre.

"Trotsky e Rothschild assinalam a amplitude das oscilações do espírito judeu; estes dois extremos abrangem tôda a sociedade, tôda a civilização do século XX". (3)

Resumamos:

"Do ponto de vista étnico, distinguem-se ordinàriamente duas espécies de judeus: os do ramo português e os do ramo alemão (Sephardein e Astenazein).

"Mas, do ponto de vista psicológico, os judeus derivam ùnicamente de duas espécies: os Hassidim e os Mithnagdim. Aos

(1) K. Cohen — Obra citada, pág. 83.
(2) K. Cohen — Obra citada, pág. 85.
(3) K. Cohen — Obra citada, pág. 154.

primeiros pertencem os exaltados. São os místicos, os cabalistas, os demoníacos, os apaixonados, os desinteressados, os entusiastas, os poetas, os oradores, os frenéticos, os irrefletidos, os quiméricos, os voluptuosos. São os judeus do Mediterrâneo, os católicos do judaísmo, do catolicismo da era mais gloriosa. São os profetas que vaticinam sôbre o tempo "em que vizinharão o lôbo e os cordeiros e os gládios fornecerão as relhas dos arados de Halevi", como Isaías que cantava. "Seque a minha mão direita, ó Jerusalém, se eu te esquecer, e seja-me tirada a fala, se eu não pronunciar o teu nome" e que, no delírio do seu entusiasmo, desembarcando na Palestina, beijava o pó da terra natal, desdenhando a aproximação do bárbaro cuja lança o devia trespassar. São os milhares de judeus universais dos guetos que, na época das Cruzadas, se massacravam entre si ou se deixavam massacrar, ao brado milenário de "Escuta Israel..." para não se renegarem uns aos outros e não renegarem o seu Deus; são as inúmeras vítimas e os mártires incontáveis que marcam o caminho da humanidade, do profundo da barbárie para uma era melhor.

"Os Mithnagdins são os utilitários, os protestantes do judaísmo, os nórdicos. Frios, calculadores, egoístas, positivos, contêm, na sua ala extrema, os elementos vulgares, sequiosos de lucro, sem escrúpulos, os oportunistas, os implacáveis.

"Desde o banqueiro e o homem de negócios até ao mercador e ao usurário, a Gobseck e a Shylock, compreendem a turba imensa de homens de coração de pedra, de dedos aduncos, que jogam e especulam sôbre a miséria dos indivíduos e das nações. Procuram tirar proveito de tôda catástrofe; quando a carestia se declara, monopolizam tôdas as mercadorias disponíveis. A fome constitue, para êles, uma ocasião de bons negócios. E, quando se desencadeia a onda antissemítica, são os que primeiro invocam o grande princípio da solidariedade da raça, para atrair para si a proteção." (¹)

Ao estudo da raça devemos acrescentar o da religião, pois, no judaísmo, as duas noções são inseparáveis.

(¹) Kadmi-Cohen — Obra citada, págs. 129-130.

"O judaísmo apresenta o fenômeno, único nos anais do mundo, de uma aliança indissolúvel, de uma fusão íntima, de uma combinação intrínseca do princípio religioso e do princípio nacional. (¹)

"Não há, entre o judaísmo e as outras religiões contemporâneas, apenas uma questão de gradações, mas uma diferença de natureza e de espécie, uma antinomia fundamental. Não estamos em presença de uma religião nacional, mas de uma nacionalidade religiosa. (²)

"A idéia de Deus, a imagem de Deus, tal como se reflete na Bíblia, passa por três estádios bem distintos.

"Primeiro estádio: o Ente Supremo aparece sequioso de sangue, zeloso, terrível, guerreiro. As relações do hebreu com o seu Deus são as do inferior com o superior temido que se quer propiciar.

"Segundo estádio: As condições tendem a equilibrar-se. O pacto concluído entre Deus e Abraão desenvolve tôdas as suas conseqüências; as relações tornam-se quasi convencionais. No Hagada Talmúdico, os patriarcas travam controvérsias, debates judiciários com o Senhor. A Tora ou Bíblia intervém nesses debates e a sua intervenção é preponderante. Demandando contra Israel, Deus perde, às vezes, o processo. A igualdade das duas partes afirma-se.

"Finalmente, no terceiro estádio, o caráter subjetivamente divino de Deus perde-se. O Ente Supremo torna-se uma espécie de ser fictício. A quem conhece o espírito subtil dos seus autores, as lendas semelhantes à que acabamos de citar dão a idéia de que, tanto os autores como os leitores, consideram a Deus como um ser imaginário e a divindade, sob o aspecto de uma personificação, de uma simbolização da raça". (³)

Essa religião tem o seu código: o Talmud.

(¹) G. Batault — *O problema judeu*, pág. 65.
(²) G. Batault — Obra citada, pag. 66.
(³) Kadmi-Cohen — *Nômades*, pág. 138.

O TALMUD

O *Talmud* é o código das leis judaicas religiosas e sociais, a deformação progressiva da antiga lei mosaica, abandonada há muito tempo.

Sob a ação do tempo e do contacto de influências exteriores, como as doutrinas religiosas dos caldeus, os sacerdotes incumbidos da direção espiritual de Israel, principalmente os fariseus, transformaram, pouco a pouco, a lei de Moisés. Entre outros pontos, "as predições de uma série de profetas, que apontam Israel como o povo eleito por Deus, converteram-se na convicção de que Israel é o povo de Deus," e a promessa de domínio de Jeová transformou-se em promessa de hegemonia mundial, em proveito dos judeus.

Os fariseus sempre transmitiram oralmente os seus preceitos. Um dos mais notáveis entre êles, Judas o Santo, codificou-os, em 190 depois de Cristo, na *Michna* que, com o seu anexo *Ghemara,* (composto no século V pelo rabino Iochanan) forma o *Talmud de Jerusalém.*

Transportando-se para Constantinópla, o *Sanhedrino,* govêrno judeu da dispersão, redigiu, em fins do século V, as conclusões do *Ghemara,* edição revista e acentuada do *Talmud de Jerusalém,* denominado depois *Talmud de Babilônia...* Foi impresso pela primeira vez, em Veneza, por Daniel Bomberg, de 1520 a 1531, e suscitou uma indignação geral no mundo católico.

Sendo o *Talmud* muito extenso e confuso, o sábio rabino Joseph Karo redigiu, em princípios de 1500, um resumo abreviado e claro do seu conteúdo. E' o *Schulchan-Arukh,* cuja reputação e autoridade conservaram-se imutáveis. Tornou-se o código por excelência dos judeus de todos os países.

O *Sepher Ha Zoar,* ou livro do esplendor, contém a mística judaica; é a expressão da cabala moderna. [1]

---

[1] O estudo do *Talmud* é útil à compreensão da questão judaica, mas não cabe nos nossos limites. Veja-se o resumo publicado por Mons. Jouin no *Perigo judeu-maçônico,* vol. V, que encerra também uma importante bibliografia a respeito. Veja-se também: Bernardo Lazare — *Antissemitismo.* G. Bataula — *O problema judeu,* etc.

Quando se fala entre nós na religião judaica, pensa-se apenas na Bíblia, na religião de Moisés; é uma ilusão. Os judeus da Idade-Média são Talmudistas e nem todos deixaram de o ser. Ainda hoje, o *Talmud* tem mais autoridade do que a Bíblia.

Reconhecemos a superioridade do *Talmud* sôbre a Bíblia, dizem os *Arquivos Israelitas e o Universo Israelita* afirma:

"Durante dois mil anos, o *Talmud* foi e é ainda o objeto da veneração e o código religioso dos israelitas."

"O que constitue o princípio fundamental, a extraordinária originalidade do judaísmo é o seu exclusivismo. Tôda a história do povo judeu e a da sua religião, que são inseparáveis, gravitam em tôrno dêsse fenômeno central.

"Um Deus cioso: Iahvé, seu povo eleito: Israel, os ritos, os mandamentos, as leis que os ligam entre si: eis a essência da verdade e da justiça. Fora disto, só há o mundo e o mal: o mundo do mal. Êste conceito breve, mas apaixonado e singularmente poderoso, formou a integridade de um povo durante três mil anos. Êsse exclusivismo indefectível criou uma raça, uma nação, uma religião, uma mentalidade sem par na história do universo.

"Pela própria e única fôrça das tradições, através das tempestades que agitam os homens, no decorrer dos séculos, o judaísmo manteve-se inabalável, inexoràvelmente idêntico a si mesmo; como foi na sua origem, encontramo-lo hoje. Porque os judeus formam o povo mais conservador entre os povos, são a prova de uma conservação indestrutível e intransigente. A humanidade muda, os impérios elevam-se e desmoronam, os ideais surgem, resplandecem e morrem, mas o judeu fica, o judaísmo permanece, envolto no seu exclusivismo feroz, esperando tudo do futuro, infatigàvelmente, sobrehumano, deshumano.

"Já demonstrei que a situação dos judeus na sociedade, ou melhor à margem de tôdas as sociedades, deriva do seu exclusivismo; para se conservar, devem fatalmente manter-se afastados de um mundo mutável.

"Assimilar-se seria renunciar, consentir em desaparecer,

como desapareceram os egípcios, os babilônios, os persas, os gregos, os romanos, os gauleses, os francos; suas tradições exclusivas preservam-nos da mesma sorte. Povo sem terra, nação errante, raça dispersa, conservam uma pátria, uma religião; anima-os um ideal comum, formado pelas mesmas esperanças, sempre ilusórias e continuamente renovadas. Perduram assim, perseguindo a miragem da idade de ouro, de uma era nova, de uma época messiânica, em que o mundo viveria no júbilo e na paz, submisso a Iahvé, subordinado à sua lei, sob a direção do povo sacerdotal, perpètuamente eleito, amadurecido pelas provações na esperança dessa hora única.

"Sucede, porém, que êsse povo, que é, como digo, o mais conservador entre os povos, tem a justa reputação de estar possuído por um espírito inextinguível de revolta. Ha, nisto, um paradoxo ou uma aparência de paradoxo que me proponho a dissipar.

"Prisioneiros das tradições imutáveis que são a essência do seu exclusivismo, no meio da humanidade formada de uma imensa maioria de raças estranhas à sua, os judeus são eternos inaclimáveis.

"Seja onde fôr, como a ordem estabelecida não foi, não é e nunca será baseada na rigorosa observância das leis de Iahvé, essa ordem nunca será conforme ao sonho de Israel.

"O judaismo só pode desejar a sua subversão; o dever do judeu, principalmente do seu instinto, formado por tradições três vezes milenárias, é cooperar para a sua destruição.

"O exclusivismo impõe e justifica o espírito de revolta." (¹)

Esta religião gera homens de negócios e revolucionários, porque é:

Essencialmente terrestre,
Exclusiva,
Messiânica.

E' essencialmente terrestre, porque não crê na vida futura e promete a bemaventurança na terra, originando lògicamente um materialismo desenfreado e o culto do ouro, único criador dos gozos materiais.

E' exclusiva.

Ao exclusivismo une-se o messianismo, que dêle deriva, em grande parte: Iahvé promete aos homens a felicidade na terra, pela liberdade, pela igualdade e pela justiça e — ponto capital — os judeus julgam-se incumbidos da missão de instaurar, neste mundo, essa era de perfeita felicidade, sonho messiânico que os torna essencialmente revoltados.

"Sem a lei e sem o povo de Israel que a pratica, o mundo não subsistiria; Deus o reduziria, de novo, ao nada; e o mundo só conhecerá a felicidade, quando se tiver submetido ao império universal dessa lei, isto é ao império dos judeus. Portanto, o povo hebraico é o povo escolhido por Deus, para depositário das suas vontades e dos seus desejos, o único com quem a divindade celebrou um pacto, o eleito do Senhor... Israel está sob o próprio olhar de Jeová, é o filho predileto do Eterno, o único que tem direito ao seu amor, à sua benevolência, à sua proteção especial; e os outros homens estão colocados abaixo dos hebreus; só por piedade, os pode contemplar a munificência divina, porque só as almas dos judeus descendem do primeiro homem. (¹)

"Essa felicidade se realizará pela liberdade, pela igualdade, pela justiça. Todavia, se entre as nações, foi a de Israel a primeira que concebeu estas idéias, outros povos, em diferentes épocas da história, bateram-se por elas, sem serem, como os judeus, povos de revoltados. Porquê? Porque, se estavam convencidos da excelência da justiça, da igualdade, e da liberdade, não consideraram possivel a sua realização total, no mundo, e não lutavam ùnicamente, em prol do seu advento.

"Os judeus, pelo contrário, não só acreditaram que a justiça, a liberdade e a igualdade poderiam ser as soberanas do mundo, mas julgaram-se especialmente incumbidos de instaurar êsse regime. Todos os anelos, tôdas as esperanças, que êsses três princípios faziam nascer, acabaram cristalizando-se em

(¹) G. Batault — *O problema judeu*, pág. 103. Ed. Plon-Nourrit, 1921.

(¹) B. Lazare — *Antissemitismo*, pág. 8.

tôrno de um núcleo central: o sonho dos tempos messiânicos, a chegada do Messias que deveria ser enviado por Iahvé, para estabelecer o seu poderio nas ruínas terrestres". [1]

"E o resultado da revolução messiânica deve ser, para êles, sempre o mesmo; Deus subverterá as nações e os seus reis e fará triunfar Israel e o seu Senhor; as nações se converterão ao judaísmo e obedecerão à sua lei, ou serão destruídas, tornando-se os judeus senhores do mundo". [2]

Logo:

"Os acontecimentos contemporâneos [3] demonstram, por mais que se queira cavilar, o parentesco íntimo do judaísmo e do espírito de revolta. Sob fórmulas diversas, é sempre o velho sonho messiânico dos profetas e dos salmistas que domina os cérebros. O internacionalismo pode muito bem ser um nacionalismo dilatado, um verdadeiro imperialismo ideológico, que aspira a subordinar as nações ao ideal de justiça obstinado e exclusivo que foi o de Israel, no decurso dos séculos, que arruinou Israel e que, há dois mil anos, lavra o mundo. Desprezando os limites humanos, as diferenças, as imperfeições, desdenhando as necessidades da vida e tôdas as tradições, exceto a sua, a paixão messiânica, agitada pelo sôpro tempestuoso do espírito de revolta, percorre o mundo, devastando tudo à sua passagem. Clamando para o futuro, do profundo de um passado milenário, a voz dos profetas continua a incitar a raça para um mundo de justiça, em que se deveria realizar o sonho orgulhoso e impossível de Israel". [4]

Essa raça, em que a religião imprime as suas tendências anti-sociais, estará organizada, possuirá chefes reconhecidos, com autoridade sôbre todos os grupos judaicos do mundo?

(1) B. Lazare — Obra citada, pág. 322.
(2) G. Batault — Obra citada, pág. 135.
(3) Entre outros, e bolchevismo.
(4) G. Batault — Obra citada, pág. 155.

AS ORGANIZAÇÕES JUDAICAS

Não se pode duvidar de que os judeus obedeçam a uma organização. O indivíduo de outra raça dificilmente lhe descobrirá os detalhes secretos, mas as suas manifestações exteriores provam a existência de uma autoridade, de um poder oculto inegáveis.

Falando às autoridades inglesas, na ocasião da sua visita a Jerusalém, um judeu, Chaim Weizmann, declarou:

"Rehaveremos a Palestina, com o vosso consentimento ou sem êle. Podeis acelerar a nossa chegada ou retardá-la; mas, no vosso próprio interêsse, deveis auxiliar-nos, pois, em caso contrário, o nosso poder construtor se transformará numa fôrca de destruição que subverterá o mundo." [1]

Na mesma época, nos Estados Unidos, um judeu, B. M. Baruch, disse a uma comissão de inquérito do Congresso americano:

"Posso dizer — e, sem dúvida, é verdade — que exercí poder maior do que o de qualquer homem durante a guerra."

E alguém acrescentou:

"Êle poderia ter dito: "Durante a guerra, nós, os judeus, tínhamos mais poder do que vós, os americanos." E diria a verdade."

Se dermos a esta autoridade o nome de govêrno, poder-se-á discutir a denominação; mas isto não alterará o fato da existência de um poder judaico, de ter êste conseguido abater a Rússia e de se vangloriar de poder humilhar, em caso de necessidade, os governos ingleses e americanos. A campanha dos judeus, em 1909, contra o presidente Taft e a derrota dêste provam que esta asserção não é sem fundamento.

Por outro lado e diversas vezes, viram-se as organizações

(1) Rosenberg — *Der Staatsfeindliche Sionismus.* Frase que me foi confirmada por um oficial inglês que, naquele tempo, fazia parte do *Intelligence Service* da Palestina. Veja-se também o *Morning Post*, de 2-8-921.

judaicas movimentar massas judias; tais movimentos foram sempre caracterizados pela rapidez e pela ação coletiva, demonstrando, portanto, que os judeus estavam sòlidamente unidos entre si, pelas suas organizações e provando também a existência de uma direção central, investida de uma autoridade considerável. Citemos, como exemplos, o caso Dreyfus e a imigração judaica nos Estados Unidos, após a guerra.

As principais organizações judaicas, mais ou menos ocultas, mas de cuja existência se tem certeza, são:

As Kahals e suas filiais, como a Comissão judaica da América.

A aliança israelita universal.

A ordem universal dos Bnaï Brith.

A Poale Zion.

Ignoramos se, encobertas por estas, existem outras organizações mais secretas. E' quasi certo que de uma perquisição operada nos centros das referidas organizações resultariam descobertas interessantes; porém, não é menos certo que nenhum govêrno atual ousaria empreendê-la.

Supõe-se que a mais importante entre estas organizações seja a Kahal ou Qahal.

KAHAL

Oringens e bibliografias (1)

"Já citamos o livro da *Kahal* de Brafman. E' a principal ou melhor a única fonte donde possamos tirar informações.

"Nascido na Rússia e de origem judaica o autor converteu-se ao cristianismo, com a idade de trinta e quatro anos. Como chegara a consultar numerosas atas da Kahal, estava per-

(1) Êste estudo de Kahal é um resumo da obra de Mons. Jouin *O perigo Judeu-Maçônico*, vol. V.

Os judeus ocidentais afirmam que êste resumo não correspondeu ou não corresponde mais à realidade. Incluímos, portanto, êste capítulo, para ser objeto de discussão. Assim conseguiremos, talvez, elucidar o assunto.

feitamente informado. Em 1870, publicou, em Vilna, o seu *Livro da Kahal* em idioma russo. A impressão causada foi tal, que o govêrno dispôs-se a intervir contra essa jurisdição oculta dos judeus. *Mas essa intervenção ficou só em projeto.*

"Uma tradução francesa da obra apareceu, em 1873, sob o título de: *Livro da Kahal. Materiais para o estudo do judaísmo, na Rússia, e sua influência, sôbre as populações onde existe*, por I. Brafman. Traduzido por T. P., Odessa. Tipografia L. Nitzsche, 1873.

"E' um volume em 8.º de IV, com 256 páginas e dividido em duas partes. A primeira, que forma a obra pròpriamente dita, compreende apenas 17 capítulos e 93 páginas. A segunda é formada por uma preciosa coleção de atas da Kahal. Brafman, que examinara cêrca de um milhar de atas, publicou integralmente 285 dêsses documentos, correspondentes ao período 1795-1883.

"Os exemplares da tradução francesa tornaram-se também raríssimos, e foi por um acaso feliz que a *Revista Internacional das Associações Secretas* conseguiu fotografar um dêles.

"Faltando a obra original, é possível consultar outro livro que nela se inspirou e é quasi a sua reprodução, a obra de Calixto de Wolski, *A Rússia judaica*, publicada em francês, em 1887, por A. Levine, em Paris, e que, por sua vez, deu origem ao livro de L. Vial, *O judeu sectário ou a intolerância talmúdica*, publicado, em 1889, por Fleury em Paris". (Jouin vol. V, págs. 91 e 92).

Sabemos que, para os judeus, o *Talmud* representa a lei. Esta encontra a sua fórmula resumida no *Schulchan Arukh* que representa o código.

"Examinemos agora a sua aplicação. A prática quotidiana da lei exige, como em tôdas as sociedades, um poder executivo e judiciário que, entre os judeus, está reservado a um resumido grupo de magistrados. Êsse tribunal soberano denomina-se Kahal.

"A Kahal é a assembléia dos representantes de Israel. A

instituição data das épocas mais remotas. Vigorava já no regime democrático, por Moisés.

"Mais tarde, na época de Cristo, a Kahal tornara-se, na expressão da *Jewisch Encyclopedia*, "o centro da vida judaica." Sob o aspeto de *Sanhedrin*, era a Kahal que tratava de todos os negócios do estado, não só do ponto de vista religioso e judiciário, mas também dos assuntos legislativos e referentes à administração.

"A-pesar-da dispersão, a Kahal não devia perder a sua autoridade, nem a sua influência. Garantida pela tradição secular, a instituïção conservou o seu poder. Mas não funcionava mais francamente e ocultava-se nos guetos. Entretanto, em 1806, Napoleão I tentou restituir-lhe o esplendor, estabelecendo o Grande Sanhedrin da França ao qual competia a missão de regular a condição social dos judeus, relativamente ao estado jurídico dos diversos países em que estavam disseminados. O Imperador não tardou a perceber que fôra pouco previdente; quis limitar os abusos de Israel e, bem de-pressa, viu elevar-se contra o seu poder "essa fôrça misteriosa da finança, contra a qual ninguém, nem o próprio Napoleão, consegue resistir", como afirmou, um dia, Leão Say, na tribuna parlamentar." [1]

Generalidades da Kahal

"A Kahal exerce o poder legislativo e executivo. O Beth-Dine é o tribunal que garante o respeito dos atos administrativos.

"Embora represente a sobrevivência do antigo *Sanhedrin*, o Beth-Dine é apenas o anexo e o complemento da Kahal. Esta é que exerce a autoridade soberana.

"Seja qual fôr a sua importância, qualquer Kahal compreende duas categorias de membros: a primeira, formada de magistrados e dignitários, é a Kahal pròpriamente dita; a segunda compõe-se do pessoal subalterno.

"Os dignitários constituem o Grande Conselho e exercem

(1) Jouin — Vol. V, pág. 90.

uma autoridade soberana sôbre a comunidade judaica da sua religião.

"A Kahal é o regulador da vida judaica. Em cada circunscrição, o seu papel consiste, efetivamente, em assumir a defesa dos interêsses da comunidade. Delibera e estatue sôbre a situação criada pelos acontecimentos, estabelece as medidas que convém aplicar. Intervém, por conseguinte, na vida diária de cada judeu, a quem dirige, de certo modo, sob todos os pontos de vista. Resolve as questões religiosas, civis e comerciais, regula a hierarquia social, etc. [1]

"Esta disciplina imposta pela Kahal aos membros da comunidade é compensada pelo cuidado atento que dedica à defesa dos seus interêsses. E esta solicitude incansável explica o exclusivismo judeu de que é uma manifestação.

"A vigilância da Kahal, no domínio prático, completa o zêlo com que, atravéz dos séculos, os rabinos mantiveram as leis judaicas acima das leis das nações. Israel recusa incorporar-se aos povos que lhe concedem hospitalidade. Entre os costumes dos seus hóspedes, só aceita os que se harmonizam com as suas tendências. Em tudo o mais, eleva-se como antagonista, cioso dos privilégios que se arrogou no decurso dos séculos. A Kahal exerce contínua vigilância, afim de que as posições conquistadas não sejam abandonadas e as vantagens obtidas se perpetuem, a-pesar-das tentativas feitas, para as anular". [2]

O BETH-DINE

"As atribuïções da Kahal são de ordem administrativa, referem-se especialmente aos interêsses da comunidade. Tratando-se de um processo, de um litígio ou de um crime, em uma palavra: de uma questão judiciária ou disciplinar, é ao Beth-Dine que cabe tomar conhecimento do caso.

"Como já dissemos, o Beth-Dine corresponde ao Sanhe-

(1) Jouin — Vol. V, pág. 100.
(2) Jouin — Vol. V, pág. 105.

drin dos tempos antigos. Mas hoje não possue a independência, que, outrora, podia reivindicar. Está subordinado à Kahal, de que é apenas a secção judiciária. E' a êste tribunal que se dirigem os israelitas, preferindo-o às jurisdições dos países em que vivem.

"O Beth-Dine pode impor sanções de diversas categorias, que consistem principalmente em multas e castigos materiais. Nos casos graves, lança um anátema contra o delinqüente". (1)

Estas informações ténicas são confirmadas por um estudo documentado sôbre a Kahal de Nova York, publicado no "International Jew". (2)

"Há lojas e organizações exclusivamente judaicas bem conhecidas do público; mas não são estes os grupos que merecem atrair a atenção. No meio dêles e encoberto por êles, existe

(1) Jouin — Vol. V, pág. 115-121.

(2) Em 1920, o *Dearborn Independent*, jornal de H. Ford, publicou uma série de artigos sôbre a questão judaica. Êsses artigos, muito documentados e serenos, obtiveram tanto sucesso que o jornal adquiriu imediatamente nma expansão enorme. Depois, os mesmos artigos foram reünidos num livro, intitulado *The International Jew*. Os Judeus ficaram profundamente indignados, porque o adversário era sério. E encetaram contra Ford uma violenta campanha que durou diversos anos e só terminou em 1927.

Angustiado por graves embaraços financeiros, processado pelos judeus perante os tribunais americanos, vítima de um grave acidente automobilístico que se diz ter sido muito misterioso, Ford escreveu às organizações judaicas uma carta em que desmentia tudo o que publicara contra os judeus. Estes, depois de o deixarem algum tempo na incerteza, aceitaram a retratação. Os processos em andamento foram sustados e corre o boato de que, se o arrependimento de Ford fôr sincero, pode-se pensar no seu nome, para a presidência dos Estados Unidos.

Embora a retratação pessoal de Ford não diminua o valor intrínseco dos seus documentos, publicamos o trecho extraído do livro em questão, sob absoluta reserva e ùnicamente sob o seu aspecto documentário.

um grupo central, o govêrno oculto cujas ordens constituem leis e cujos atos são a expressão oficial do plano judeu.

"Duas dessas organizações, notáveis ambas pelo seu ocultismo e pelo seu poder, são a Qahal de Nova York e a Comissão judaica da América.

"Dizendo ocultismo, queremos exprimir que estas associações existem em grande número, que interessam pontos vitais da vida americana, sem que ninguém suspeite da sua existência.

"Se hoje consultássemos a população de Nova York verificaríamos, talvez, que apenas um sôbre cem não judeus ouviu falar da Qahal da cidade; todavia ela é um dos fatores da vida política de Nova York. Conseguiu existir, amoldar e remodelar a vida da cidade, sem que ninguém o tenha percebido.

"Se a imprensa menciona a Qahal, a impressão — se há impressão — é que se refere a uma vulgar organização judaica.

"A Qahal promulga leis, julga casos legais, é um govêrno na dispersão; ou melhor: depois que o destino transformou os judeus em povo errante, êles organizaram um govêrno próprio, em condições de funcionar independente dos governos gentios. No cativeiro babilônico como, atualmente, na Europa ocidental, a Qahal é o poder e o protetorado a que o judeu recorre, para obter direção e justiça.

"A conferência da paz instituiu a Qahal na Polônia e na Rússia. A Qahal, estabeleceu suas aulas de justiça na cidade de Nova York.

"A Qahal promulga leis, julga casos legais e sentenças de divórcio. Os judeus recorrem à Qahal, preferindo a justiça judaica à do país. E' o resultado de um acôrdo celebrado entre êles, como os cidadões dos Estados Unidos concordam em serem governados pelas instituições que elegem para tal fim.

"A Qahal de Nova York é a união judaica mais poderosa do mundo. O centro do poderio judaico foi transferido para esta cidade. Isto explica a enorme migração judaica para Nova York, que é, atualmente, para os judeus, o que Roma é para os católicos e Meca para os muçulmanos. Pela mesma razão, os emigrantes judeus procuram a Palestina.

"A Qahal é a resposta categórica à afirmação de que os judeus estão tão divididos, que tôda ação premeditada se lhes

torna impossível. Esta fórmula destina-se especialmente aos profanos; com efeito, verificou-se, muitas vezes, que, se nem sempre há unidades entre os judeus, houve, em todos os tempos, perfeita solidariedade contra os não-judeus.

"A Qahal é uma aliança, mais ofensiva do que defensiva, contra os gentios.

"A maioria da Qahal é inteiramente radical; é formada por êsses milhares de homens que organizaram cuidadosamente, nesta cidade, o govêrno que devia assumir o poder na Rússia, chegando até a designar o judeu que sucederia ao Tzar. Contudo, a-pesar-desta maioria radical, os seus chefes são judeus que ocupam cargos importantes no govêrno, na finança e na justiça.

"A Qahal apresenta o espetáculo singular e realmente magnífico de um povo originário de uma raça uniforme, confiando tão profundamente em si próprio e no seu futuro, que domina os dissentimentos particulares, para combinar finalmente uma organização possante, destinada a promover a elevação material e religiosa da sua raça, em detrimento das outras".

"Dependem atualmente da Qahal mais de mil organizações judaicas. Para avaliar a sua importância, é preciso considerar a população de Nova York. Segundo os algarismos judeus (não existem outros) há três anos, havia, só na cidade,......... 1.500.000 judeus.

"Depois êste número aumentou consideràvelmente. O próprio govêrno dos Estados Unidos não lhe conhece a proporção exata.

"Nova York é judia."

"Na previsão de que alguém queira diminuir a importância da Qahal, reduzindo-a a simples representação dos elementos mais radicais, dos "judeus apóstatas", como agora se costuma dizer, enumeramos aquí alguns dos seus chefes:

"Jacob Schiff, banqueiro.

"L. Marshall, jurisconsulto, presidente da Comissão Judaica da América e freqüentador assíduo da presidência, em Washington.

"A. S. Ochs, proprietário do *New York Times*.

"Otto H. Kuhn, do banco Kuhn Loeb & Cia.

"B. Schlesinger, que regressou recentemente de Moscou, onde conferenciou com Lenine, etc.

"Membros de tôdas as classes sociais uniram-se todos, com essa solidariedade que só se encontra entre os judeus, e coalizaram-se, para proteger os interêsses judaicos. Contra quem? Os americanos não gozam de nenhum direito que não tenha sido concedido aos judeus. Contra que ou quem se organizaram os judeus? Que querem? E' a pergunta que constitue a base do problema judaico."

O que querem é, em resumo, a judaïzação do mundo; pretendem substituir a idéia cristã pelo conceito judaico em todos os ramos da vida.

ALIANÇA ISRAELITA UNIVERSAL

Foi fundada por Crémieux em 1860. Segundo Butmi, ela reúne os maçons escolhidos de todo o universo. Tendo sob as suas ordens tôdas as organizações maçônicas martinistas, frankistas sionistas, parece ser um senado maçônico com influência internacional.

"O sucesso desta instituïção deriva, em grande parte, dos recursos consideráveis de que dispõe e que provêm dos seus membros opulentos que a dotaram pròdigamente, particularmente o célebre construtor dos caminhos de ferro dos Bálcans, o barão judeu Maurício Hirsch." [1]

A Aliança israelita exerce uma influência mundial, e é a essa organização que se deve, em grande parte, a Liga das Nações, realização judaica de uma idéia alimentada e reclamada insistentemente pelos judeus; efetivamente, já em 1864, os *Arquivos Israelitas*, órgão da Aliança, publicavam a declaração de um dos seus membros, Levy Bing, requerendo a instituïção de um supremo tribunal judaico, destinado a julgar as desavenças entre as nações.

"Se as vinganças pessoais foram pouco a pouco diminuindo, se, nos litígios, não é mais lícito fazer justiça por si mesmo, mas recorrer a julgamentos geralmente aceitos e desinteressa-

[1] Netchvolodoff — Obra citada, pág. 125.

dos, não será natural, necessário e muito mais importante ver, em breve, outro tribunal, um tribunal supremo encarregar-se das grandes dissensões públicas, das queixas das nações, um tribunal que julgue sem apelação possível e cuja palavra constitua lei? E esta palavra deve ser a palavra de Deus, pronunciada pelos seus filhos prediletos, os hebreus; e diante dela se inclinarão com respeito tôdas as potências, isto é, o universo dos homens nossos irmãos, nossos discípulos e nossos amigos". (1)

OS BNAÏ — BRITH

A ordem dos Bnai-Brith é uma ordem maçônica internacional, reservada exclusivamente aos judeus (porque, se estes procuram fazer parte de tôdas as associações secretas, interdizem, nas suas, a entrada a quem não fôr judeu).

Foi fundada em 1843, em Nova York, mas tem, atualmente, em Chicago o seu quartel-general; divide o mundo em 11 distritos, sendo sete nos próprios Estados Unidos. Conta cêrca de 500 lojas com quasi 100.000 adeptos.

Os quatro membros da sua comissão executiva não residem nos Estados Unidos; estão, respectivamente, em Berlim, Viena, Bucarest e Constantinopla. As lojas estão disseminadas pelo mundo inteiro e os seus diretores (os que são conhecidos como tais) são os mesmos que aparecem em tôdas as grandes organizações judaicas.

A importância da ordem dos Bnai-Brith é indiscutível.

Quando, em 1909, o govêrno dos Estados Unidos rompeu o tratado de comércio com a Rússia, o presidente Taft, antepondo os interêsses do seu país aos interêsses judaicos, opôz-se resolutamente a essa ruptura, mas foi ràpidamente vencido.

Para acentuar bem que êsse sacrifício era devido, especialmente, à ordem dos Bnai-Brith, o presidente presenteou-a com a pena que servira para notificar à Rússia a ruptura do tratado.

Não há, aliás, nenhum candidato à presidencia da grande república americana que não corteje essa associação.

(1) *Arquivos Israelitas*; fls. 310-350. Março de 1864.

Segundo pessoa bem informada, os Bnaï-Brith constituiriam uma superposição de associações secretas, terminando num centro único de direção. Acima dos Bnaï-Brith, haveria os Bnaï-Moshé, os Bnaï-Zion e finalmente a suprema direção oculta. Como não possuo provas, limito-me a trancrever a informação.

A POALE-ZION

Eis o que nos diz um judeu sôbre esta organização:

"As *Poale-Zion* impõem como fim à atividade do proletariado judeu a criação de um estado socialista, na Palestina. Examinemos alguns trechos do programa do partido:

"A Poale-Zion tende à criação de um centro político e nacional na Palestina; preconiza uma luta ativa contra a ordem social existente... O partido Poale-Zion adota o programa do partido socialista internacional, que aspira à abolição da sociedade capitalista e ao estabelecimento de um estado socialista. A criação de um centro nacional e político na Palestina é, para o partido, a condição essencial da existência e do desenvolvimento normal do povo judeu.

"A Poale-Zion trabalha em prol dêste resultado na Rússia, na Palestina e alhures; parece ser atualmente o único partido proletário israelita internacional. Uma das suas frações adere à Internacional comunista e a outra à Internacional socialista." (1)

Outro partido, o *Bund* (união dos operários judeus da Lituânia, da Polônia e da Rússia) tinha um programa socialista análogo, mas pretendia realizá-lo na própria Rússia e não na Palestina.

"Antes da guerra, a ação dêsses dois partidos, na Rússia e na Palestina, foi considerável. Como, atualmente, conside-

(1) **Elias Eberlin — "*Os judeus de hoje*". Ed. Rieder, 1928, pág. 24.**

ra o seu programa realizado na Rússia, o *Bund* fundiu-se com os partidos comunistas e menchevistas da U. R. S. S." (¹)

Não é exagêro afirmar que os judeus formam uma nação entre as nações, com poderosas organizações internacionais, sendo algumas secretas.

Tirar desta circunstância a conclusão de que tôdas essas organizações obedecem à direção única e oculta de um govêrno judaico mundial, seria inverossímil. Se diversas manifestações do poder judaico (o caso Dreyfus, a imigração judaica para os Estados Unidos, após a guerra) evidenciaram a existência de uma direção judaica internacional, há, por outro lado e freqüentemente, violentas dissensões no seio do judaísmo.

Aliás, não creio que haja necessidade de uma única direção central, para explicar a unidade de ação dos judeus.

O exclusivismo religioso, a solidariedade da raça, a comunhão de espírito e de interêsses explicam-na amplamente.

Mais do que uma conspiração pròpriamente dita, é a aspiração messiânica da raça inteira, que Bernardo Lazare resume nestes termos:

"O judeu é anti-social, numa sociedade com bases cristãs, ou melhor, religiosas; mas que outras bases pode ter a sociedade?" (²)

O PLANO JUDAICO DE AÇÃO

Possuirão as organizações judaicas um programa geral de ação, ao serviço dos interêsses judeus e em detrimento dos outros? Em caso positivo, qual é êsse programa?

E' difícil saber exatamente o plano da atividade judaica, mas podemos conhecer-lhe a linha geral de ação, observando o sentido da atividade que os judeus desenvolvem no mundo e estudando os documentos que possuímos.

Na primeira parte do nosso estudo sôbre o judaísmo, verificámos a orientação da atividade aparente; examinemos agora alguns documentos, principalmente um que, depois da guer-

(¹) Elias Eberlin — Obra citada, pág. 25.
(²) B. Lazare — *O Monturo de Job.* Rieder; Paris, 1928.

ra, teve uma repercussão enorme: *Os Protocolos dos Sábios de Sion.*

Foram publicados, pela primeira vez, na Rússia, em 1901, por Sérgio Nilus e, quasi na mesma época, por G. Butmí; um dos seus exemplares foi depositado, em 10 de agôsto de 1906, no *British Museum* de Londres.

A princípio, êste singular documento passou despercebido e foi considerado como a obra de um demente visionário.

Mas, quando a guerra e o bolchevismo realizaram o que estava anunciado nos *Protocolos,* estes, a-pesar-de todos os impedimentos, tornaram-se conhecidos em todo o mundo.

Consiste na exposição de um plano mundial da ação judaica que teria sido furtado durante uma conferência sionista secreta, realizada na Suiça, numa localidade que se ignora, em 1877. Eis as suas linhas gerais:

"I Há e houve, desde muitos séculos, uma organização judaica secreta, política e internacional.

"II O espírito que anima esta organização parece ser um ódio tradicional e eterno contra o cristianismo e uma ambição titânica de domínio universal.

"III O fim almejado durante séculos é a destruição dos Estados nacionais e a sua substituição pelo domínio judaico internacional.

"IV O método empregado para enfraquecer primeiro e depois aniquilar os corpos políticos atuais, consiste em inocular-lhes idéias políticas desorganizadoras. Estas idéias resumem-se nos princípios revolucionários de 1789."

O judaísmo está imune dessas doutrinas corrosivas.

"Nos prègamos o liberalismo aos gentios, mas conservamos, simultâneamente, na nossa nação, uma disciplina absoluta".

As referidas idéias inoculam-se por meio da escola, da Maçonaria, da imprensa, do teatro, etc.

Os dois primeiros tradutores, Nilus e Butmi, publicaram os *Protocolos*, sem comentários e sem fornecer nenhuma prova da sua autenticidade. Deve-se o seu sucesso à sua clareza, à sua redação fria e lógica, à explicação do caso mundial que contêm e à realização dos acontecimentos que vaticinavam.

Os *Protocolos* foram objeto de violenta polêmica. Se os seus defensores não conseguiram provar a sua autenticidade, os seus adversários também não puderam refutá-los; (1) ouçamos a opinião de N. H. Webster:

"O certo é que os *Protocolos* nunca foram refutados e que a futilidade das suas pretensas refutações e a circunstância da sua supressão temporária contribuíram, para convencer o público da sua autenticidade, mais do que a totalidade dos escritos antissemitas relativos ao assunto."

Podemos concluir, portanto, que os *Protocolos* constituem um documento muito impressionante; mas, desde que não lhes podemos atribuir uma origem histórica pròpriamente dita, preferimos descartá-los inteiramente.

Se consultarmos a literatura judaica, verificaremos que é difícil abrir um livro de qualquer dos seus escritores — historiador, sociólogo, estadista ou literato — sem encontrar essa miragem da hegemonia mundial que influencia o cérebro do povo eleito, os seus pensamentos e os seus atos.

Sôbre esta supremacia todos concordam, a sua forma é que difere, segundo as individualidades; uns a predizem material, outros a preveem espiritual e outros ainda, os mais numerosos, a desejam material e espiritual.

Atendo-nos aos autores mais conhecidos e importantes, citaremos, entre outros, Herel, Asher Ginzberg, Alfredo Nossig e Bernardo Lazare.

Demos a palavra ao último:

(1) Vejam-se os livros de Mons. Jouin, de R. Lambelin, do general Nechvolodoff, de N. H. Webster etc.

"Povo enérgico, vivaz, infinitamente orgulhoso, considerando-se superior às outras nações, os judeus quiseram constituir uma potência. Possuem naturalmente o instinto do predomínio, porque, pela sua origem, pela sua religião, pela qualidade da raça eleita que sempre se atribuíram, julgam-se superiores aos outros povos. Não lhes foi dado escolher os meios, para o exercício dessa espécie de autoridade. O ouro conferia-lhes o poder que tôdas as leis políticas e religiosas lhes recusavam, o único que podiam esperar.

"Detentores do ouro, tornavam-se senhores dos seus senhores, dominavam-nos, e nisto consistia também o único meio de desenvolverem a sua energia e a sua atividade." (1)

E ainda:

"Os judeus emancipados penetraram nas nações como estrangeiros... Entraram nas sociedades, não como hóspedes, mas como conquistadores. Assemelhavam-se, antes, a um rebanho encurralado. Repentinamente as barreiras caíram e êles precipitaram-se no campo que lhes era franqueado. Ora, os judeus não eram guerreiros... Realizaram a única conquista para que estavam armados: a conquista econômica, para a qual, há tantos anos, se preparavam". (2)

Logo, e ainda segundo Bernardo Lazare:

"O judeu é o testemunho vivo do desaparecimento dêsse Estado que tinha por base princípios teológicos, um estado cuja reconstrução é o sonho dos antissemitas cristãos. No dia em que um judeu ocupou uma função civil, o estado cristão começou a estar em perigo; isto é exato e, em lugar de afirmarem que os judeus destruíram a nação do estado, os antissemitas poderiam dizer, com mais acêrto, que o ingresso dos judeus na sociedade simbolizou a destruição do estado; do estado cristão, bem entendido". (3)

(1) B. Lazare — *Antissemitismo*. Chailley, 1894.
(2) B. Lazare — Obra citada, pág. 223.
(3) B. Lazare — Obra citada, pág. 361.

Vejamos agora a idéia de domínio espiritual.

Alfredo Nossig, um dos dirigentes do judaísmo, no seu livro *Integrales Judentum*, fornece-nos, sôbre êste ponto, nítidas e preciosas informações:

"A comunidade judaica é mais do que um povo, no moderno sentido político da palavra. E' a depositária de uma missão històricamente universal, ou melhor cósmica, que lhe confiaram os seus fundadores Noé e Abrão, Jacó e Moisés, missão que forma o núcleo inconciente do nosso ser, a substância comum às nossas almas.

"A primitiva concepção dos nossos antepassados não foi fundar uma tribu, mas instituir uma ordem mundial destinada a guiar a evolução da humanidade.

"Eis a verdadeira, a única significação da escolha dos hebreus, para povo eleito. Não foram chamados a uma glória exterior, nem ao domínio material do mundo, mas ùnicamente à realização dêste dever cósmico, mais pesado e mais severo, que consiste em trabalhar para o progresso do desenvolvimento espiritual e moral da humanidade...

"*Gesta naturae per Judeos:* eis a fórmula da nossa história. Repitamo-la continuamente: não somos, como os adversários rancorosos nos exprobam, um povo que aspira ao domínio do mundo, sob o aspecto material, mas uma ordem espiritual destinada a dirigir o progresso da humanidade". [1]

Esta é, portanto, a missão de Israel, que está convencido da sua próxima realização.

"Saimos de uma longa noite, assustadora e sombria. Diante de nós, estende-se uma paisagem gigantesca: a superfície do globo. E' o nosso caminho. Pairam ainda, sôbre nós, nuvens escuras e tempestuosas. Os nossos ainda morrem, às centenas, pela sua fidelidade à nossa causa. Mas já se aproxima o tempo da gratidão e da fraternidade dos povos. Já brilha no horizonte, a aurora do *Nosso Dia*". [2]

---

[1] A. Nossig — *Integrales Judentum*, págs. 1-5.
[2] A. Nossig — Obra citada, pág. 21.

Israel pretende, por conseguinte, edificar a ventura da humanidade e julga-se em vésperas de a realizar. Esta elevação de sentimentos é, em princípio, magnífica; mas que meios se propõe a empregar? Nas páginas seguintes, A. Nossig nos informa de que: "Êsse supremo progresso humano, para o qual Israel nos deve guiar, é o socialismo universal".

Repitamos algumas frases já citadas:

"O mosaismo é o socialismo desembaraçado das utopias e do terror do comunismo, como da ascése cristã.

"O socialismo mundial da atualidade constitue o primeiro estádio da aplicação do mosaísmo, o princípio do estado futuro do mundo, anunciado pelos nossos profetas".

Concluindo, Nossig afirma:

"Se os povos quiserem realmente progredir, devem libertar-se do seu receio medieval dos judeus [1] e dos préconceitos reacionários que nutrem contra êles. Devem, finalmente, reconhecer que são, na realidade, os precursores mais sinceros do progresso da humanidade.

"Hoje, a salvação do judaismo requer que reconheçamos francamente, perante o mundo, o programa socialista. A salvação da humanidade, nos séculos futuros, depende do triunfo dêsse programa".

E é depois da assustadora catástrofe russa, depois da falência total do princípio socialista, falência confessada pelos próprios bolchevistas, que se ousa dizer isto! [2]

---

[1] Vimos como W. Sombart reduz ao nada esta alusão histórica.

[2] Recaímos continuamente no mesmo equívoco: Em conseqüência do espírito de revolta, do exclusivismo e das tendências messiânicas que os animam, os judeus são essencialmente revolucionários, mas não o percebem e julgam cooperar para o progresso. Sob êste aspecto, o livro de Bernardo Lazare é típico. Querem a felicidade na terra, pela justiça, mas o que chamam justiça é a vitória dos princípios judeus no mundo, princípios cujos dois extremos são a plutocracia e o socialismo. O antissemitismo moderno é a reação contra o mundo atual, produto do judaismo.

Na Rússia, Israel teve ensejo de aplicar êsse socialismo que deve formar a ventura da humanidade. Em alguns anos, quasi em poucos meses, destruiu a obra de muitos séculos, originando um regime cuja atrocidade não tem exemplo na história mundial. Sei que Nossig reprova os processos terroristas, mas tôdas as revoluções demagógicas prometeram a felicidade, sem efusão de sangue, e tôdas terminaram, mais ou menos, na orgia dos massacres. E é para êsse socialismo de que se fêz experiência na Rússia que Nossig nos quer encaminhar, admirando-se da nossa resistência, que qualifica: "preconceitos reacionários"!

Que perigo para a humanidade, a existência de uma raça inteira, propagadora de semelhantes princípios de dissolução!

A carta que abaixo reproduzimos, escrita por um judeu bem conhecido nos meios literários ingleses, Oscar Lévy, confirma completamente esta opinião e responde às teorias de Nossig.

Pouco depois da guerra, o escritor inglês G. Pitt-Rivers publicou um livro intitulado *A significação mundial da revolução russa*, em que demonstrava a ação da influência judaica no bolchevismo e a significação mundial dêste fato. Tendo comunicado o seu manuscrito a um judeu, Oscar Lévy, êste respondeu com uma carta que Pitt-Rivers mandou imprimir como prefácio do seu livro.

Como é muito extensa, reproduzimos apenas as passagens principais:

"Não podieis escolher título mais apropriado do que *Significação mundial da revolução russa*, porque nenhum acontecimento, em época alguma, terá, para o mundo atual, mais significação do que êste.

"Está ainda muito próximo de nós, para podermos avaliar completamente o sentido complexo dessa revolução, dêsse acontecimento que foi, sem dúvida, um dos intuitos mais secretos e, portanto, menos evidentes da conflagração mundial, encoberto a princípio pelo fogo e pela fumaça dos entusiasmos nacionais e dos antagonismos patrióticos.

"Reconhecestes, com muito acerto, que há uma ideologia sob o comunismo.

"Porque o bolchevismo é uma religião e uma fé. Como

podiam êsses crentes semi-convertidos (os democráticos) pensar em vencer os verdadeiros crentes da sua própria fé, êsses fervorosos cruzados que, reünidos em torno do estandarte rubro do profeta Karl Marx, combatiam sob a audaciosa direção dêsses oficiais experimentados das revoluções modernas: os judeus?

"Não há, talvez, na Europa moderna, um só acontecimento que não se possa atribuir aos judeus. Todos os ideais, todos os hodiernos movimentos de idéias provêm originàriamente de fonte judaica, pela simples razão de que, afinal, a idéia semítica conquistou e subjugou inteiramente o nosso universo, que só é ateu, na aparência.

"E é certo também que a atual influência judaica não pode ser considerada, sem uma justificada inquietação.

"Todavia, a questão principal é saber se os judeus são malfeitores concientes ou inconcientes. Pessoalmente, estou convencido da sua inconciência, mas não julgueis por isto que os queira absolver. Tenho a convicção absoluta de que os revolucionários judeus não sabem o que fazem.

"Notastes, com estranheza, que os elementos judeus fornecem as fôrças dirigentes do comunismo e do capitalismo, da ruína material e espiritual do mundo. Mas, ao mesmo tempo, mostrastes suspeitar de que a causa dêste fato singular reside no intenso idealismo dos judeus. E tivestes muita razão. Na prática e na teoria, no idealismo e no materialismo, na filosofia e na política, os homens e as mulheres da raça judia, Haase, Levine, Rosa Luxembourg, Landauer, Kurt Eisner, de Moisés a Karl Marx, de Isaias a Eisner, são hoje o que sempre foram: dedicados apaixonadamente aos seus fins, aos seus ideais e dispostos a verter o próprio sangue, em prol da realização das suas visões.

"Mas tôdas essas visões são falsas, direis vós. Considerai o estado a que reduziram o mundo. Pensai que tiveram ensejo de serem experimentadas, durante três mil anos. Por quanto tempo ainda pretendeis recomendá-las e infligi-las, e que meios empregareis, para nos retirardes do lodaçal a que nos atirastes, se não mudardes a direção tão desastrosa que imprimistes ao mundo?

"A essa pergunta só posso responder: "Tendes razão". A vossa censura que é — estou certo — a base do vosso antissemitismo é mais do que justificada e, neste campo, estou disposto a estender-vos a mão, e a defender-vos da acusação de

incitar o ódio de classe. Se sois antissemita, eu, o semita, o sou também, e antissemita mais fervoroso do que vós.

"Porque — espero e creio — há um antissemitismo que presta aos judeus serviços mais valiosos do que o filossemitismo e que permite ser justo com êles, sem incorrer no romantismo.

"Nós, os judeus, nos enganámos e muito gravemente. E, se o nosso êrro tinha aparência de verdade, há três mil, há dois mil e até há cem anos, é, atualmente, uma falsidade e uma loucura; uma loucura, que originará uma miséria e uma anarquia ainda maiores.

"Nós, que prometêramos guiar-vos para um novo céu, acabámos arrastando-vos a um novo inferno...

"Não houve nenhum progresso, principalmente no domínio moral, e é a nossa mentalidade que o impede e— fato mais lamentável — que põe obstáculos a tôda reconstrução do nosso mundo em ruínas.

"Considero o mundo e estremeço, verificando-lhe o horror, principalmente porque conheço os autores espirituais dêsse horror.

"E êles são inconcientes, nisto como em tudo o que fazem. Seus olhos não vêem as misérias, seus ouvidos são surdos aos lamentos, o seu coração é insensível à anarquia da Europa; só pensam nos seus cuidados, choram ùnicamente sôbre a sua sorte, vergam apenas sob o seu fardo".

Por sua vez e sob o título: *A questão judaica, por um judeu*, René Groos escrevia:

"A 11 de novembro de 1918, a Alemanha viu-se obrigada a depor as armas e confessar-se vencida. A guerra custara a França 1.600.000 mortos, o sangue mais generoso da sua melhor mocidade... E não é certo que êste sacrifício tenha servido para alguma cousa...

"Se não se tomar cuidado, os vencidos de ontem, vencedores hoje, serão amanhã os conquistadores.

"Para êsse fim, trabalham ardorosamente as duas internacionais da finança e da revolução, que são as duas faces da internacional judaica.

"Os criminosos revelaram-se com demasiada impudência e em muitos países. O incêndio da Rússia projetou sôbre o crime o clarão intenso das suas formidáveis labaredas.

"Existe uma conspiração judaica contra tôdas as nações e, em primeiro lugar, contra a França, contra o princípio de ordem que ela representa no mundo. Esta conspiração insinuou-se em quasi todos os ramos do poder. E, na França, reina incontestàvelmente.

"Não tive razão de falar num reinado judeu? Embora seja menos aparente do que na Rússia e na Húngria bolchevista, não é menos real". (1)

Depois desta revista de numerosos e variados textos judeus, chegámos lògicamente a esta conclusão:

Se a observação dos acontecimentos que se desenvolvem, atualmente, no mundo não bastasse para nos informar, há escritos judeus, numerosos e indiscutíveis que provam o seguinte:

A idéia de domínio judaico universal existe e não se limita ao abstrato, mas realiza-se, presentemente, sob os nossos olhos, no domínio material e sobretudo no domínio espiritual, por meio da revolução mundial. O judaísmo e a Maçonaria formam a base dêste movimento subversivo.

Seria exagêro afirmar que o judaismo o criou completamente, mas, seja qual fôr a parte que nêle toma, pode-se garantir que, mais do que ninguém, aproveita com as revoluções e dá-lhes o apôio da fôrça compacta da sua possante organização.

Incontestàvelmente, sem o apôio da Maçonaria e do judaísmo, segundo tôdas as probabilidades, os movimentos revolucionários não conseguiriam assumir tão grandes proporções, nem difundir-se como sucedeu, no mundo inteiro.

(1) *Nouveau Mercure*, maio de 1927.

CONCLUSÃO

Antes de concluir o estudo da questão judaica, devemos ainda elucidar dois pontos:

I — O movimento mundial de destruição revolucionária será apoiado pela totalidade dos judeus?

II — Esta obra de ruína é conciente ou inconciente?

E, como corolário, apresenta-se o quesito seguinte:

O movimento revolucionário e sua conseqüência, o domínio judaico, será o resultado de uma conspiração judeu-maçônica ou simplesmente o efeito natural dos princípios modernos, estabelecidos desde 1789: materialismo e ateísmo, no domínio espiritual, liberalismo, democracia e república, no domínio político e coletivismo, no domínio social?

Existem, no mundo, poderosas fôrças maçônicas e judaicas. Como verificámos, estas fôrças obedecem a uma organização e a uma direção internacionais; podemos, portanto, considerá-las uma conspiração.

Seria, contudo, absurdo concluir daí que o judaísmo constitue um exército revolucionário compacto, dirigido por um chefe supremo, único grão mestre da revolução universal. Qual é a proporção dos judeus nessa conspiração? Ignoramo-lo. Todos os judeus não são bolchevistas, nem todos os maçons, revolucionários ateus; é, porém, incontestável que os judeus, pela sua mentalidade judaica, e os maçons, pela sua mentalidade maçônica, são essencialmente revolucionários.

"O exclusivismo, o monoteísmo feroz, a ciosa intolerância, a lei confusa — que formaram os judeus e lhes garantiram uma triste continuidade — e a sua tradição intransigente conservaram a nacionalidade e criaram, de certo modo, a raça inassimilável que parece zombar do tempo e desafiar a história.

"A instintiva oposição dos judeus a tôda ordem estabelecida é a conseqüência direta do seu esfôrço secular, para manter imutáveis o seu ideal e a constância das suas tradições primitivas. O espírito de revolta inerente ao judaísmo é negativo. No seio das nações que pretende dissolver, abala tôdas as formas religiosas, políticas e sociais e tende a destruir, por um instinto egoísta de conservação.

"E' assim que o povo mais rigorosamente conservador do mundo pretende sempre militar à frente do *progresso*, oferecendo o seu concurso aos pretensos partidos *avançados*, aos descontentes de tôda espécie que, por motivos diversos, aspiram a destruir a ordem existente e a substituí-la por outra, preferível por definição.

"As lutas sociais que, em última análise, se reduzem à luta dos ricos e dos pobres, são fenômenos históricos banais que, com diversa intensidade, se verificaram em todos os lugares e em todos os tempos; quando se prolongam, se exasperam e atingem ao paroxismo, provocam fatalmente a ruína dos estados e o desaparecimento das nações.

"Para manter a sua integridade material e espiritual, o judaísmo e o povo em que êste se encarna se comprazem em favorecer e entreter, nas outras nações, essa luta mortífera das classes que, afinal, lhes deve servir. Tal como os formou a história, o espírito e o instinto do judeu consideram essa luta, que é um poderoso instrumento de dissolução, como um meio de assegurar a vitória do povo eleito e o advento da era messiânica. O judaísmo pode fornecer uma verdadeira metafísica da revolução eterna". [1]

Passagem confirmada pelas palavras de um judeu, Elias Eberlin:

"Quanto mais radical fôr uma revolução, maior será o seu resultado de liberdade e de igualdade, para os judeus. Tôda corrente de progresso contribue para consolidar a sua posição. Mas são êles, igualmente, as primeiras vítimas de todo regresso, de tôda reação. Uma simples orientação política para a direita basta, muitas vezes, para expô-los à hostilidade, ao *numerus clausus*, etc. Sob êste aspecto, o judeu é o manômetro da caldeira social.

(1) G. Batault — *O problema judaico*, pág. 255.

"Portanto, como entidade, a nação judaica não pode formar ao lado da reação, isto é, o regresso ao passado representa, para o povo judeu, a continuação das condições anormais da sua existência. [1]

A influência judaica seria, pois, inconcientemente, ou melhor, instintivamente subversiva?

Sem esquecer a ação das organizações judaicas, com intuitos nitidamente subversivos, podemos admitir que o fato da inconciência seja mais provável do que se pensa.

Como entidade, os judeus são, portanto, essencialmente revolucionários e a circunstância de o serem inconcientemente não altera os fatos, nem o seu perigo.

Um livro como o de Afredo Nossig é uma obra notável, pelo fervoroso espírito judaico nacional e religioso que o anima. Denuncia uma convicção profunda e absoluta do destino grandioso reservado ao povo judeu, eleito para dirigir espiritualmente a humanidade.

O autor, cujas frases revelam a sinceridade e o patriotismo judaico, só tem em vista a grandeza de Israel; grandeza fatal, de origem divina, que arrasta os próprios judeus a um movimento inconciente, a que o mundo se deve submeter como a uma lei natural. Êste gênero de patriotismo tem a sua grandeza selvagem e fanática que não recua perante nenhum meio, nenhuma ruína, para realizar o ideal que a anima, e poderia provar que os judeus não destruem com a intenção deliberada de prejudicar, mas pelo desejo instintivo de aplicar a sua fôrça para o conseguimento do seu predomínio material e espiritual do mundo.

Deve-se lamentar que êste intuito implique a desagregação espiritual e, em parte, material das nações não judias.

A obra de Nossig tende principalmente a provar-nos que o socialismo é a expressão mundial, muitas vezes inconciente, da mentalidade judaica; é muito possível, mas isto não impede que consideremos o socialismo um elemento de destruição; e a afirmação de que, defendendo-nos contra êle, procedemos

(1) E. Eberlin — *Os judeus de hoje*, pág. 201.

como antissemitas, porque hostilizamos a mentalidade judaica, é insustentável.

E' absolutamente lógico que, no regime democrático, os judeus se tornem ràpidamente os únicos e verdadeiros dirigentes, e não é menos lógico que, conseguido êste resultado, queiram impor ao mundo o seu modo de pensar e de proceder, aproveitando-se da sua situação, para favorecer os seus interêsses, em prejuízo dos interêsses gentios. (Principalmente porque julgam ter contas atrasadas a ajustar).

Procuremos, pois, impedir o estabelecimento de semelhante situação.

Aqui há oportunidade para uma pergunta:

Devemos, então, censurar os judeus, por trabalharem para o engrandecimento da sua raça?

Respondo, sem hesitar: Não.

Não os devemos censurar por isto, como não extranhamos que um inglês ou um alemão trabalhem para a grandeza do seu país. Parece-nos até muito edificante o fervor, a convicção do patriotismo judeu. Somos nós que devemos tomar as precauções necessárias, não são êles que devem mudar. Isto seria, de resto, indiscutível, se não houvesse uma diferença: os alemães e os ingleses são conhecidos como tais e não ocultam que são, antes de tudo, alemães e ingleses e, por conseqüência, nossos antagonistas, ao passo que os judeus se aproveitam da sua falsa naturalização, para trabalhar, sem obstáculos, para o futuro do judaismo, em detrimento do país que lhes concede hospitalidade. Gozam, portanto, das vantagens da sua situação, sem cumprir os deveres que dela derivam.

Secundàriamente, se a hegemonia judaica mundial significasse elevação moral e material da humanidade, não teria adversários; mas implica, pelo contrário, a ruína espiritual e, em parte, material dos povos, ùnicamente em proveito do povo judeu. Logo, o anti-judaismo é uma obra de defesa e de conservação social, e não um ato de agressão, como pretendem os judeus.

Resumindo, podemos afirmar:

O domínio judaico é o resultado da conjugação das leis naturais e de uma conspiração.

Se é, de certo modo, a conseqüência lógica dos princípios modernos, sucede também que, em muitos casos, a origem e a aplicação dêstes princípios se devem à conspiração judeu-maçô-

nica, cujos esforços no sentido de estabelecer, no mundo, os princípios de 89 no domínio espiritual (materialismo, ateismo), político (liberalismo, democracia, república) e social (coletivismo), acabamos de verificar.

Refreando-lhes a atividade revolucionária, prestaríamos um serviço aos próprios judeus, primeiro, porque o seu famoso socialismo não é aplicável e secundàriamente, porque, se nós sucumbirmos, êles também perecerão, pois as suas faculdades são, essencialmente, faculdades de parasitas e a história ensina que, entregues a si próprios, foram sempre incapazes de edificar e dirigir os seus estados.

As advertências, todavia, não nos faltaram. Sabemos o que disse Dostoiewsky, no seu *Diário de um escritor*, antes de 1880. Citámos também a impressionante profecia de Copin Albancelli. Transcrevemos agora a opinião de um autor menos conhecido, Wilhelm Marr.

Wilhelm Marr foi um revolucionário alemão que guerreou encarniçadamente, durante muitos anos, o cristianismo e tomou parte ativa na revolução de 1848. Mais tarde, verificou que esta fôra proveitosa para os judeus, e, em 1879, publicou um livro intitulado *A vitória do judaismo sôbre o cristianismo*, em que dizia:

"Declaro, em voz alta e sem a mínima intenção de ironia, a vitória do judaismo, na história mundial; publico o boletim da batalha perdida, da vitória do inimigo, inexorável para os vencidos.

"Neste país de pensadores e de filósofos, a emancipação dos judeus realizou-se em 1848. Desde então, começou esta guerra de trinta anos que o judaismo nos move agora abertamente.

"Nós, os alemães, pronunciámos, em 1848, a nossa abdicação oficial, em favor do judaismo que, a partir da sua emancipação, se tornou para nós um assunto proibido...

"No momento atual, única entre todos os Estados da Europa, a Rússia ainda opõe resistência ao reconhecimento oficial da invasão dos estrangeiros. E' o último baluarte, contra o qual os judeus edificaram a sua última trincheira e, se julgarmos pela marcha dos negócios, a capitulação da Rússia será apenas uma questão de tempo.

"Nesse imenso império, o judaismo encontrará êsse "ponto

de apôio de Arquimedes" que lhe permitirá arrancar definitivamente dos eixos tôda a Europa ocidental. O espírito elástico dos judeus arrastará a Rússia a uma revolução tão formidável, como jamais nos foi dado contemplar.

"Na Rússia, a situação do judaísmo é tal, que ainda faz temer a sua expulsão. Quando tiverem abatido a Rússia, os judeus não recearão mais nenhum poder. Quando se tiverem apossado de tôda as funções do Estado, na Rússia e entre nós, empreenderão oficialmente a destruição da sociedade da Europa ocidental; e êste *último momento* da Europa condenada não tardará mais do que cem ou cento e cincoenta anos, porque, atualmente, os acontecimentos se desenvolvem com rapidez muito maior do que nos séculos precedentes".

CONCLUSÃO GERAL

O fim desta obra era mostrar a influência revolucionária de duas fôrças geralmente desconhecidas. Mas porque até agora o público parece ignorá-las, não devemos cair no exagêro oposto a acusá-las de serem a causa única de todo o mal.

Podemos, em resumo, formular, nas suas linhas gerais, a seguinte conclusão:

São diversas as causas da revolução: algumas normais e bem conhecidas — industrialismo, superpopulação, mal-estar geral, anarquia universal, devida ao enfraquecimento de todo poder espiritual — foram expostas, com grande competência, por outros autores e não cabem nos limites dêste livro. Limitar-nos-emos a dizer que criaram um descontentamento geral, explorado por uma determinada classe de indivíduos e de organizações, para propagar a revolução; mal-estar, que, muitas vezes, onde não existia foi promovido artificialmente, para o mesmo fim.

Há, em tôda revolução, mais artifício do que geralmente se pode julgar.

Não devemos atribuir ùnicamente aos judeus êste artifício; ignoramos também se êles constituem o elemento subversivo mais numeroso; mas, em virtude das suas qualidades de raça, são os estrategistas, os dirigentes e quasi os únicos beneficiários de tôdas as revoluções.

Não atacamos os judeus, só por serem judeus. Nem nos preocuparia a sua expansão material, e principalmente moral, se ela não originasse fatalmente a nossa destruição. Clamam, sem cessar, contra as persecuções; mas quem são, na realidade, os perseguidos? Se consideram antissemitismo o fato de nos defendermos contra êles, há, então, pelo mundo muitos antissemitas inconcientes. Os verdadeiros responsáveis não são êles,

somos nós. As fôrças do mal sempre existiram; é verdade que, a partir do século XVIII, uniram-se e organizaram-se universalmente, assumindo, ao mesmo tempo, uma forma mais insidiosa: a destruição por meio da idéia. Todavia, enquanto os estados se guiaram pelos dois princípios diretores da monarquia absoluta por direito divino e da religião, as fôrças do mal nada puderam contra êles; no dia em que os abandonaram, o poder maléfico triunfou.

O socialismo e a democracia constituem a ilusão mais formidável dos tempos modernos. Não há necessidade de insitir sôbre isto; os próprios revolucionários o afirmam. Quanto à forma de govêrno republicano, tão exaltada atualmente, seria louvável em teoria, se não caísse fatalmente sob o domínio judeu-maçônico. Aliás, a judeu-maçonaria não oculta que preconiza esta forma de govêrno, para dominar mais fàcilmente, sem sérios obstáculos. E' por isto que teme tanto o poder absoluto, o único que lhe pode cortar o caminho.

A gravidade da situação atual não consiste nos danos materiais causados pela revolução, mas no espírito democrático, materialista e subversivo que impera na nossa época e cuja influência todos sofrem, às vezes inconcientemente. A mentalidade judaica invadiu o mundo, mas o judaísmo só se tornou um elemento destrutor, porque nos deixamos dominar por êle. Nunca se insistirá bastante sôbre êste ponto.

O problema judeu é um assunto interdito, mas a situação se está tornando muito grave e já não é possível calar-se.

Não é admissível que deixemos massacrar os nossos irmãos russos, sem tentar alguma cousa em sua defesa.

Vimos o que o judaísmo fêz na Rússia. Uma sorte igual ameaça-nos a todos. Só os meios diferem, conforme os países. Na Rússia, aplicou-se o bolchevismo; na França, opera a desagregação lenta, provocada pela república maçônica; noutra parte, será outra cousa. Mas o fim, a vitória da revolução — com a sua conseqüência, o domínio material e espiritual do judaísmo — é, em tôda parte, o mesmo.

A primeira parte da luta deve consistir, por conseguinte, em elucidar a questão judeu-maçônica. Se, como afirmam, são inocentes, os judeus e os maçons, deveriam ser os primeiros a desejar um esclarecimento público que até agora nunca requereram.

Depois tratar-se-á de organizar as medidas defensivas, que

podem muito bem não ser violentas. Cabe aos competentes definir quais serão as mais apropriadas.

Atualmente, o que mais importa é lutar contra a revolução, sobretudo contra o espírito revolucionário. Esta luta deve assumir caráter internacional, e é preciso que uma mesquinha exaltação patriótica não ponha obstáculos à união indispensável de todos os elementos sãos do globo, contra o inimigo comum.

E', para nós, questão de vida ou de morte e questão urgente, porque, quanto mais tardarmos, mais ruínas se irão acumulando.

Como se pode combater o espírito revolucionário? Indiquemos apenas a direção geral, que conviria seguir.

E' preciso agir ao mesmo tempo direta e indiretamente. Verificou-se que a ação indireta é a mais eficaz e consiste em operar a nossa conversão, sem esperar a conversão do adversário.

Para tal fim, é preciso libertar-nos dos mortíferos princípios de 1789 que nos foram inoculados pelos judeus e pelos maçons; é necessário abandonar o parlamentarismo, o sufrágio universal, o liberalismo, a demagogia, o ateísmo considerado religião oficial; é indispensável voltar às tradições, à monarquia absoluta, ao ensino obrigatório dos preceitos religiosos nas escolas, à hierarquia social, a tudo o que pode refrear as fôrças cegas da corrupção popular e o poder ilimitado do ouro; assim conseguiremos, talvez, subtrair-nos a esta embrutecedora mentalidade econômica atual, de origem judaica, que torna os negócios e o ouro fim supremo e razão de ser da vida, em prejuízo da cultura, da beleza e da elevação moral. Então o organismo social voltará à normalidade e o micróbio judeu-maçônico nada poderá contra êle.

Esta questão é internacional. E' a luta entre dois conceitos de civilização diametralmente opostos, um dos quais deve triunfar ou perecer no mundo. Não há uma separação impermeável para as idéias. Não seria possível, por muito tempo, a existência de uma civilização socialista e materialista em Moscou e de uma civilização cristã no ocidente. A teoria de espalhar a revolução nos países vizinhos, para enfraquecê-los, em proveito da própria nação, é insensata. E' lamentável que haja governos conservadores, capazes de aplaudir a revolução russa e que ainda hoje não compreendam que o perigo da contami-

nação bolchevista é muito mais grave do que uma rivalidade comercial ou militar. Assinalemos, a êste respeito, a perspicácia do ministro da Holanda, cujo relatório citamos.

Tôdas as considerações deveriam estar, hoje, subordinadas à luta contra o espírito revolucionário. Sou dos que pensam que só a monarquia absoluta, apoiada numa nobreza forte, é capaz de lutar eficàzmente e que devemos promover o estabelecimento e o restabelecimento das monarquias em qualquer país.

Os sociológos e os filósofos dizem-nos que a forma política é a simples manifestação da mentalidade de um povo e que, iniciar a obra de reforma pelo lado político, é pôr o arado adiante dos bois, é partir das conseqüências e não dos princípios, é edificar sôbre areia.

Duas razões se podem opor a esta opinião. Em primeiro lugar, a monarquia não é apenas um regime político, mas compreende, quasi fatalmente, um sistema político, social e religioso que, pela sua essência e no seu interêsse, se opõe a todo princípio subversivo. O ódio dos revolucionários pelas monarquias prova-o cabalmente.

Em segundo lugar, a mentalidade de um povo não é um produto espontâneo; pode ser criada e formada por diferentes meios, sendo os principais a escola e a imprensa. E' preciso, pois, tomar conta dêstes dois fatores da opinião pública. O regime político é o meio de alcançar os princípios essenciais cuja base é a religião, visto que a tradição e a religião cristãs constituem, há dois mil anos, a armadura da sociedade ocidental.

Ao mesmo tempo, devemos agir diretamente, organizando medidas defensivas contra a Maçonaria e o judaísmo.

Contra a Maçonaria?

E' muito simples. Basta proibir tôda associação secreta, não autorizada pelo Estado. Não se conseguirá com isto destruí-la, mas reduzí-la-emos à impotência. Mussolini e o govêrno húngaro deram um exemplo que será, sem dúvida, imitado.

Muito mais difícil será defender-se contra os judeus. Algumas individualidades, e não das menos importantes, consideram insolúvel êste problema. Não existe uma solução perfeita que permita proteger-nos, sem prejudicar os judeus. A única verdadeiramente eficaz, seria o extermínio total dos judeus ou das

outras raças, sôbre a qual é inútil insistir. Examinemos as outras.

A assimilação? A própria essência do judaísmo torna-a impossível, como atesta a história do povo judeu.

"A assimilação constituiria o milagre, a ruptura na cadeia eterna da casualidade... o judeu assimilado poderia não formar uma única idéia judaica, não ler nunca um livro judeu, mas, no caráter essencial de tôdas as suas paixões tanto como em todos os seus atos, seria sempre judeu. [1]

"Desde que não pode ser igual, aspira a ser superior à massa dos homens. Só a violência brutal e irresisitível pode torná-lo escravo. [2]

"Não, a assimilação é impossível; é impossível, porque o judeu não pode mudar o seu caráter nacional; embora quisesse, consegue, menos do que qualquer outro povo, renegar-se a si próprio. [3]

"A-pesar-de tudo, é judeu e conserva-se judeu. Cedo ou tarde, o perceberá. Judeus e gentios sabem que esta questão é insolúvel; esperaram encontrar um recurso. Não há nenhum. Nenhum..." [4]

Privar os judeus dos direitos civis e políticos? Além de ser profundamente irritante, esta medida não representaria um meio de defesa eficaz. Não esqueçamos que é preciso proteger-nos, tanto contra o espírito judaico, quanto contra os indivíduos. E êsse meio nada poderia contra a finança judaica.

O Sionismo, isto é, conceder à raça judia uma pátria própria? Seria talvez a solução preferível, a mais justa; mas será realizável? Duvidamos. Aliás, os judeus não a aceitam absolutamente; ou desejam-na, mas com esta condição:

"A nova Judéia não abrangeria a totalidade dos judeus; a maior parte dêste continuaria a residir na pátria adotiva, mas receberia da pátria comum o impulso necessário. A criação de

(1) Ludwig Levinsohn — *Israel*, pág. 36. Nova York, 1925.
(2) L. Levinsohn — Obra citada, pág. 37.
(3) L. Levinsohn — Obra citada, pág. 38.
(4) L. Levinsohn — Obra citada, pág. 41.

um centro judeu lhe restituiria a vida e a unidade. E' êste, integralmente, o sonho dos sionistas contemporâneos".

Comentando estas palvras, G. Batault escreve:

"Se fôsse êste o sonho integral do sionismo e se o sionismo fôsse realmente isto, constituiria uma verdadeira conspiração contra os gentios e justificaria as manobras e os contra-ataques dos antissemitas. Que seriam, com efeito, êsses judeus que continuariam a viver nas pátrias adotivas, recebendo, ao mesmo tempo, do seu país o impulso necessário, senão uma conspiração permanente contra a segurança dos Estados?

"Se o povo judeu reconstituído quiser formar uma nação entre as nações, todos temos o interêsse e o dever de o auxiliar; se, pelo contrário, pretender organizar-se internacionalmente, para arruinar e dominar as nações, estas têm o dever de se insurgir, afim de lho impedir".

Aliás, não é certo que, formando uma nação em território próprio e com govêrno nacional, os judeus consigam prosperar. Suas faculdades inatas, desenvolvidas por trinta séculos de hereditariedade, tornaram-nos uma raça maravilhosamente apropriada para utilizar o que os outros produzem, em todos os ramos, mas raramente capaz de uma produção original. No dia em que, em lugar de viverem dos outros, os judeus só dependerem de si próprios, a situação lhes parecerá infinitamente desagradável. [1]

Além disto, não podendo mais exercer-se contra os governos gentios, o espírito de revolta inerente ao judaismo voltar-se-ia contra o seu. Mas isto afinal não nos interessa, e seria justo que utilizassem, contra si mesmos, as faculdades destrutoras que, por tanto tempo, dirigiram contra os cristãos.

Na realidade e por muitas razões, a primeira experiência de sionismo, na Palestina, malogrou-se.

E' indubitável que o problema judaico se apresenta cheio

(1) Nos primeiros tempos do sionismo, tendo um jornalista manifestado a idéia de que os judeus não ficariam na Palestina, por não terem a quem explorar, a imprensa judaica cobriu-o de injúrias.

de dificuldades; todavia, não será praticando a política do abestruz ou ignorando-o deliberadamente, que o resolveremos. Continuando assim, chegaremos ao resultado seguinte:

Assistiremos a um triunfo passageiro da revolução, quer sob a forma violenta assumida na Rússia, quer sob a forma lenta adotada na França, cuja conseqüência será a primeira realização da hegemonia judaica mundial. A tudo isto sucederá uma reação contra os abusos inevitáveis dos judeus e uma onda de antissemitismo de uma violência tal, que assombrará o mundo. A segunda parte do programa prepara-se na Rússia e na zona da Europa oriental que já experimentou o domínio judaico. Resultado final: ruína e destruição nos dois campos.

Terminamos o nosso estudo sôbre as duas principais fôrças secretas da revolução.

Não haverá, porém, um terceiro poder, cuja sombra temível paira sôbre tôda esta obra?

"Sob as fôrças concretas da revolução, atrás do grupo secreto e invisível que talvez as dirija, não existirá outra fôrça ainda mais poderosa?

"Quando o nosso olhar investiga, através dos séculos passados, os episódios sombrios que assinalaram a história da humanidade, desde as suas origens mais remotas — cultos estranhos, ondas de magia, blasfêmias e sacrilégios — como é possível duvidar da existência de um poder oculto, operando no mundo?

"Indivíduos, seitas e raças animados pelo desejo de domínio mundial, forneceram as fôrças ativas de destruição.

"Mas, atrás dêles, opera o verdadeiro espírito das Trevas, em perpétuo conflito com o espírito da Luz." [1]

(1) N. H. Webster — *Associações secretas e movimentos subversivos*, conclusão.

APÊNDICE

O trecho seguinte mostra o ponto a que pode chegar o ódio judeu contra o cristianismo:

"Ieshou (Jesús) o Nazareno, que desviou o mundo do culto do Santo — bendito seja, — será julgado eternamente. Tôdas as sextas-feiras, seu corpo será recomposto e atirado à fervura, à entrada do *Sabbat*. O inferno poderá findar, mas o seu castigo e os seus tormentos nunca terão fim. Ieshou e Mahomet são êsses ossos impuros do cadáver putrefato, de que diz a Escritura: "Vós os deitareis aos cães". São os excrementos imundos dos cães e, por terem seduzido os homens, desceram ao inferno, donde jamais tornarão a subir". [1]

Pode-se objetar que se trata de textos antigos, mas encontram-se trechos quasi análogos, numa história blásfema do nascimento e da vida de Jesús, traduzida do hebreu, brochura editada em 1919, que todos podem comprar, em Londres, por 6 pences. Certas passagens, impressas em latim, eram demasiado obcenas, para serem publicadas em inglês. E' o *The Jewish life of Christ, being the Sepher Toldoth Jeshu or book of the generation of Jesus: London, the Pioneer press*, 1919, traduzido do hebreu por G. W. Foote e J. M. Wheeler.

E' a reedição do célebre *Sepher Toldoth Jeshu*, versão cabalística judaica da vida e da morte de Jesús Cristo.

Data do princípio da era cristã. Os judeus ocultavam-no zelosamente. Foi traduzido pela primeira vez, em fins do século XIII, por um monje dominicano chamado Rajmundo Martin.

Não é singular que essa blasfêmia medieval circule hoje, pelas ruas de Londres, sob a forma de edição popular?

FIM

---

(1) *Sepher Ha Zohar*, tradução Jean de Pauly, vol. II, pág. 88, Paris. E. Leroux, 1907. Nota do tradutor: um trecho semelhante, suprimido pela censura, foi citado por G. H. Dolman. São as interpolações modernas que não pertencem à essência do *Zohar*.

OBRAS A CONSULTAR

FRANÇA

Luchet (Marquez de) — *Essais sur la secte des Illuminés*, 1789.
Robinson (John) — *Preuve d'une conspiration contre les Rois et les religions* (tradução), 1798.
Barruel (Abade) — *Mémoires pour servir à l'histoire du Jacobinisme*, 1798.
Eckert — *La Franc-Maçonnerie dans sa vraie signification* (tradução), 1852.
Crétineau-Joly — *L'Église Romaine en face de la Révolution*, 1859.
Lecouteux de Canteleu (Conde) — *Les Sectes et Sociétés secrètes, politiques et religieuses, essai sur leur histoire depuis les temps les plus reculés jusqu'à la Révolution Française*, 1863.
Gougenot des Mousseaux — *Le Juif, le Judaïsme et la judaïsation des peuples*, 1869.
Deschamps (P.) — *Les Sociétés secrètes et la Société.*
Deschamps (P.) et C. Janet — *Histoire des sociétés secrètes.*
Janet (Cláudio) — *La Franc-Maçonnerie et la Révolution.*
Lemann (Abade) — *L'entrée des Israélites dans la société française.*
— *La prépondérance juive*, 1889.
Cochin et Charpentiér — *La campagne électorale de 1789 en Bourgogne.*
Lazare (Bernard) — *L'antisémitisme*, 1894.
— *Le fumier de Job*, 1928.
Brafman (I.) — *Le livre du Kahal* (tradução), 1873.
Kalixt de Wolsky — *La Russie juive* (tradução), 1887.
Rohling (A.) — *Le Juif Talmudiste*, 1878.

Lamarque (Abade de) — *Le Juif Talmudiste*, 1888.
Lombard de Langres — *Histoire des Sociétés secrètes.*
Bord (G.) — *La Franc-Maçonnerie en France*, 1908.
Copin Albancelli — *Le drame maçonnique, le pouvoir occulte contre la France*, 1908.
— *La conjuration juive contre les peuples*, 1909.
Le Forestier — *Les Illuminés de Bavière*, 1914.
Delassus (Mons.) — *Le problème de l'heure présente.*
— *La conjuration antichrétienne*, 1910.
Drumont (E.) — *La France juive.*
Tormay (C. de) — *Le livre proscrit*, 1919.
Jouin (Mons.) — *Le péril judéo-maçonnique*, 5 volumes, 1919-1927.
Lambelin (R.) — *Le règne d'Israël chez les Anglo-Saxons.* — *L'Impérialisme d'Israël.*
Groos (René) — *Enquête sur le problème juif*, 1920.
Batault (G.) — *Le problème juif*, 1921.
Sombart (Werner) — *Les juifs et la vie économique*, 1923.
Lebey (A.) — *Dans l'atelier maçonnique.*
— *La Franc-Maçonnerie et la paix.*
Michel (G.) — *La dictature de la Fr∴ M∴ sur la France*, 1924.
Preuss (A.) — *Étude sur la Fr∴ M∴ américaine.*
Netchvolodoff (A.) — *Nicolas II et les Juifs*, 1924.
Cochin (A.) — *Les sociétés de pensée et la révolution en Bretagne*, 1924.
Sokoloff (Nicolas) — *L'Enquête judiciaire sur l'assassinat de la famille impériale de Russie*, 1924.
Bérault (H.) — *Ce que j'ai vu à Moscou*, 1925.
Lantoine (A.) — *Histoire de la Franc-Maçonnerie Française*, 1925.
— *Hiram couronné d'épines*, 1926.
— *Hiram au jardin des oliviers*, 1928.
Maxé (J.) — *Anthologie des défaitistes*, 1925.
Martin (G.) — *La F∴ M∴ Française et la préparation de la révolution*, 1925.
Guénon (R.) — *La crise du monde moderne*, 1927.
— *Le théosophisme*, 1921.
— *Le roi du monde*, 1927.
Izoulet (J.) — *Paris, capitale des religions*, 1927.
Molle — *Le front unique*, 1927.

Melgounov (S. P.) — *La Terreur rouge*, 1927.
Gautherot (G.) — *Le monde communiste*, 1927.
Elie-Eberlin — *Les Juifs d'aujourd'hui*, 1927.
Tharauld (J. et J.) — *Quand Israël est roi*, 1921.
— *Causerie sur Israël*, 1927.
Duguet (Raymond) — *Un bagne en Russie Soviètique*, 1928.
Fleg (Edmond) — *Pourquoi je suis Juif*, 1928.
Mennevée (R.) — *L'organisation antimaçonnique en France*, 1928.
Plantagenet (E.) — *La Franc-Maçonnerie Française*, 1928.
Malynski (E.) — *La Grande Conspiration mondiale*, 1928.
Kadmi-Cohen — *Nomades* (Essai sur l'Âme juive), 1929.
Cavalier (A.) — *Les Rouges Chrétiens*, 1929.
X... — *L'Élue du dragon*, 1929.

INGLATERRA

Robinson (John) — *Proof of a conspiracy.*
Hughan (W. J.) — *Constitutions of the Freemasons of the premier grand Lodge of England*, 1899.
Ginberg (A.) — *Transvaluation of value.*
Morning Post — *The cause of the world unrest*, 1920.
Webster (N. H.) — *The world revolution*, 1922.
— *Secret Societies and subversive movements*, 1924.
— *The socialist Network*, 1927.
Dillon (Dr. E. J.) — *The Inside story of the peace conference.*
Pitt-Rivers (G.) — *The world significance of the Russian Revolution*, 1920.
Valentinof (A.) — *The assault of Heaven*, 1925.
Belloc (Hilaire) — *The Jews.*
Dargon — *The Nameless order.*
Rev. H. J. Thurston S. J. — *Freemasonry.*
Sepher Toldoth Jeshu — The jewish life of christ (trad. por G. W. Foote e J. M. Wheeler) 1919.

ESTADOS UNIDOS

Ford (H.) — *The International Jew*, 4 vols. 1920.
Lewinsohn (Ludwig) — *Israël*, 1925.

ALEMANHA

Eckert — *Der Freimaurerorden in seiner wahren Bedeutung*, 1852.
Justus (Dr. Briman) — *Der Judenspiegel*, 1883.
Ecker (Dr.) — *Der Judenspiegel im Lichte der Warheit*, 1884.
Lewin (Ad.) — *Der Judenspiegel des Doctors Justus*, 1884.
Loewe (H. G.) — *Der Shulsham arukh*, 1837.
Karl Marx — *Die Judenfrage*, 1844.
Goldschmidt (Lazarus) — *Talmud* (tradução alemã).
Jellinek (A.) — *Der Jüdische Stamm*, 1869.
— *Gegen die Antisemiten*, 1882.
Graetz — *Die Geschichte der Juden*.
Weininger (Otto) — *Geschlecht und Charakter*.
Marr (Wilhelm) — *Der Sieg des Judentums über das Christentum*, 1879.
Herzl (Th.) — *Der Judenstaat*.
Stern (L.) — *Die Vorschriften der Thora welche Israël in der Zerstreuung zu beobachten hat*, 1904.
Begemann (W.) — *Vorgeschichte und Anfänge der Fr.·. M.·. in England*, 1909.
Gruber (H.) — *Der giftige Kern*, 1899.
Muffelmann (Ludwig) — *Die Italienische Freimaurerei und ihr wirken für die teilnahme Italiens an dem Krieg*, 1915.
Pharos (Prof.) — *Der Prozess gegen die Attentäter von Sarajevo*, 1918.
Findel (J. G.) — *Der Jude als Freimaurer*.
— *Grundsätze der Freimaurerei im Völkerleben*.
Rosenberg (A.) — *Das Verbrechen der Freimaurerei*, 1920.
— *Der Staats-feindliche Zionismus*.
— *Un-moral im Talmud*.
— *Pest in Russland*.
— *Die Spur der Juden*, 1919.
Eisele (Hans) — *Bilder aus dem Kommunistischen Ungarn*, 1920.
Wichtl (D.) — *Weltfreimaurerei, Weltrevolution, Weltrepublik*, 1921.
Eberlé (J.) — *Grossmacht Presse*.
Nossing (A.) — *Integrales Judentum*.
Kohn (A.) — *Die Juden und die Freimaurer*.

Fritsch (Th.) — *Tachenbuch der Judenfrage*.
— Socialistes révolutionnaires russes de Berlin — *Tcheka*.
Nilostonsky — *Der Blutrausch des Bolchevismus*, 1920.
Popoff (Georg) — *Tcheka*, 1926.
Ludendorff (E.) — *Die Vernichtung der Freimaurerei*, 1927.
— *Kriegshetze und Völkermorden*, 1928.
Schwartz Bostunitch (Gregor) — *Die Freimaurerei*, 1928.
Hergeth — *Aus der Werkstatt der Freimaurer und Juden in Oesterreich*, 1928.

Índice

Pág.

JUDAÍSMO

PRIMEIRA PARTE

A AÇÃO REVOLUCIONÁRIA DOS JUDEUS NO MUNDO

SEGUNDA PARTE

A ORGANIZAÇÃO JUDAICA

EDIÇÃO
N.º 945

Para pedidos telegráficos dêste livro, basta indicar o número 945 *antepondo* a êsse número a quantidade.

Exemplo : para pedir 10 exemplares do presente livro basta indicar : **GLOBO — Porto Alegre — 10945.**

945 — Of. Graf. da Liv. do Globo — P. Alegre